

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS - FLet  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL  
MESTRADO EM LETRAS

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA COARIENSE: UM  
ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

LINHA DE PESQUISA 1: LÍNGUA, ENSINO E SOCIEDADE

MANAUS

2024

**ILNA KELLY FERREIRA DOS SANTOS**

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA COARIENSE: UM  
ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

LINHA DE PESQUISA 1: LÍNGUA, ENSINO E SOCIEDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal do Amazonas – UFAM como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flávia Santos Martins

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

MANAUS

2024

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237v Santos, Inna Kelly Ferreira dos  
As vogais médias pretônicas na fala coariense: um estudo geossociolinguístico / Inna Kelly Ferreira dos Santos . 2024  
159 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Flávia Santos Martins  
Coorientadora: Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso Dissertação  
(Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Dialetoлогия. 2. Variação fonético-fonológica. 3. Vogais médias pretônicas. 4. Coari. I. Martins, Flávia Santos. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

## RESUMO

Este estudo de natureza dialetológica aborda a variação fonético-fonológica das vogais médias pretônicas /e, o/ na fala de moradores da Zona Urbana (cidade de Coari) e da Zona Rural (Costa do Juçara), que pertencem ao município de Coari, localizado na Microrregião do Rio Negro-Solimões (AM). Nesta pesquisa buscou-se: analisar e descrever, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional (1998), as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. Além disso, buscou-se também: elaborar cartas fonéticas para a visualização e análise das variantes pretônicas de /e, o/ no espaço cartográfico; estabelecer a norma de uso da localidade baseado na frequência e distribuição regular; fazer um estudo, levando em consideração a mudança em tempo real, ao se comparar os dados de Azevedo (2013), que realizou a coleta de dados da pesquisa dele em 2011, com os resultados desta pesquisa atual; verificar os fatores extralinguísticos, tais como diazonal (Zona Urbana *versus* Zona Rural), diageracional (população jovem *versus* população de idade intermediária *versus* população de idade mais avançada), diassexual (homem *versus* mulher) e diacrônica (ano de 2011 *versus* 2023), que podem estar exercendo influência na ocorrência das variantes fonéticas de /e, o/. Os parâmetros da pesquisa dialetológica utilizados foram: a seleção de dois pontos de inquérito, a confecção e aplicação de um questionário fonético-fonológico (contendo 125 perguntas), a escolha dos informantes (sendo 12 em cada ponto de inquérito), e a elaboração das cartas fonéticas, utilizando-se do *Software* de geoprocessamento e georreferenciamento QGIS, versão 3.30. Como resultado da pesquisa, foram elaboradas 16 cartas fonéticas; foi estabelecida a norma de uso da localidade; foram comparados os resultados desta pesquisa, considerando-se um estudo de mudança em tempo real, com os de Azevedo (2013); e foram verificadas as dimensões ou os fatores extralinguísticos que estão exercendo influência na ocorrência das variantes fonéticas de /e, o/ na posição pretônica. Segundo essas dimensões e parâmetros da pesquisa dialetológica, foram estudados três fenômenos, a saber: a manunção, o abaixamento e o alteamento dessas duas variáveis fonético-fonológicas. Os resultados mostram que a vogal anterior /e/ se realizou foneticamente como [ɛ], [e], [i], [ẽ], [ĩ] e [a], enquanto a vogal posterior se realizou foneticamente como [a] [ɔ], [õ], [o], [ũ] e [u]. Dessa forma, o quadro atual de vogais pretônicas tripartites se mantém, sendo [ɛ], [e], [i] e [ɔ], [o] e [u] consideradas as mais expressivas.

**Palavras-chave:** Dialectologia. Variação fonético-fonológica. Vogais médias pretônicas.



## ABSTRACT

This study of a dialectological nature addresses the phonetic-phonological variation of the pretonic mid vowels /e, o/ in the speech of residents of the Urban Zone (city of Coari) and the Rural Zone (Costa do Juçara), who belong to the municipality of Coari, located in the Microregion of Rio Negro-Solimões (AM). In this research we sought to: analyze and describe, based on the theoretical-methodological assumptions of Pluridimensional Dialectology (1998), the phonetic realizations of the pretonic mid vowels /e/ and /o/. In addition, we also sought to: develop phonetic charts for the visualization and analysis of pretonic variants of /e, o/ in the cartographic space; establish local usage standards based on frequency and regular distribution; carry out a study, taking into account the change in real time, when comparing the data from Azevedo (2013), who collected data from his research in 2011, with the results of this current research; verify extralinguistic factors, such as diazonal (Urban Zone versus Rural Zone), diagenational (young population versus intermediate-aged population versus older population), diasexual (man versus woman) and diachronic (year 2011 versus 2023), which may be influencing the occurrence of phonetic variants of /e, o/. The parameters of the dialectological research used were: the selection of two points of inquiry, the creation and application of a phonetic-phonological questionnaire (containing 125 questions), the choice of informants (12 at each point of inquiry), and the elaboration of phonetic letters, using the geoprocessing and georeferencing software QGIS, version 3.30. As a result of the research, 16 phonetic charts were created; the locality's usage rules were established; the results of this research were compared, considering a study of change in real time, with those of Azevedo (2013); and the dimensions or extralinguistic factors that are influencing the occurrence of phonetic variants of /e, o/ in the pretonic position were verified.

According to these dimensions and parameters of dialectological research, three phenomena were studied, namely: the maintenance, lowering and raising of these two phonetic-phonological variables. The results show that the front vowel /e/ was realized phonetically as [ɛ], [e], [i], [ẽ], [ĩ] and [a], while the back vowel was realized phonetically as [a] [ɔ], [õ], [o], [ũ] and [u]. Thus, the current picture of tripartite pretonic vowels remains, with [ɛ], [e], [i] and [ɔ], [o], [u] considered the most expressive.

**Keywords:** Dialectology. Phonetic-phonological variation. Pretonic middle vowels.

**Dedicatória**

Aos meus pais José dos Santos Pereira dos Santos e Eliete de Souza Ferreira.

Aos meus irmãos Jefferson Ferreira dos Santos e Kelly Monik Ferreira dos Santos

Ao meu filho Nailson dos Santos Azevedo

Ao meu cunhado Marlon Feitoza Queiroz

Obrigada por me apoiarem incondicionalmente!

### **Dedicatória Especial**

Aos meus avós Manuel Castilho Ferreira e Vanderlina Gonçalves de Souza por me contarem muitas histórias desde a infância.

### **Agradecimentos**

À professora Doutora Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso, minha orientadora. Mulher paciente de fala tranquila durante os dois anos de orientações e o mais engraçado é que eu levarei sempre comigo o modo como a Senhora chama meu nome: ILNÁ (rsrs). Escolhi ser orientada pela senhora por sua ampla experiência e conhecimento na sua área de atuação desde a confecção do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (2004) até a atualidade, tendo orientado inúmeros projetos na área dialetológica, contribuindo assim para a formação acadêmica, em nível de mestrado, de recursos humanos, satisfatoriamente. E por um dia durante a graduação, ter recebido das suas mãos, em um sorteio durante um SELIN, um livro de Geolinguística: tradição e modernidade, da autora Suzana Alice Cardoso, nunca me esqueci daquelas suas palavras: *te aguardo no mestrado!* Obrigada por ajudar tornar esse sonho realidade e por me incentivar a seguir no mundo da pesquisa. Se depender de mim, levarei a Dialetologia a lugares nunca d'antes navegados (rsrs).

Ao professor Doutor Valter Pereira Romano por ter trazido preciosas contribuições durante o exame de qualificação e defesa. Aprendi muito com você nas palestras pelo YouTube. Sempre que me sentia desmotivada durante a pesquisa ia lá e assistia a algum vídeo seu e me sentia recarregada para continuar. Obrigada por ter deixado os tutoriais do SGVCLin disponíveis e por me ajudar, ainda que de forma indireta, ao longo desses 2 anos.

Aos meus pais, José dos Santos Pereira dos Santos e Eliete de Souza Ferreira. Obrigada por me acompanharem durante a pesquisa na parte rural de Coari, por fazerem o contato direto com o líder de cada comunidade. Vocês dois ali comigo o dia inteiro, andando de uma comunidade à outra, subindo e descendo os barrancos em sua maioria escorregadios, para me ajudarem a cumprir aquela etapa é uma sensação imensa de gratidão. Durante as subidas e descidas no Rio Solimões gravei vídeos, fiz selfs, registrei momentos que ficarão em minha memória para sempre. Vocês foram a minha fortaleza maior ali. Isso é algo que não tem preço para mim, algo que eu nunca vou conseguir pagar.

À minha prima Sabrina de Souza Ferreira por me levar várias vezes em sua biz pelos bairros na parte urbana de Coari e conversar com seus conhecidos. Obrigada por me ajudar nessa etapa para que eu conseguisse fechar as entrevistas e completar a amostra.

Aos meus colegas que se tornaram amigos durante essa saga aqui no mestrado, Agostinho Filho da Silva Lima por seu apoio e não me deixar desistir nos momentos difíceis e Hudson Silva de Azevedo por ser o mais dedicado, por sempre salvar a nossa pele ao final das aulas de metodologia e por, segundo ele, sempre estar me perturbando (rsrs). Onde eu estiver lembrarei de vocês dois.

Ao Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas-FAPEAM pelo apoio financeiro ao longo desses 2 anos.

#### **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 Vista frontal da cidade de Coari.....	21
Figura 2 Os dois pontos de inquérito .....	55

## **LISTA DE CARTAS FONÉTICAS**

Carta Fonética 1 Variação Diatópica de /e/ .....	66
Carta Fonética 2 Variação Diazonal de /e/ .....	70
Carta Fonética 3 Variação Diassexual de /e/ .....	73
Carta Fonética 4 Variação Diassexual-Diazonal de /e/ .....	77

Carta Fonética 5	Varição Diageracional de /e/ .....	83
Carta Fonética 6	Varição Diageracional-Diazonal de /e/ .....	86
Carta Fonética 7	Varição Pluridimensional de /e/ no Contexto Diatópico.....	91
Carta Fonética 8	Varição Pluridimensional de /e/ no contexto Diazonal .....	93
Carta Fonética 9	Variantes Diatópica de /o/.....	101
Carta Fonética 10	Variantes Diazonal /o/.....	106
Carta Fonética 11	Varição Diassexual de /o/.....	109
Carta Fonética 12	Varição Diassexual-Diazonal de /o/.....	112
Carta Fonética 13	Varição Diatópica de /o/.....	119
Carta Fonética 14	Varição Diageracional-Diazonal de /o/ .....	123
Carta Fonética 15	Varição Pluridimensional de /o/ no Contexto Diatópico.....	128
Carta Fonética 16	Varição Pluridimensional de /o/ no Contexto Diatópico-Diazonal.....	130

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Alteamento, manutenção e abaixamento das realizações fonéticas da vogal pretônica anterior /e/.....	45
Tabela 2	Alteamento, manutenção e abaixamento das realizações fonéticas da vogal pretônica posterior /o/ .....	46

Tabela 3 Norma de uso das variantes de /e/ por palavra .....	94
Tabela 4 Norma de uso das variantes de /o/ por palavra.....	131

### **GRÁFICOS ESTATÍSTICOS COMPARATIVOS**

Gráfico 1 Variação Diatópia de /e/ .....	65
Gráfico 2 Variação Diatópica-Diacrônica de /e/ .....	67
Gráfico 3 Variação Diazonal de /e/ .....	69
Gráfico 4 Variação Diazonal-Diacrônica de /e/ .....	71

Gráfico 5 Variação Diassexual de /e/ .....	74
Gráfico 6 Variação Diassexual-Diacrônica de /e/ .....	75
Gráfico 7 Variação Diassexual-Diazonal de /e/ .....	78
Gráfico 8 Variação Diacrônica de /e/ no eixo Diassexual-Diazonal.....	79
Gráfico 9 Variação Diageracional de /e/ .....	81
Gráfico 10 Variação Diageracional-Diacrônica de /e/ .....	82
Gráfico 11 Variação Diageracional-Diazonal de /e/ .....	87
Gráfico 12 Variação Diacrônica de /e/ no eixo Diageracional-Diazonal .....	88
Gráfico 13 Variação Diatópica de /o/.....	100
Gráfico 14 Variação Diatópica-Diacrônica de /o/ .....	102
Gráfico 15 Variação Diazonal de /o/ por zona .....	103
Gráfico 16 Variação Diazonal-Diacrônica de /o/ .....	104
Gráfico 17 Variação Diassexual de /o/.....	108
Gráfico 18 Variação Diassexual-Diacrônica de /o/.....	110
Gráfico 19 Variação Diassexual-Diazonal de /o/ .....	113
Gráfico 20 Variação Diacrônica de /o/ no eixo Diassexual-Diazonal.....	114
Gráfico 21 Variação Diageracionnal de /o/.....	116
Gráfico 22 Variação Diageracional-Diacrônica de /o/ .....	117
Gráfico 23 Variação Diageracional-Diazonal de /o/ .....	122
Gráfico 24 Variação Diacrônica de /o/ no eixo Diageracional-Diazonal.....	124

## LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS

- [<sup>l</sup>] Marca da acentuação tônica
- [~] Marca a nasalização da vogal
- [ . ] separação silábica



## 1. Consoantes

[p] oclusiva bilabial surda  
[b] oclusiva bilabial sonora  
[t] oclusiva dental ou alveolar surda  
[d] oclusiva dental ou alveolar sonora  
[tʃ] africada alveolopalatal surda  
[dʒ] africada alveolopalatal sonora  
[k] oclusiva velar surda  
[g] oclusiva velar sonora  
[m] oclusiva nasal bilabial sonora  
[n] oclusiva nasal dental ou alveolar sonora  
[ɲ] oclusiva nasal palatal sonora  
[l] lateral dental ou alveolar sonora  
[ʎ] lateral palatal sonora  
[r] vibrante múltipla alveolar sonora  
[R] vibrante múltipla uvular sonora  
[ɾ] tepe dental ou alveolar sonoro  
[x] fricativa velar surda  
[χ] fricativa velar sonora  
[h] fricativa glotal surda  
[ɦ] fricativa glotal sonora  
[f] fricativa labiodental surda  
[v] fricativa labiodental sonora  
[s] fricativa dental ou alveolar surda  
[z] fricativa dental ou alveolar sonora  
[ʃ] fricativa alveolopalatal surda  
[ʒ] fricativa alveolopalatal sonora

## 2. Vogais orais

[i] anterior alta fechada  
[I] anterior alta semiaberta  
[e] anterior média fechada  
[ɛ] anterior média aberta  
[u] posterior alta fechada  
[ʊ] posterior alta fechada (átona final)  
[o] posterior média fechada  
[ɔ] posterior média aberta  
[a] central baixa aberta  
[ɐ] central baixa mais fechada

## 3. Vogais nasais

[ĩ] alta anterior  
[ẽ] média anterior  
[ũ] alta posterior

[õ] média posterior

[ã] baixa posterior

#### 4. Semivogais

[j] semivogal palatal

[w] semivogal velar

INTRODUÇÃO .....	16
1 ASPECTOS SÓCIOECONÔMICOS DO MUNICÍPIO DE COARI .....	20
2 QUADRO TEÓRICO .....	23
2.1 Contribuições da Sociolinguística para a pesquisa dialetológica .....	28
2.1 Dimensões da pesquisa dialetológica .....	28
2.1.1 Dimensão diazonal .....	28
2.1.2 Dimensão diageracional .....	29
2.1.3 Dimensão diassexual .....	29
2.1.4 Dimensão diacrônica .....	30
2.2 As vogais médias pretônicas no português do Brasil .....	30
2.2.1 As pretônicas na fala amazonense .....	33
2.2.2 O que apontam as pesquisas sobre as realizações fonéticas pretônicas /e, o/ no Estado do Amazonas? .....	35
2.3 A norma de uso e a arealização linguística .....	48
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	54
3.1. A rede de pontos .....	54
3.2. A seleção dos informantes .....	56
3.3. Envelope de variação .....	56
3.5 A coleta de dados .....	56
3.6 Tratamento dos dados .....	57
3.7 Elaboração das cartas fonéticas .....	57
3.8 Diário de Mestranda .....	58
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	62
4.1 As realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ .....	62
4.2 Resultados de /e/ .....	64
4.2.1 Na Dimensão Diatópica .....	64
4.2.2 Na Dimensão Diazonal .....	68
4.2.3 Na Dimensão Diassexual .....	72
4.2.4 Na Dimensão Diassexual-Diazonal .....	75
4.2.5 Na Dimensão Diageracional .....	80
4.2.6 Na Dimensão Diageracional-Diazonal .....	84
4.2.7 Variação Pluridimensional de /e/ no Contexto Diatópico .....	89
4.2.8 Variação Pluridimensional de /e/ no Contexto Diazonal .....	92
4.3 Norma de uso das variantes de /e/ .....	94
4.4 Resultado de /o/ .....	99
4.4.1 Na Dimensão Diatópica .....	99
4.4.2 Na Dimensão Diazonal .....	102
4.4.3 Na Dimensão Diassexual .....	107

4.4.4	Na Dimensão Diassexual-Diazonal.....	110
4.4.5	Na Dimensão Diageracional.....	115
4.4.6	Na Dimensão Diageracional-Diazonal.....	120
4.4.7	Varição Pluridimensional de /o/ no Contexto Diatópico.....	127
4.4.8	Varição Pluridimensional de /o/ no Contexto Diazonal.....	129
4.5	Norma de uso das variantes de /o/.....	131
CONCLUSÃO.....		134
REFERÊNCIAS.....		140
ANEXO I – Ficha da localidade.....		142
ANEXO II – Ficha do informante.....		143
ANEXO III – Questionário Fonético-Fonológico (QFF).....		144
ANEXO IV – Conversa semidirigida.....		154
ANEXO V – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....		155

## INTRODUÇÃO

Com base nos princípios e métodos da dialetologia pluridimensional (THUN, 1998), a variação fonético-fonológica é o foco desta pesquisa, na qual são descritas as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de moradores da Costa do Juçara (Zona Rural) e Cidade de Coari (Zona Urbana), que pertencem ao Município de Coari, Microrregião do Rio Negro-Solimões, localizada no Estado do Amazonas.

Contextualizando o fenômeno pretônico como marca de variação dialetal na região, Azevedo (2013) constatou que o /e/ e /o/ se realizaram respectivamente como [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u], de forma predominante na Zona Urbana e Zona Rural do município de Coari, considerando-se apenas a cidade de Coari e a Costa do Juçara como pontos de inquérito. O pesquisador também constatou a ocorrência dessas mesmas vogais na região do Baixo Amazonas, no Estado do Pará. Em tal pesquisa, houve o predomínio de vogais médias pretônicas altas [e] e [o] no Baixo Amazonas (PA), enquanto na Microrregião do Rio Negro-Solimões, onde está situado o município de Coari, houve uma ocorrência tripartite dessas vogais com incidências estatísticas próximas.

Partindo-se, portanto, das constatações de Azevedo (2013), a hipótese é de que, conforme o avançar dos anos, haja a tendência predominante de ocorrências de vogais médias altas [e] e [o] na Microrregião do Rio Negro-Solimões (AM). De fato, as variantes médias pretônicas altas [e] e [o] incidem de forma predominante na fala de moradores do município de Coari? Essa pergunta foi respondida à medida que os dados foram sendo analisados e comparados com os da pesquisa de Azevedo (2013).

Sobre o fenômeno pretônico, Antenor Nascentes (1922), ao ter viajado pela Região Amazônica, hipotetizou ao afirmar que a região Norte se caracterizava, dialetalmente, pela ocorrência de vogais médias abertas [ɛ, ɔ], em contexto pré-tônico. Por sua vez, na década de 1980, Corrêa constatou em sua pesquisa intitulada *O falar do caboco amazonense (aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves)* a ocorrência de vogais altas [i, u] na posição pretônica. Na mesma década, Cunha e Silva (1980), ao realizar a pesquisa em Manaus, encontrou em contextos linguísticos específicos ocorrências tripartites de variantes pretônicas de /e, o/, mas que as formas predominantes eram as vogais médias abertas [ɛ, ɔ] no falar manauara.

Na pesquisa de Cruz (2004), considerando os dados do Atlas Linguístico do Amazonas –ALAM, as variantes pretônicas ocorreram de maneira tripartite com predominância de vogais

abertas [ɛ, ɔ]. Já Silva (2009), voltando a um dos pontos de inquérito da pesquisa de Corrêa realizada na década de 1980, na cidade de Silves, que está localizada na Região do Médio Amazonas, encontrou a realização tripartite das vogais médias pretônicas /e, o/, a saber: [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u]. Ainda em se tratando do mesmo fenômeno pretônico, Quara (2012), tendo como ponto de inquérito a cidade de Manaus, considera que em determinados contextos linguísticos e extralinguísticos predominam vogais abertas [ɛ, ɔ], em outros, vogais fechadas [e, i] e [o, u], resultando, dessa forma, em ocorrências tripartites, ou seja, houve a incidência de variantes fonéticas [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u]. Por último, ainda abordando as vogais médias pretônicas na cidade de Manaus, Tavares (2019) mostra, em seu estudo, que tais vogais apresentam a mesma ocorrência tripartite em comparação aos resultados de outras pesquisas já descritas anteriormente e/ou realizadas na capital amazonense, pois há contextos que favorecem o aparecimento predominante de [i], de [e] e pouco de [ɛ] para a vogal média anterior /e/; e contextos que favorecem a ocorrência predominante de [o], de [u] e pouca incidência de [ɔ] para a vogal média posterior /o/.

Segundo Câmara Júnior (2009) e Silva (2014), as variantes pretônicas de /e, o/ constituem marcas de variação dialetal. Por exemplo, conforme Antenor Nascentes (1922), na Região Nordeste do Brasil, é comum no falar local, a ocorrência de maneira expressiva de vogais abertas [ɛ, ɔ] como na pronúncia da palavra *feijão*, que pode ser transcrita foneticamente como [fɛ.ˈʒãw], para vogal média anterior /e/; e como na pronúncia da palavra *mocidade*, que pode ser transcrita foneticamente como [mɔ.si.ˈda.dʒɪ], para a vogal média posterior /o/.

Considerando-se as variações fonéticas de vogais, Azevedo (2013) afirma que

a variação vocálica como marca de variação dialetal ocorre com mais frequência em vogais na posição pretônica, onde: o /e/ se realiza como [ɛ], a vogal /o/ se realiza como [ɔ]. Além dessas realizações, o /e/ e /o/ também podem sofrer alteamento, respectivamente, para [i] e [u] ou simplesmente podem se manter inalteradas como [e] e [o] (AZEVEDO, 2013, p.99).

O alteamento, a que se refere Azevedo (2013), diz respeito à elevação da língua na cavidade bucal para a produção das vogais [i, u], variantes fonéticas de /e, o/, pois quanto mais alta a língua estiver, mais propensa fica a pronúncia dessas vogais, consideradas, pois, vogais altas. Diante desse contexto, inclusas nele estão as variantes das variáveis médias pretônicas /e, o/, questionou-se se a configuração tripartite [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u], constatada na pesquisa de Azevedo (2013), se manteve na Zona Urbana (cidade de Coari) e Zona Rural do município de

Coari (Costa do Juçara).

A hipótese é a de que haja um predomínio das variantes fechadas [e, o] na fala de moradores do município de Coari, porque tais vogais se constituem o padrão da língua portuguesa, e mesmo porque o grau de escolarização dos moradores do Estado do Amazonas, de modo geral, tem aumentado, assim como existe a influência na maneira de falar dos povos da Região Amazônica resultante do avanço tecnológico, que a conecta as demais regiões do Brasil. Por sua vez, Manaus, o centro econômico e administrativo do Estado do Amazonas, influencia também o comportamento linguístico das hiterlâncias ribeirinhas.

Como suporte teórico na realização desta pesquisa, inclusa a seleção dos pontos de inquérito e dos informantes, o estabelecimento das dimensões e parâmetros da pesquisa dialetológica, a escolha do método de coleta de dados e a coleta de dados propriamente dita, a quantificação dos dados e a elaboração de cartas fonéticas, foram adotados os princípios e métodos da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998).

Esta pesquisa se justifica pelo fato de ser necessário conhecer o modo de falar dos povos ribeirinhos das Comunidades da Costa do Juçara e dos moradores da cidade de Coari. Por isso, é importante conhecer a realidade linguística dessas localidades no que diz respeito às ocorrências fonéticas de /e, o/.

Segundo os resultados para as realizações de /e, o/, na pesquisa de Azevedo (2013), e cujo questionário fonético-fonológico foi aplicado em 2011, houve predominância na ocorrência da vogal média baixa [ɛ] como variante da vogal média pretônica anterior /e/ nas comunidades da Costa do Juçara, Ariri, Saubinha, Itapéua (todos esses lugares pertencem ao município de Coari) e na cidade de Coari; enquanto nos resultados para a vogal média posterior /o/, a incidência foi tripartite, pois praticamente, as três variantes [ɔ, o, u] apresentaram o mesmo percentual de ocorrência nas mesmas localidades pertencentes ao município de Coari e na cidade de Coari. Passados doze anos da coleta de dados de Azevedo (2013), é possível que esse quadro, contendo as variantes de vogais médias pretônicas, tenha se alterado.

Em se tratando do impacto científico da pesquisa, existe a necessidade de se fazer o mapeamento geossociolinguístico das variantes pretônicas de /e, o/ na microrregião do município de Coari assim como em todas as microrregiões do Estado do Amazonas.

Dessa forma, buscou-se analisar e descrever, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional, as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ a partir das seguintes hipóteses:

A vogal média anterior /e/ se realiza foneticamente e, de forma predominante, como [e],

caracterizando a manutenção pretônica;

A vogal média posterior /o/ se realiza foneticamente e, de forma predominante, como [o], caracterizando a manutenção pretônica.

Do Baixo Amazonas no Estado do Pará, subindo o rio Amazonas, ocorre uma difusão das vogais médias altas [e] e [o] para a região do Médio Solimões, caracterizando uma espécie de nivelamento dialetal, ou melhor, geoletal e pretônico. Portanto, a projeção futura é a de que ocorram somente as variantes pretônicas [e] e [o] em todo Estado do Amazonas.

Além disso, propôs-se:

Elaborar cartas fonéticas para a visualização e análise das variantes pretônicas de /e, o/ no espaço cartográfico.

Estabelecer a norma de uso da localidade, baseando-se na frequência e distribuição regular.

Fazer um estudo, levando em consideração a mudança em tempo real, ao se comparar os dados de Azevedo (2013), que realizou a coleta de dados da pesquisa dele em 2011, com os resultados desta pesquisa atual.

Verificar os fatores extralinguísticos, tais como diazonal (Zona Urbana *versus* Zona Rural), diageracional (população jovem *versus* população de idade intermediária *versus* população de idade mais avançada), diasssexual (homem *versus* mulher) e diacrônica (ano de 2011 *versus* 2023), que podem estar exercendo influência na ocorrência das variantes fonéticas de /e, o/.

O trabalho está estruturado da seguinte forma, contendo: a *Introdução*, em que é apresentado o fenômeno pretônico, a contextualização do tema e do problema, as hipóteses, a justificativa e os objetivos propostos; os *Aspectos sócioeconômicos do município de Coari*, que deixou de ser a terra da banana para ser a segunda potência econômica do Estado do Amazonas devido aos *royalties* pagos pela Petrobrás à prefeitura daquele município; o *Quadro teórico*, em que apresento e conceituo a Dialectologia e seus pressupostos teórico-metodológicos, além de fazer a revisão bibliográfica sobre a ocorrência de vogais médias pretônicas em outras pesquisas já realizadas no Estado do Amazonas; *Os procedimentos metodológicos*, em que descrevo a pesquisa de campo, a seleção dos informantes, a escolha dos dois pontos de inquérito, e descrevo a confecção do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), além do tratamento de dados e da elaboração das cartas fonéticas; a *Apresentação e análise dos dados*, em que analiso as cartas fonéticas, contendo os resultados da pesquisa; a *Conclusão do trabalho*, em que teço as considerações finais sobre a pesquisa, sobre as limitações encontradas e se os objetivos foram



alcançados e se as hipóteses foram comprovadas; as *Referências*, em que elenco as obras bibliográficas utilizadas no corpo da dissertação; o *Apêndice*, em que constam os documentos de confecção para a própria pesquisa; o Anexo, em que são disponibilizados todos os documentos auxiliares na realização desta dissertação de mestrado.

No tópico seguinte, são abordados os aspectos históricos, sociais e econômicos do município de Coari.

## **1 ASPECTOS SÓCIOECONÔMICOS DO MUNICÍPIO DE COARI**

Segundo Beltrão (2010), Coari é um município amazonense localizado no Médio

Solimões, de que fazem parte também Anori, Anamá, Beruri, Codajás e Caapiranga, que estão localizados na microrregião do Rio Negro-Solimões, que agrega um total de quinze municípios. A frente da cidade de Coari em qualquer época do ano é muito movimentada pelas pequenas, médias e grandes embarcações (canoas, rabetas, catraias, lanchas, barcos, grandes recreios), que saem diretamente do porto, localizado no Lago de Coari, para o rio Solimões.

A população urbana, segundo o censo 2010 do IBGE, é de 49.638, e a rural é de 26.271, totalizando 75.909 habitantes, sendo por isso o quinto município mais populoso do Estado do Amazonas, depois de Manacapuru, Itacoatiara, Parintins e Manaus.

**Figura 1 Vista frontal da cidade de Coari**



**Fonte: Pesquisa de campo, 2022.**

Coari tem uma origem parecida com a de outras cidades amazônicas, que surgem às margens de um rio ou de um lago, e que tiveram como primeiros habitantes tribos indígenas. O nome de origem das cidades se remete a uma terminologia indígena e hoje como se vê no surgimento das comunidades ribeirinhas, juntam ao nome indígena nomes religiosos como São João do Ariri, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro Vila do Itapéua.

Coari tem uma história que atravessa quase cinco séculos até se tornar uma cidade legalmente constituída. E tudo começou em 1540, com a expedição de Francisco Orellana ao longo do rio Amazonas, trazendo consigo Frei Carvajal, o primeiro cronista a escrever sobre a Região Amazônica. A expedição, ao passar pelo Médio Solimões em um percurso entre Tefé e Coari, Carvajal, na ocasião, chamou uma área de Província de Machiparo, onde avistou uma grande povoação que reunia 50 mil homens, os primeiros habitantes da região, onde surgiria a cidade de Coari.

Os frades carmelitas, a serviço da coroa espanhola, foram os precursores da cidade de Coari. O jesuíta Samuel Fritz fundou em 1689 a missão religiosa Santana de Coari, reunindo as tribos Catauxis, Irijus, Jumas, Jurimaguas, Auapes, Purupurus e outros.

Em 1759, o primeiro governador da capitania de São José do Rio Negro elevou a aldeia

à categoria de lugar, recebendo o nome de Alvelos. Em 1833, foi o Lugar Alvelos elevado à Freguesia de Nossa Senhora de Santana de Coari. Mas pelo decreto nº 146 de 24.10.1848, o nome Alvelos se mantinha, sendo o lugar considerado como Freguesia ou Colégio Eleitoral subordinado ao termo da cidade de Tefé.

Em 01.05.1874, foi elevada à Vila pela lei provincial nº 287 com o nome de Coari. Em 15.11.1890, foi instalado o termo judiciário da Vila de Coari e, em 10.04.1891, a Comarca. Em 30.10.1913, foi suprimida a Comarca de Coari, ficando o termo subordinado à Comarca de Tefé. Em 1916, em virtude da Lei nº 844, de 14 de fevereiro do mesmo ano, foi instalada a Comarca de Coari e, suprimida novamente, pela Lei nº 133, de 7 de fevereiro de 1922. A Comarca foi restaurada, outra vez, pela lei estadual nº 122 em 10.03.1924, compreendendo, os termos de Coari, Manacapuru e Codajás, até a instalação das Comarcas desses termos. Em 02.08.1932, pela Lei Estadual nº 1665, Coari foi elevada à categoria de cidade.

No século passado, a economia girava em torno da indústria extrativista e cultura da seringa, com destaque para a produção da banana, sendo a cidade conhecida como terra da banana. Mas com a descoberta do gás natural e do petróleo de Urucu a partir de 1986, esse título mudou drasticamente, e Coari passou a ser conhecida como a terra do gás, a cidade mais importante da região do Médio Solimões e uma das mais ricas da região Norte.

Devido ao desenvolvimento na infraestrutura urbana promovido pelos *Royalties* pagos pela Petrobrás à prefeitura municipal, ocorreu o “boom” do gás. Por isso muitas pessoas de várias partes do Brasil (por exemplo: nordestinos, sulistas) foram atraídas pelo trabalho em empresas que prestam serviços terceirizados à Petrobrás. O comércio envolvendo produtos industrializados e hortifrutigranjeiros cresceu bastante, favorecendo os moradores da própria cidade e das comunidades ribeirinhas do rio Solimões e do rio Coari Grande. O Estado do Amazonas destaca-se na produção de petróleo e gás natural no Brasil, pois com a quantidade de petróleo extraído em Coari, na Província Petrolífera de Urucu, é o segundo maior produtor terrestre de petróleo e o terceiro produtor nacional de gás natural, conseguindo abastecer, com isso, os estados do Pará, Amazonas, Rondônia, Maranhão, Tocantins, Acre, Amapá e parte do Nordeste.

Atualmente, como política de interiorização da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, existe o Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB, o Campus avançado de Coari, que funciona com seis cursos: Licenciatura conjunta em Ciências: Química e Biologia, Ciências: Matemática e Física, e bacharelados em Biotecnologia, Fisioterapia, Enfermagem e Nutrição, os quais atraem estudantes de Parintins, Itacoatiara, Tefé, Codajás, Manaus e de outras partes do Estado e de outros lugares do Brasil.

## **2 QUADRO TEÓRICO**

Chambers e Trudgill (1998)<sup>1</sup> afirmam que a “Dialectology, obviously, is the study of dialect and dialects”<sup>2</sup>.

Pela leitura da citação acima, *dialeto* ou *dialetos* é o objeto de estudo da Dialetologia, que é uma das ciências que estuda o fenômeno da variação e mudança linguística, fazendo o registro das formas linguísticas no espaço cartográfico e comparando-os entre si –uma herança do período histórico comparativo, que abrange o século XIX e as primeiras décadas do século XX. O conceito de dialeto para Câmara Jr. (2009) diz respeito às variedades regionais de uma língua. Por exemplo, e de forma empírica, e considerando-se o componente lexical do Português do Brasil, *mandioca* e *aipim* são termos usados em outras regiões do país, sem haver discriminação da variedade que contém veneno da que não contém; porém, *macaxeira*, sem ácido cianídrico, e *mandioca*, com ácido cianídrico, são duas formas bastante utilizadas na fala do caboclo amazonense e paraense e por outras pessoas de outros estados da Região Norte do Brasil. Enquanto a *macaxeira* é cozida para ser comestível no café da manhã ou na confecção de outros produtos derivados, a *mandioca* é serrada e passa por vários processos como secagem e torra no forno quente destinado, geralmente, ao preparo da farinha, pois somente por esse processo elimina-se a maior parte da concentração do veneno (ácido cianídrico) para, então, servir de alimento na mesa do caboclo nortista.

Romano<sup>3</sup> (2020) descreveu a ocorrência categórica da variante *macaxeira* no estado do Amazonas, Acre, Amapá, Roraima em resposta ao questionário 50 do Atlas Linguístico do Brasil –ALiB (...*aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?*). A incidência dessa variante foi de mais de 80% no Pará e em Roraima, e 30% em Tocantins. Percebe-se que quanto mais próximo das demais regiões do Brasil, há flutuação de *macaxeira* para *mandioca* e para outras variantes semântico-lexicais, em se tratando do mesmo referente extralinguístico.

Em respostas ao questionário 51 do ALiB (... *uma raiz parecida com, cf item 50, que não serve para comer e se rala para fazer farinha, polvilho, goma?*), Romano (2022) constatou a predominância da variante *mandioca* na região Norte do Brasil. Os dados por estado em número percentuais para as variantes da variável (*mandioca*) foram os seguintes:

- a. A variante *mandioca* obteve um percentual de ocorrência em 100% nos estados do Amapá e Roraima; 90% no Amazonas; 87,80% no Pará; 44,44% em Rondônia;

<sup>1</sup> J. K. Chambers; Peter Trudgill. *Dialectology* (Cambridge Textbooks in Linguistics) (Locais do Kindle 107-108). Edição do Kindle.

<sup>2</sup> A Dialetologia, obviamente, é o estudo do dialeto e dos dialetos. (Tradução da própria pesquisadora)

<sup>3</sup>Disponível em [RI UFLA: Macaxeira e mandioca na região norte do Brasil em uma perspectiva diatópica nos dados do projeto ALiB](#). Acessado em 22.11.2023.

33,33% no Acre; e 12,5% em Tocantins;

- b. A variante *mandioca brava* obteve um percentual de ocorrência em 87,5% no estado de Tonantins; 33,33% nos estados do Acre e Rondônia; 10% no Amazonas; e 4,88% no Pará;
- c. A variante *macaxeira brava* ocorreu somente no Acre, apresentando um percentual de ocorrência em 11,11%;
- d. A variante *macaxeira* ocorreu somente no estado do Pará e com 4,88% das ocorrências;
- e. A variante *macaxeira reimosa* incidiu somente no Pará e apresentou um percentual de ocorrência em 11,11%;
- f. Por último, a variante *macaxeira velha* incidiu com percentual de ocorrência em 11,11% somente no estado do Acre.

Esses forem exemplos de variação semântico-lexical, os quais foram analisados por Romano (2020) no *corpus* retirado do ALiB.

Em se tratando ainda do conceito de dialetoogia, para Cardoso (2010, p.15) “A dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Portanto, em um rol exemplificativo, estes são os objetivos da Dialetoogia: identificar, descrever, situar, catalogar e mapear formas linguísticas em processo de variação e mudança linguística.

A dialetologia surge em contraposição às leis fonéticas dos neogramáticos, na segunda metade do século XIX. Segundo o princípio neogramático, a mudança linguística acontecia de forma cega e abrupta, ignorando completamente o contexto extralinguístico, que, como se sabe, foi constatado pela Dialetoogia e pela Sociolinguística, influencia o processo de variação e mudança linguística. A contraposição aos estudos neogramáticos surge nos estudos dialetológicos de J. Gilliéron, na elaboração do Atlas Linguístico da França, cujos resultados mostraram que o fenômeno da variação e mudança linguística não ocorria de forma cega e abrupta. J. Gilliéron constatou que processos fonológicos ocorriam em uma palavra, mas não ocorriam em outras que apresentavam o mesmo contexto linguístico. Anteriormente à pesquisa de J. Gilliéron, o mesmo pode ser verificado na pesquisa de Wenker na elaboração do Atlas linguístico da Alemanha, pois a difusão fonético-fonológica de um segmento linguístico não era uniforme em um grupo de palavras que apresentavam o mesmo contexto linguístico. Assim, os dialetólogos criaram a máxima que toda palavra tem uma história e era preciso saber explicar o surgimento das palavras.

A geolinguística foi utilizada pela primeira vez nas pesquisas de J. Gilliéron na França, depois, na sequência cronológica, foi aplicado na elaboração de Atlas Linguísticos na Europa e na América, incluindo as produções dos Atlas estaduais e regionais no Brasil, e o próprio Atlas Linguístico do Brasil – ALiB; além de ser utilizado em muitas teses e dissertações em pesquisas geolinguísticas pelo Brasil, como por exemplo, na elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM (CRUZ, 2004).

No final do século XIX, Georg Wenker, na Alemanha, e Jules Gilliéron, na França, tentaram provar na prática a funcionalidade das leis fonéticas dos neogramáticos, durante o período histórico-comparativo. Tais leis abordavam o processo de mudança linguística de maneira cega, abrupta, aplicando-se a toda palavra, ignorando-se o falante em seu contexto sociocultural. Como não foi possível a aplicabilidade das leis fonéticas, os dialetólogos criaram a máxima: toda palavra tem sua própria história, e perceberam o processo de variação linguística no espaço territorial.

Para Salvatore (2018, p.11), a dialetologia é “the discipline which studies the dialects of a specific language”. Entende-se, na definição de Salvatore (2018), que uma língua possui dialetos, sendo aquela mais genérica, enquanto estes são mais específicos.

Já Uriel Weinreich relativiza o conceito entre língua e dialeto ao proferir a máxima: Língua é um dialeto com um exército e uma marinha (WEINREICH, apud PINKER, 2004, p.34). Ou seja, o conceito não é meramente linguístico, mas político e cultural, pois depende do Estado impor uma política linguística sobre qual deve ser a língua oficial e a população fazer o julgamento linguístico sobre seu vernáculo possui autonomia ou heteronomia. No caso do português falado no Brasil continua sendo português por uma decisão política e cultural. No caso do crioulo jamaicano de base inglesa continua tendo como espelho o inglês falado na Inglaterra. No caso do francês falado no Canadá continua tendo como modelo o francês da França. Enquanto os dialetos dinamarqueses deixam de ser dialetos e passam a ser norueguês na Noruega, e sueco na Suécia, pela separação política, guerra e formação desses dois Estados escandinavos, cujos falantes se consideram falantes de norueguês e de sueco. O africâner, de base holandesa, deixa de ser dialeto, e passa a ser língua oficial da África do Sul.

A dialetologia estuda:

- a. Os dialetos rurais e urbanos;
- b. A variação linguística no espaço territorial e nos diferentes segmentos sociais;
- c. Fenômenos linguísticos específicos, registrando formas linguísticas em competição, arcaicas ou inovadoras;

Considerando que o Estado do Amazonas resultou da Província do Grão Pará e Maranhão

ainda durante o período colonial, a norma de uso durante o século XIX era a Língua Geral Amazônica. Segundo Freire (2010), o processo de aportuguesamento da Amazônia não ocorreu de maneira imediata. Mas foi necessária uma política de intervenção na Amazônia para que fosse possível a substituição da Língua Geral, considerada a língua usada no intercâmbio sociocultural entre portugueses e índios, e entre diferentes etnias indígenas, pela Língua Portuguesa.

Segundo Freire (2010), a formação do caboclo, morador das hinterlândias amazônicas, passou por um processo longo, que começa com a captura do índio brabo, que é levado para as aldeias de repartição. Lá, o índio era monolíngue em sua língua materna e passava a desenvolver o bilinguismo ao aprender a Língua Geral Amazônica. Depois de algum tempo, o índio torna-se monolíngue em Língua Geral.

E com a política intervencionista de Marquês de Pombal ao decretar o Diretório dos índios, o índio é obrigado a falar a Língua Portuguesa, iniciando um novo processo de bilinguismo. Decorrido algum tempo, o indígena torna-se monolíngue em Língua Portuguesa. Desse processo, segundo Freire (2010), surge o caboclo paraense e amazonense. De uma população que girava em torno de 200 mil, no século passado, o Amazonas conta hoje, segundo dados do IBGE (2022), com 4.331.207 habitantes, sendo Manaus, a capital do Estado do Amazonas, a que comporta a metade da população desse Estado. Certamente habitam o Estado várias etnias indígenas, e várias pessoas provenientes de outros Estados, cujos aspectos linguísticos precisam ainda ser explorados, sobretudo por pesquisas de natureza dialetológica ou variacionista.

Muitos aspectos dialetais se perderam em virtude das poucas pesquisas dialetológicas realizadas no final do século XX. Certamente algumas formas linguísticas caíram em desuso, porque houve o avanço tecnológico e com a elevação do grau de escolarização, que reduziu o índice de analfabetismo no Estado, promovendo uma espécie de nivelamento dialetal dos povos ribeirinhos da região amazônica. Com isso, não é possível mais encontrar o dialeto puro nos rincões do Estado do Amazonas, e é difícil encontrar pessoas analfabetas, que poderiam apresentar traços dialetais puros, que não recebem influência linguística externa. As primeiras pesquisas dialetológicas realizadas no Amazonas visaram encontrar informantes *NORMs* (homens velhos, com pouca mobilidade e moradores de ambientes rurais). Atualmente, é possível a sistematização das dimensões e parâmetros da pesquisa dialetológica, de modo que não se concentra mais em tecer um perfil de informantes baseado na seleção de informantes *NORMs*.



## **2.1 Contribuições da Sociolinguística para a pesquisa dialetológica**

Segundo Brandão (1991), o usuário da língua é um agente modificador da própria língua. Além disso, ele está situado não somente no espaço, no tempo, mas também socialmente. Isso significa, conseqüentemente, que a língua varia e muda no espaço, no tempo e socialmente. Quando alguém fala, ele pode ser um homem ou uma mulher; pode ser um professor ou um aluno; pode ser um médico ou um arquiteto; pode ser analfabeto ou alfabetizado; pode estar morando em Manaus ou em Parintins ou mesmo em Coari; pode ser alguém lá do século XVIII ou do século XXI, etc. Logo, dependendo, de como o falante esteja situado, a fala dele poderá apresentar variação. Mesmo em nível individual, o usuário da língua modifica a própria fala, pois a heterogeneidade linguística existe até mesmo em nível de falante, não havendo, portanto, nos moldes sociolinguísticos, um falante que fale de forma invariável, mas existe um falante real que modifica a sua maneira de falar conforme os grupos e redes sociais dos quais participa e conforme se situa no espaço e no tempo.

As pesquisas dialetológicas, de início, concentravam-se nos estudos de variação e mudança linguística no eixo diatópico; porém, mais tarde, com o advento da Sociolinguística Variacionista de Labov (1972), incorporaram os parâmetros sociais na sistematização e análise de dados linguísticos. Labov (1972), contrapondo-se às abordagens linguísticas das teorias imanentistas anteriores (estruturalismo e gerativismo), pesquisou a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard e as realizações fonéticas do /r/ pós-vocálico em três lojas de Departamento de Nova Iorque, constatando, assim, que padrões sociais influenciam nas ocorrências das variantes linguísticas.

Dessa forma, adotando novas dimensões e parâmetros de pesquisa, a Dialetologia deixa de ser estritamente diatópica ou monodimensional, passando a ser também bi, tri e pluridimensional –sendo que é nesta última vertente que a pesquisadora escolheu realizar tal pesquisa.

### **2.1 Dimensões da pesquisa dialetológica**

Neste tópico, é abordada a variação linguística conforme a dimensão diazonal, diageracional, diassexual e diacrônica, as quais são as variáveis extralinguísticas que se pretende controlar, e tais dimensões caracterizam abordagem pluridimensional de Thun (1998).

#### **2.1.1 Dimensão diazonal**

O município de Coari possui várias comunidades espalhadas por todo seu território.

Próximo a essa cidade, encontram-se as comunidades da Costa do Juçara, cujos moradores cultivam a terra e praticam outras culturas como, por exemplo, a pesca. À medida que as populações das hinterlândias locais se distanciam do centro urbano de Coari, cada vez mais podem apresentar outros aspectos linguísticos diferentes e mais conservadores do que as pessoas, que moram na zona urbana. Por exemplo, na pesquisa de Azevedo (2013), em se tratando dos resultados das variantes da vogal média pretônica posterior /o/, a forma [o] foi mais expressiva na Zona Urbana de Coari, enquanto na Costa do Juçara, Zona Rural, foi a variante alta [u]. De acordo com Margotti (2004), pode-se caracterizar os informantes quanto ao espaço rural ou urbano, e, com isso, registrar diferentes aspectos linguísticos de cada zona.

### 2.1.2 Dimensão diageracional

Nas pesquisas dialetológicas, controla-se a idade do informante. Por exemplo, nas comunidades do igarapé do Juruti Velho, pertencente ao território do município de Juruti (PA), as pessoas com mais de 60 anos chamam de *rubafa* para o peixe Traíra, enquanto os mais novos, na faixa etária de 18 a 30 anos, chamam de *traíra* (AZEVEDO, 2013). Labov (1972) afirma que a mudança pode ser promovida pelos mais jovens, passando para grupos de outras faixas etárias, e assim, sucessivamente, para outras gerações. Na pesquisa de Margotti (2004), na difusão de variáveis fonológicas da língua portuguesa em contato com o italiano no sul do Brasil, a geração mais nova incorporava aspectos linguísticos do português em estágio mais avançado do que a geração mais velha, que só falava italiano, provando que a mudança linguística começou pelas pessoas mais jovens.

### 2.1.3 Dimensão diasssexual

A variação linguística pode ocorrer na fala de homens e de mulheres. Eles costumam se utilizar de formas linguísticas inovadoras, ou daquelas que não são consideradas prestigiosas, enquanto elas procuram utilizar as formas que são consideradas mais prestigiosas. Por exemplo, nas variantes fonéticas do inglês padrão na cidade de Glasgow, na Escócia, as pontuações mais altas, conforme *score* padronizado para essa pesquisa, são para variantes de baixo prestígio em se tratando da fala de homens, enquanto as pontuações mais altas, na fala das mulheres são para variantes consideradas padrão, ou seja, mais prestigiosas (CHAMBERS & TRUDGILL, 1994). Em se tratando desta pesquisa, para se ter uma comparação, espera-se que as mulheres utilizem as variantes [e, o], consideradas padrão do português do Brasil, enquanto os homens as variantes [E, □], e mais raramente as variantes [i, u], consideradas estas estigmatizadas, pois estão correlacionadas com a fala do caboclo interiorano, que possui baixa escolaridade e trabalha com

atividades ligadas a terra e à pesca.

#### **2.1.4 Dimensão diacrônica**

As línguas variam e mudam ao longo do tempo. Observa-se o português arcaico do século XII, na Idade Média, apresentava resquícios do latim vulgar em sua composição, misturado ao galego. Com certeza, o português arcaico, em sua composição, diferencia-se do português clássico, do português da época de Fernando Pessoa e do português contemporâneo.

Pode-se perceber essa mudança no português falado no Estado do Amazonas, novamente tendo, como exemplo, as variantes das vogais médias pretônicas /e, o/. Antenor Nascentes (1953) havia afirmado que o português nortista se caracterizava pela presença de vogais abertas [ɛ, ɔ], porém na pesquisa de Corrêa já na década de 80 do século passado, nas cidades de Itacoatiara e Silves, ocorreram de forma categóricas as vogais altas [i, u]; e Silva (2009), retornando anos mais tarde a cidade de Silves, obteve, em sua pesquisa, resultados diferentes com ocorrências tripartites, ou seja, houve ocorrências de [ɛ, e, i] para a variável anterior/e/ e [ɔ, o, u] para a variável posterior /o/.

Em relação aos propósitos desta pesquisa, pretende-se comparar os resultados dela com os de Azevedo (2013), cuja coleta de dados como afirmado anteriormente foi feita em 2011. Considerando que o Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas tem duração de 2 anos, a coleta de dados da presente pesquisa foi feita em Dezembro de 2022 e Janeiro de 2023. O lapso temporal entre a pesquisa de Azevedo (2013) e atual será em torno de 11 anos. Logo, tem-se a hipótese de que a configuração do quadro de vogais médias pretônicas de /e, o/ no município de Coari tenha mudado.

Em pesquisas sociolinguísticas, quando se comparam os resultados delas em épocas diferentes em uma mesma comunidade e com a mesma estratificação social, geralmente com o lapso temporal em torno de 20 anos, tem-se o que se chama de pesquisa com mudança em tempo real. Então certamente, vai ser possível registrar se houve mudança no quadro de vogais médias pretônicas no município de Coari ou uma mudança em curso, apresentando, portanto, uma diferenciação nas ocorrências das variantes de /e, o/ nesse município.

## **2.2 As vogais médias pretônicas no português do Brasil**

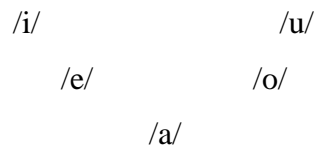
As vogais médias pretônicas surgem, de acordo com Mattos e Silva (2006), do latim vulgar no processo de dialeção, formação do romance galego-português e aparecimento da

neolatina galego-português. As vogais breves e longas do latim vulgar se reduziram a /i/ e /e/ para a vogal anterior, enquanto para a vogal posterior se reduziram a /u/ e /o/.

As vogais átonas pretônicas do português resultaram da fusão de fonemas vocálicos do latim, conforme Mattos e Silva (2006):

- a)  $\bar{a}$  e  $\bar{a}$  > /a/
- b)  $\bar{i}$  > /i/
- c)  $\bar{u}$  > /u/
- d)  $\bar{e}$  > /e/
- e)  $\bar{u}$  > /o/
- f)  $\bar{e}$  > /e/
- g)  $\bar{o}$  > /o/
- h)  $\bar{e}$  > /e/
- i)  $\bar{o}$  > /o/

Segundo Câmara Jr. (2009), o quadro latino, constituído de dez vogais, ficou reduzido a cinco (/a, e, i, o, u/) no sistema fonológico de vogais pretônicas do português e sua representação no triângulo de Trubetzkoy é:



Esse sistema de vogais aconteceu no português arcaico.

A ocorrência de vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ], na posição pretônica, de acordo com Teyssier (1994), seriam resultado da contração de antigos hiatos do português, tais como:

escaecer > esqueecer > esqu/ɛ/cer;

preegar > pr/ɛ/gar;

coorar > c/ɔ/ rar.

Por sua vez, Viaro (2011) considera que a realização do /e/ pretônico como [i] ocorreu na passagem do latim para o português. Por exemplo:

- Latim: *ætatem* → *edade* → *idade*
- Latim: *æqualem* → *egual* → *egual* → *igual*;
- *elefante* → português europeu [ilɐfɛ̃t], e no português do Brasil [elefɛ̃tʃi]

No português do Brasil, conforme Silva (2014) a ocorrência de [ɛ] e [ɔ] na posição

pretônica é marca de variação dialetal, inferindo-se que as variantes padrão e mais prestigiosas são [e, o]. Além da incidência dessas vogais, pesquisas de cunho variacionistas ou dialetológicas apontam outras variantes para /e, o/. Por exemplo, como mencionado anteriormente, na pesquisa de Corrêa (1980), que se concentrou em registrar apenas o alteamento pretônico, em Itacoatiara e Silves, o /e, o/ se realizavam fonética como [i, u].

Costuma-se mencionar também o alçamento pretônico, a manutenção pretônica e o abaixamento pretônico em pesquisas variacionistas e dialetológicas. De acordo com Silva (2014), as vogais na posição pretônica podem ser a, ε, e, i, ɔ, o, u; e conforme o eixo vertical da boca no que diz respeito ao grau de elevação da língua, o [a] é vogal baixa, pois a língua está na posição horizontal e a boca está totalmente aberta; o [ε, ɔ] são vogais médias baixas, consideradas também abertas; o [e, o] são vogais médias altas, a língua vai se elevando em direção aos alvéolos ou ao palato da boca; e [i, u] são vogais altas, porque a língua está totalmente elevada e a boca está quase fechada totalmente. A essa movimentação no eixo vertical da boca produz o fenômeno da manutenção com incidência das variantes [e, o], do abaixamento com a realização fonética de [ε, ɔ] e do alçamento com a ocorrência de [i, u].

O quadro geral das variantes fonéticas das vogais médias pretônicas /e, o/ tem se modificado em termos de incidência absoluta e percentual. Tal modificação pode ser verificada nos resultados das pesquisas dialetológicas já realizadas no Estado do Amazonas, desde 1980 até a atualidade. Algumas delas podem ser acessadas no *site* da biblioteca virtual da Universidade Federal do Amazonas<sup>44</sup> e são, na maioria, dissertações de Mestrado. As realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ foram também abordadas em Tese como, por exemplo, na elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM, da autoria de Cruz (2004).

Os trabalhos que abordam a questão das variantes pretônicas são as dissertações de Mestrado intituladas *O Falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*, de Corrêa (1980); *Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas da fala de Manaus*, de Cunha e Silva (1980); *Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves*, de Silva (2009); *As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)*, de Quara (2012); e *O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ no falar manauara*, de Tavares (2019). Além desses trabalhos, as teses que abordam os fenômenos pretônicos são: *Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM*, de Cruz (2004) e *Aspectos dialetais do português da Região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre*

---

<sup>44</sup> <https://tede.ufam.edu.br>

*o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)*, de Azevedo (2013). E há ainda o Trabalho de Iniciação Científica de Azevedo (2001) sobre as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e, o/ denominado de *Estudo do português falado por moradores de áreas periféricas da cidade de Manaus*.

Todos esses trabalhos se fundamentam na Dialectologia, à exceção da pesquisa de Cunha e Silva (1980), que se fundamenta no gerativismo, porque descreve as variações fonéticas de /e, o/, na posição pretônica, na fala de moradores da cidade de Manaus e que não pode ser ignorada.

Em se tratando dos fenômenos pretônicos, é comum nas pesquisas variacionistas e dialetológicas chamar alteamento ou alçamento as realizações fonéticas de /e, o/ para [i, u], que são também chamadas de vogais altas ou fechadas; manutenção de /e, o/ para [e, o], chamadas de vogais médias fechadas; e abaixamento de /e, o/ para [ɛ, ɔ], chamadas de vogais médias baixas ou de vogais abertas. Podem ocupar a posição pretônica nas palavras as vogais [a, ɛ, e, i, ɔ, o, u], porém nas pesquisas envolvendo as variantes fonéticas de /e, o/ não se considera a vogal [a] como variante. Entre os sons vocálicos e consonantais, as vogais são mais abertas do que as consoantes, e os segmentos consonânticos podem influenciar no alteamento pretônico, enquanto que a presença de vogal aberta como o [a] na sílaba tônica pode influenciar a abertura da pretônica ou da vogal pretônica não contígua à tônica. É mais fácil para o falante, pois exige menos esforço articulatório, a prolação de vogais harmônicas entre si, ou seja, dependendo do timbre da vogal tônica ou da contígua à tônica poderá influenciar a pretônica. No geral segmentos fonéticos com o mesmo ponto de articulação e com traços distintivos semelhantes ou próximos tendem à assimilação entre si como acontece com a harmonia vocálica, em que segmentos vocálicos assimilam traços vocálicos adjacentes. Apesar disso, o falante pode quebrar a regra como, por exemplo, nas variações da pretônica posterior /o/ no vocábulo *chocolate*, que pode ser transcrito como [ʃo.kɔ.'la.tʃɪ] e [ʃɔ.ko.'la.tʃɪ], sendo que a forma que exigiria menos esforço articulatório seria [ʃɔ.kɔ.'la.tʃɪ], em que a vogal tônica aberta [a] influencia a ocorrência do timbre aberto da pretônica contígua à vogal tônica, que, por sua vez, influenciaria o timbre da vogal pretônica não contígua.

### **2.2.1 As pretônicas na fala amazonense**

Ao viajar pela Região Amazônica, o dialetólogo Nascentes (1922, apud NOLL, 2008, p. 51), afirmou que a Região Norte do Brasil era caracterizada pela presença de vogais médias

pretônicas abertas [ɛ, ɔ]. Essa hipótese elencada lá no século passado seria válida ainda no contexto amazônico atual? É o que será abordado neste tópico.

Segundo Silva (2010), as variantes das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ são marcas de variação dialetal e não formam par mínimo, por isso não mudam o significado do vocábulo ou da palavra. Tais vogais, segundo Silva (2010), podem ser classificadas, quanto ao grau de elevação da língua, no eixo vertical da boca, como vogais médias baixas [ɛ, ɔ], como na palavra *menino* transcrita [mɛ.ˈjĩ.nu] e *picolé* transcrita [pi.kɔ.ˈlɛ]; vogais médias altas [e, o], como em *menino* transcrita [mɛ.ˈjĩ.nu] e *sabonete* transcrita [sa.bo.ˈne.tʃi]; e como vogais altas [i, u] incidentes, respectivamente, nas palavras *menino* transcrita [mi.ˈjĩ.nu] e *coroa* transcrita [ku.ˈru.ɐ]. E quanto ao grau de abertura da boca, podem ser classificadas em vogais semiabertas [ɛ, ɔ], semifechadas [e, o], e fechadas [i, u]. Quanto à posição da boca, no eixo horizontal, o /e/ é uma vogal anterior, sendo produzida na parte da frente da boca, enquanto o /o/ é uma vogal posterior, sendo produzida na parte de trás da boca.

Algumas hipóteses foram levantadas a respeito da origem dessas vogais médias pretônicas na Região Norte do Brasil. A primeira delas é a influência indígena, porque muitas palavras oriundas dessas línguas possuem vogais baixas como, por exemplo, em *pirara*, *capivara*, *arara*, *aracu*, *Coari*, *Ariri*, etc. Com isso, elas podem ter influenciado as realizações fonéticas das vogais pretônicas /e/ e /o/ no português amazônico a serem mais abertas.

A outra hipótese que se levanta, deve-se ao fato de que uma grande leva de nordestino veio para a Amazônia, fugindo da seca ocorrida no final do século XIX ou para trabalhar nos seringais durante o apogeu da economia gomífera no final do século XIX e início do século XX. Segundo Filho (2006), de 1870 a 1912, cerca de 300 mil imigrantes nordestinos vieram para a região amazônica, os quais foram aliciados por agenciadores de mão-de-obra destinada aos seringais. Benchimol (2009) também afirma que a migração nordestina para a Amazônia brasileira, ocorrida no final do século XIX e começo do século XX, aconteceu em larga escala motivada, sobretudo, pela forte seca, que afetava o nordeste brasileiro, e por promessas de melhores condições de vida nos rincões da Amazônia, o que de fato não ocorreu.

Esses imigrantes provenientes de alguns lugares do nordeste possuem traços fonéticos abertos para as vogais médias pretônicas como nas palavras *feijão*, pronunciada [fej.ˈzãw], e *Petrobras*, transcrita [pɛ.trɔ.ˈbraʃ]. Com isso, o traço distintivo de vogal +aberto proveniente, hipoteticamente das línguas indígenas ou da fala nordestina, pode ter influenciado na pronúncia aberta de vogais pretônicas, na fala Nortista e, mais especificamente, na fala amazonense.

### 2.2.2 O que apontam as pesquisas sobre as realizações fonéticas pretônicas /e, o/ no Estado do Amazonas?

Em 1980, sob a égide da dialetologia monodimensional, Corrêa investigou o fenômeno pretônico na região rural das cidades de Itacoatiara e Silves, localizadas no Médio Amazonas. Nessa época era comum a prática de culturas como a roça, a juta e a pesca, e o índice de analfabetismo era muito maior se comparado à realidade educacional atual, pois é raro encontrar informante analfabeto em virtude do avanço escolar na região. Participaram da pesquisa de Corrêa (1980), 42 informantes, sendo 21 em cada ponto de inquérito (Zona Rural das cidades de Itacoatiara e Silves) e com idades de 35 a 70 anos, sendo 14 mulheres e 28 homens, dos quais 30 informantes eram analfabetos, 11 afirmaram ter o primário incompleto e uma mulher se declarou como semianalfabeta. Esse foi o perfil de informante escolhido na pesquisa de Corrêa em 1980, com o propósito de se encontrar o dialeto puro –aquele que não recebe interferência externa. Há 42 anos, as pessoas viviam mais isoladas se dedicando à cultura da roça, da pesca, da juta e a outros extrativismos vegetais.

Chambers & Trudgill (1998, p. 55) afirmam que não existe dialeto puro: “Actually, linguistic studies suggest that there is probably no such thing as a ‘pure’ dialect, since most varieties of language appear to be variable and to show signs of influence from other varieties”.<sup>5</sup> De alguma forma, um dialeto é uma variante de uma língua e sofre influências de outras variedades linguísticas, de modo que no mundo globalizado e tecnológico de hoje, é difícil uma comunidade, mesmo em lugares distantes da Amazônia brasileira, ficar isolada ou se desprover de antenas parabólicas, celulares e internet.

Nos dados de Corrêa (1980), a vogal média pretônica /o/ se realizou como [u] nas palavras *soalho, coador, poente, coitadinha, encoivarar, goiaba, foicinho, voador, coar canoinha, coivara, boizinho, boiada, coisinha, remoinho, desmoitar, apoiar, boiou, boiado magoado, boiar, proibido, oitenta, boiando, trovoada, leiloeiro, copaíba, roubando, soberba, botinho, socorro, rodela, empopado, dobrar, afogar, jogando, todinha, notícia, jogar, afogada, moqueado, copaibeira, topando, topei, rodar, produção, zolhódinho, emproado, coqueiro, motor, incomodada, foguinho, rodado, botei, moquear, toquinho, roçado roceiro, roxinho, coceira, mosquito, roçamos, roçar, desconforme, desovar, trovoada, professora, arroxar, procissão, desgotar [sic], posição, engrossado, sofrendo, gostar, engrossar, roçagem, cozido, roxinha, mosquinha, docinho, costiando [sic], fornada, torando, floriando, borrachudo,*

<sup>5</sup> "Na verdade, estudos linguísticos sugerem que provavelmente não existe tal coisa como um dialeto 'puro', uma vez que a maioria das variedades de linguagem parece ser variável e mostrar sinais de influência de outras variedades." Tradução da própria pesquisadora.



*cortou, porção, emborcado, feitoria, cortava, morava, chorão, morreu, arborizada, torrão, bordoada, jornada, cortamos, enfiar, floriou, tornou, cachorrinho, demorava, gordurenta, chorando, mortalha, temporal, compradora, conforto, contou, vontade, conosco, montaria, conversando, conheço, honrado, conservar, comer, compromisso, comparação, convida [sic], conhecimento, rolete, zolhodinho, molhada, tolice, moleque, olhado, amolecer, atoleiro, amolece, bolhinho, olhei, colheita, folhinha, acolá, soltinho, rolar, atolento, amolado e polvilho.* São 146 vocábulos selecionados por Corrêa (1980), em que o /o/ se realizou como [u]. Portanto, não houve a ocorrência de vogal média pretônica fechada [o] nem de aberta [ɔ]. Entende-se que foi usado na obtenção desses dados linguísticos não um questionário fonético-fonológico, mas semântico-lexical, paráfrases e comentários dos informantes, que deixavam fluir o vernáculo deles à época. Não é possível determinar a ocorrência categórica desse fenômeno, pois não há o registro percentual de incidência da variante [u]. O mesmo pode ser aplicado para a realização fonética de /e/ como [i] descrita no parágrafo que segue.

Em se tratando da vogal pretônica anterior /e/, segundo Corrêa (1980), ocorreu foneticamente como [i] nos vocábulos *bebida, depois, espia, estrada, pequeno, preguiça, segunda, Eduardo, educação, debaixo, segura, escutando, estrepou, espremer, descascar, desbaste, desgalar, desmurchar, desgostar, espalhaduras, escorre, espreme, esqueço, estiradeira, espartate, espinhel, estou, espuma, espalhado, espinhela, espinhelão, esquecido, esbarrar, depelha, desconforme, desprezou, desmoitar, esteito, esgoto, melindrosa, perigoso, ferido, enrola, enxuga, enfia, empopado, empilhamos, entupido, encalhar, enrolado, encausado, engrossar, encoivarar, enfeite, emprenha, enjagar, embulha, engarrafado, engatado, enchente, empachado, então, engrossado, emborcado, semente e empalhar.* São 66 vocábulos, em que o /e/ se realizou como [i]. Não foi mencionada por Corrêa (1980) a ocorrência de [e], vogal semifechada, nem de [ɛ], vogal semiaberta.

Algumas palavras registradas por Corrêa (1980) no falar do caboco de Itacoatiara e Silves apresentaram variação fonética, na posição pretônica. Foi o que aconteceu com vocábulos escritos com [u], em que o /u/ pretônico ocorreu como [o]. A transformação de /u/ para [o] é conhecido nas pesquisas sociolinguística como abaixamento –o que anatomicamente significa que a língua abaixa na cavidade bucal na prolação de uma vogal semifechada. Tal fenômeno é muito raro atualmente, pois é mais comum a vogal /o/ se realizar foneticamente como [u], também conhecido como alteamento ou alçamento pretônico na prolação de uma vogal posterior mais fechada. Os vocábulos nos quais ocorreram o fenômeno do abaixamento de /u/ para [o] foram: *uruá, tucupi, tucumã, mutuca, sucuriju, adubar, surubim, curral, urubu,*

*enxurrada, zumbi, orgulhosa, resultado, matriculado, sepultado, consultar e circular.* São 17 vocábulos no total, cuja pronúncia de cada uma dessas palavras pode ser transcrita grafematicamente como *oroá, tocopi, tokomã, motuca, socoriju, adobá, sorobim, corral, inchorrada, zombi, orgulhosa, resoltadu, matricoladu, sepoltadu, consoltá e circolá.* Atualmente, do Baixo Amazonas no Estado do Pará até o Alto Solimões, no Estado do Amazonas, é difícil constatar, de forma empírica, tal abaixamento.

Ainda em 1980, Cunha e Silva executou uma pesquisa sobre as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de Manaus. Os resultados, embora não elencados em números percentuais, divergiram dos resultados de Corrêa (1980), pois houve ocorrência tripartite, em que o /e/ e o /o/ se realizaram foneticamente como [e, o] nas palavras *pegou, peguei e adorei*; como [ɛ] e [ɔ] nas palavras *pegamos, adoramos, noção, proposta, negócio, setembro e problema*; como [i] e [u] nas palavras *extrato, passear, voar e peru*. Nesses exemplos, houve a incidência tripartite de /e/ e de /o/ se realizando foneticamente como [e, o], [ɛ, ɔ] e [i, u].

Cunha e Silva (1980) constatou que em contextos fonéticos envolvendo vogais tônicas fechadas ocorreu variantes pretônicas abertas [ɛ, ɔ] e afirmou que não se tratava de variantes próprias da localidade, pois o fenômeno de assimilação não se concretizava, pelo contrário, havia dissimilação entres os traços fonéticos da vogal tônica e da vogal pretônica. A hipótese de Cunha e Silva (1980) era de que na fala manauara as vogais médias pretônicas se realizassem como abertas. Segundo a pesquisadora foram poucas as ocorrências das demais variantes semifechadas e fechadas. O traço aberto foi tão marcante, que influenciou as regras de fechamento pretônico. Dessa forma, o manauara, à época, pronunciava as palavras com vogais de timbre aberto, o que ocorria mesmo em contextos onde a vogal tônica era fechada. Segundo a pesquisadora, houve predominância indiscutível de vogais medias abertas na posição pretônica no falar manauara. Apesar dessa predominância, os dados linguísticos de Cunha e Silva (1980) já mostram a tendência de ocorrências fonéticas tripartite para as vogais médias pretônicas na fala manauara.

Azevedo (2001) realizou uma pesquisa na periferia de Manaus, em nível de iniciação científica, selecionando informantes oriundos do interior do Estado do Amazonas, que estavam vivendo na capital amazonense há um ano e eram analfabetos ou semianalfabetos com idade que ia dos 14 a 60 anos. O objetivo da pesquisa foi descrever as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e, o/ do português falado por moradores de áreas periféricas da cidade de Manaus provenientes do rio Juruá. A coleta de dados foi realizada mediante a aplicação de um questionário

fonético-fonológico, contendo 101 perguntas. Azevedo (2001) baseou-se na pesquisa de Cunha e Silva (1980), empregando regras fonológicas na análise de dados, e comparou ainda os resultados dele com os de Corrêa (1980) no que diz respeito ao alteamento de /e, o/ na fala dos moradores das zonas rurais de Itacoatiara e Silves.

Sobre o trabalho de Cunha e Silva (1980) foi possível formular regras fonético-fonológicas, sendo que a primeira aborda as vogais médias pretônicas /e, o/ →[e, o]/(c)-(c) –V. média alta (lê-se: vogais médias pretônicas /e, o/ se realizam como [e, o], entre duas consoantes e antes de vogais médias pretônicas altas [e, o]. O exemplo pode ser verificado nas palavras *pegou*, *peguei* e *adorei*. Como desdobramento dessa regra, Azevedo (2001) formulou as seguintes:

Vogais médias pretônicas /e, o/ →[ɛ, ɔ]/(c)-(c)-V.b. ou nasal (lê-se: vogais pretônicas /e, o/ se realizam como [ɛ, ɔ] entre duas consoantes e antes de vogal baixa ou nasal. Exemplos nas palavras *pegamos*, transcrita [pɛ.ˈgã.muʃ], *adoramos*, transcrita [a.do.ˈrã.muʃ] e *noção*, transcrita [nɔ.ˈsãw].

Vogais médias pretônicas /e, o/ →[ɛ, ɔ]/-v.m.b. (lê-se: vogais médias pretônicas /e, o/ realizam-se como [ɛ, ɔ] antes de vogal média baixa. Exemplo nas palavras *negócio*, transcrita [nɛ.ˈgɔ.sju] e *proposta*, transcrita [pɾɔ.ˈpɔʃ.ta].

Vogais médias pretônicas /e, o/ →[ɛ, ɔ]/-v.m.a.n. (Lê-se: Vogais médias pretônicas /e, o/ →[ɛ, ɔ] antes de vogal média alta nasal. Exemplo: *setembro*, transcrita [sɛ.ˈtẽ.brũ] e *problema*, transcrita [pɾɔ.ˈblẽ.ma].

Em se tratando de vogais tônicas altas [i, u], não foi possível a formulação de regra geral, porque houve flutuação nas realizações das pretônicas, como pode ser verificado nas palavras *verruga*, transcrita [vɛ.ˈhu.ga], *veludo*, transcrita [ve.ˈlu.du], *verniz*, transcrita [vɛh.ˈniʃ], e *resíduo*, transcrita [he.ˈzi.du].

Na segunda regra, o /e/ →[e]/-z, ʒ, ʃ, m, n como nas palavras *exato*, *engano*, *egito* e *destino*, transcritas foneticamente como [e.ˈza.tu] [ẽ.ˈgã.nũ], [e.ˈʒi.tu] e [deʃ.ˈtʒĩ.nũ]. O desdobramento dessa regra acontece quando o /e, o/ →[e, o]/-ʒ, ʎ, ʃ como nas palavras *festejar*, *avermelhar* e *fechar*, cujas transcrições fonéticas são, respectivamente, [feʃ.te.ˈʒa], [a.veh.me.ˈʎa] e [fe.ˈʃa].

Na terceira regra, o /e, o/ →[e, o]/-ar como em *passear*, *recear* e *coroar*, sendo as transcrições fonéticas, respectivamente, [pa.se.ˈa], [he.se.ˈa] e [ko.ro.ˈa].

Na quarta regra, o /e/ →[e, o]/-sufixo aumentativo –ão e –ona como nas palavras *mesona*, transcrita [me.ˈzõ.na], e *olhão*, transcrita [o.ˈʎãw]. O /e/ →[e, o]/-sufixo –udo e –ido como nas

palavras *peludo* e *tolice*, transcritas, respectivamente, como [pe.'lu.du] e [to.'xi.si].

Na quinta regra, o /e, o/ → [e, i, o, u]/-s, ʃ, Z, m, n, -ar, vogal alta como nas palavras *extrato*, transcrita como [eʃ.'tra.tu] ~ [[iʃ.'tra.tu]; *passar*, transcrita [pa.se.'ah]~[pa.si.'ah]; *voar*, transcrita [vo.'ah]~[vu.'ah]; *peru*, transcrita [pi.'ru]~[pe.'ru]. Portanto, nesses contextos as realizações de /e, o/ oscilaram entre [e] e [i] e entre [o] e [u].

Nos resultados da pesquisa de Azevedo (2021), que coletou dados da fala de moradores da periferia de Manaus oriundos do Rio Juruá (AM) houve incidência maior, mas não de forma categórica, de vogais médias pretônicas semifechadas [e, o], sendo que as regras fonético-fonológicas de Cunha e Silva (1980) para a manutenção de vogais médias altas [e, o] foram aplicadas. Quanto aos alteamentos de /e, o/ não obtiveram tanta incidência como nos dados verificados na pesquisa de Corrêa (1980).

Em 2004, surge o Atlas Linguístico do Amazonas, da autoria de Cruz. Trata-se de um Atlas Pluridimensional, pois além da dimensão diatópica, inclui também dimensões diastráticas como a diageracional (3 faixas etárias) e a diagenérica ou diassexual (homem *versus* mulher). Nele são abordadas também as vogais médias pretônicas em 9 pontos de inquérito localizados por todo o Estado (Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins). Foram selecionados 6 informantes por ponto de inquérito, sendo 3 homens e três mulheres, analfabetos ou com até a 4ª série primária, distribuídos em 3 faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante). Tais informantes pertenciam à localidade, e tinham, preferencialmente, pais e cônjuges pertencentes a mesma região em estudo, viviam 2/3 na mesma localidade e tinham boas condições de fonação. Cruz (2004) usou na obtenção de dados fonético-fonológicos um questionário fonético-fonológico contendo 156 perguntas. Os pressupostos teórico-metodológicos utilizados na elaboração do ALAM vêm sendo utilizados na confecção de outros atlas linguísticos por microrregiões do Estado do Amazonas e em outras pesquisas de natureza dialetológica.

Cruz (2004) conclui que, no Estado do Amazonas, há incidência de vogais médias pretônicas abertas [ɛ, ɔ] tal como afirmava Nascentes (1953), embora ela tenha registrado ocorrências de [e, o] e de [i, u]. Para a vogal média pretônica anterior /e/, foram selecionadas 22 palavras, a saber: *depois, bebida, educação, mentira, estragada esgoto, espinha, pescoço, tesoura, presente, melancia, melhor, perfume, perdido, real, reais, desovar, diretora, resultado, devagar, remédio e medicina*; enquanto para a vogal média pretônica posterior /o/, foram selecionadas 32 palavras, a saber: *tomate, colheita, leiloeiro, botinho, notícia, obrigado, afogar, conversando, conhecido, mosquito, comer, desovar, trovão, inocente, polvilho, chorão, morreu, assoalho, coador, goiaba,*

*proibido, oitenta, magoado, canoinha, orelha, coração, joelho, comadre, bonito, assobio e soldado, advogado.*

Cruz (2004) concluiu que a vogal anterior /e/ se realizou foneticamente como [ɛ, e, i]. Em palavras como *real* e *reais*, a incidência da vogal média pretônica anterior [e] foi categórica, enquanto no vocábulo *resultado* obteve percentual de ocorrência de 92%. Já no vocábulo *melhor* houve uma flutuação de [ɛ], com incidência de 68%, para [e], com percentual de ocorrência de 32%.

Nos dados para vogal pretônica, o [e] ocorreu de forma categórica nas palavras *diretora* e *pescoço*. Na mesma palavra *tesoura*, a incidência percentual de [e] foi 68%, enquanto para [i] foi 32%. Em se tratando do vocábulo *depois*, o [e] obteve 90% das ocorrências contra 7,5% de [i], e 2,5% referentes à má articulação dessa palavra feita por dois informantes.

A variante pretônica [i] ocorre com maior incidência quando antecede o /s/ em coda silábica. Tal vogal obteve um percentual de ocorrência de 97% na palavra *estragada*; enquanto na palavra *esgoto*, a incidência de [i] foi de 87%; e na palavra *espinha*, tal alteamento obteve 74% das ocorrências.

Cruz (2004) não constatou a ocorrência de harmonia vocálica entre a vogal tônica alta e a pretônica, ou seja, quando a tônica for alta, a pretônica assimila os traços dela e sofre alteamento. Não foi o caso nos resultados de Cruz (2004), pois a variante mais incidente, nesse contexto, foi a manutenção da vogal pretônica semifechada [e] com ocorrência percentual de 53%, sendo seguida pela variante [ɛ] com 42% das ocorrências. Enquanto a realização da vogal pretônica alta [i] incidiu apenas 5%, aparecendo somente no vocábulo *bebida*.

Quando o contexto fonético envolvia a vogal tônica nasal, houve uma flutuação entre [ɛ]~[e]. Por exemplo, na palavra *presente*, a variante [ɛ] obteve 83% das ocorrências, enquanto [e] incidiu com 17%. Já na palavra *educação*, apareceram as 3 variantes pretônicas, em que o [e], [ɛ] e [i], obtiveram, respectivamente, percentuais de ocorrência de 67%, 28% e 2,5%.

Ainda analisando os dados do ALAM, desta vez em se tratando dos resultados da vogal média pretônica /o/, esta se realizou foneticamente como [ɔ], [o] e [u]. Por exemplo, os dados foram os seguintes, considerando-se o contexto fonético adjacente: diante de vogal tônica aberta, houve incidência de [ɔ], obtendo 61,70% das ocorrências, e sucedeu de forma categórica nos vocábulos *afogar* e *advogado* e quase categórica na palavra *desovar*. Nas palavras *goiaba* e *tomate*, houve prevalência da variante [o], enquanto em *comadre* a incidência maior foi de [u]. Diante de vogal tônica fechada, a ocorrência é de [o], mesmo com consoante velar

precedente ou de consoante bilabial precedente, contrariando pesquisas sociolinguísticas, pois o [o] obteve 84,80% de incidência, sendo categórico na palavra *morreu e* predominante nas palavras *colheita (91%), conheço (75%), comer 68%* e *orelha (90%)*. A variante [ɔ] obteve apenas 1,2% e incidiu somente na palavra *conheço (6%)*. Por sua vez, a variante [u] obteve percentual de ocorrência de 14%.

Nas palavras *notícia, mosquito, botinho, polvilho, bonito e assobio*, a vogal [o] foi predominante, apresentando um percentual de ocorrência de 49,34%, contra 45,16% de [ɔ] e 1,34% de [u]. Cruz (2004) verificou que na palavra *polvilho* houve flutuação de [ow] para [ɔw], mantendo o ditongo fechado ou aberto, e de [o] para [ɔ], havendo alternância entre vogal fechada e aberta, respectivamente.

Nas palavras *leiloeiro, assoalho, coador, proibido, magoado, canoinha e joelho*, o /o/, diante de hiato, ocorreu predominantemente como [u, w], obtendo 52,50% das ocorrências. Já a variante [o] obteve 41,50% das ocorrências, enquanto o [ɔ] incidiu com apenas 4,70%. Cruz (2004) registrou ainda uma vogal com timbre intermediário, [ō] entre [o] e [ɔ] nas palavras *coador e proibido*, totalizando 1,3% das ocorrências apenas. Na palavra *canoinha*, o falante ditongou, algumas vezes, o /o/ em [ow], obtendo 47,5% das ocorrências para essa palavra.

Diante de vogal tônica nasal, houve predominância da variante [ɔ], apresentando um percentual de ocorrência de 43,5%, contra 35,7% de [o], 20,4% de [u] e 2% de [ō]. Quando a pretônica /o/ apresenta nasalidade de cunho fonológico, ela se realiza como [o] seguindo a tendência de outros falares.

Em 2009, Silva realizou uma pesquisa sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de moradores de Itapiranga e Silves, cidades localizadas na região do Médio Amazonas. Para essa pesquisa, foram selecionados 6 informantes (3 homens e 3 mulheres) por ponto de inquérito, sendo distribuídos nas faixas etárias de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante. Os informantes eram analfabetos ou cursavam, no máximo, o ensino fundamental; eram naturais da localidade e tinham país e cônjuge da mesma região; não tinham se afastado por mais de 1/3 da vida deles; e tinham boas condições de fonação. Os resultados da pesquisa de Silva (2009) mostram ocorrência tripartite, ou seja, o /e/ e o /o/ pretônico se realizaram foneticamente como [e, o], [ɛ, ɔ] e [i, u]. Nessa pesquisa, as dimensões dialetológicas são as mesmas das utilizadas no ALAM, que são diferentes da utilizada por Corrêa, que se ateuve apenas à variação diatópica, cujos resultados para o alteamento, ocorrências de vogais médias pretônicas altas [i, u], foram muito expressivas, apesar de os dados

envolvendo as realizações pretônicas não terem sido comparadas entre Itacoatiara e Silves à época.

Quara (2012) investigou o comportamento fonético das vogais médias pretônicas /e, o/ na fala manauara, utilizando-se do questionário fonético-fonológico do Atlas Linguístico do Amazonas aplicado a 24 informantes moradores dos bairros Parque dez de novembro, Zona Centro-Sul, São Raimundo, Zona Oeste, Centro, Zona Sul, e Colônia Antônio Aleixo, Zona Leste. Quara (2012) utilizou-se das mesmas dimensões e parâmetros da pesquisa dialetológica usados na pesquisa de Cruz (2004), à exceção do critério diageracional, que na pesquisa de Quara o informante poderia ter cursado até o 9º ano do Ensino Fundamental, enquanto no ALAM, o informante poderia ter até a 4ª série primária. Os resultados dessa pesquisa mostram uma ocorrência tripartite de vogais na posição pretônica, sendo que em 96 cartas fonéticas e em 13 cartas fonético-contextuais, a incidência de variantes pretônicas [e, o] foi mais expressiva; porém, em determinados contextos intralinguísticos, houve o predomínio de variantes pretônicas semiabertas [ɛ, ɔ] e de variantes fechadas [i, u].

Azevedo (2013) realizou uma pesquisa sobre os fenômenos pretônicos na Região do Médio Solimões. As dimensões pesquisadas foram diatópica (comunidades Itapéua, Saubinha, Costa do Juçara, São João do Ariri, localizadas no município de Coari, e as cidade Coari, Codajás e Anamã), diagenérica (homem *versus* mulher), diageracional (informantes com idade de 18 a 30 anos e 50 anos em diante), diastrática (informantes com escolaridade até a 4ª série primária *versus* informantes com escolaridade acima da 4ª série). Participaram da pesquisa de Azevedo (2013) 56 informantes, sendo 8 em cada ponto de inquérito. Foram selecionadas 101 palavras para compor o questionário fonético-fonológico, que continham as variáveis médias pretônicas /e, o/. Nessa pesquisa, os vocábulos selecionados foram os seguintes: *escada, escova, espada, espantalho, espiga, espingarda esponja espuma estátua estômago estrela esqueleto avestruz bateria beterraba bebedouro semente cemitério, cenoura cerveja, cerâmicas, sereia, leão, pepino, perfume, panela de pressão, presente, melão, menino, regador, repolho, retrato, revólver, travesseiro, veado, elefante, feijão, helicóptero, Petrobrás, geladeira, melancia, celular, jerimum, seringueira, escorpião, telefone, televisão, botija, boné, coelho, colher, coroa, colar, coruja, costela, gasolina, goiaba, jornal, moeda, pipoqueira, morcego, sorvete, violão, microfone, orelha, tomate, toalha, sofá, sabonete, joaninha, fogão, costura, chocalho, mosquiteiro, cachoeira, coração, polegar, cogumelo, roçadeira, borboleta, professor, hospital, dominó, almoçando, bebendo, comendo, correndo, desenhando, dormindo, escovando, escrevendo, jogando, pedalando, peneirando, pescando, tocando, tomando,*

*tossindo, e voando.*

Os resultados mostram a alternância entre as variantes pretônicas de /e, o/. Azevedo (2013) considerou que o /e, o/ poderia se realizar como [e, o], caracterizando a manutenção dessas vogais pretônicas na mesma altura no eixo vertical da boca; como [ɛ, ɔ], caracterizando o abaixamento pretônico em relação ao grau de elevação da língua no eixo vertical da boca; como [i, u] caracterizando o alteamento pretônico, ou seja, tal fenômeno pretônico ocorre quando acontece o grau máximo de elevação da língua no eixo vertical da boca. Retomando o que já foi apresentado, Nascentes (1953) considerava que a Região Norte do Brasil seria uma região dialetal diferente de outras regiões do país pela apropriação de vogais médias pretônicas abertas [ɛ, ɔ], o que inclui os falares dos povos do Médio Solimões. Por sua vez, Corrêa (1980) constatou, em sua pesquisa, que nos falares das cidades de Itacoatiara e Silves predominou a ocorrência de vogais altas [i, u] como variantes das vogais médias pretônicas /e, o/. Porém, Azevedo (2013), como já mencionado anteriormente, considerando o contexto atual, com elevado índice de urbanização, de inovação tecnológica e de crescimento do nível escolar na grande Região Amazônica, seria mais provável que o quadro de variantes fonéticas de /e, o/, na posição pretônica, tivesse mesmo mudado. Baseado nisso, a hipótese de Azevedo (2013) era a de que houvesse uma flutuação de variantes pretônicas, ou seja, que houvesse uma ocorrência tripartite, caracterizando um processo de evolução espontânea ocorrendo de forma natural, influenciada pelo contexto sociocultural da Região Amazônica.

Os fenômenos pretônicos da manutenção, do abaixamento e do alteamento ocorreram, de fato, sendo que para a vogal média anterior /e/, o abaixamento [ɛ] foi predominante; enquanto para a vogal média posterior /o/, embora com incidências próximas, foi predominante a manutenção [o], seguida do alteamento [u] e do abaixamento [ɔ].

Azevedo (2013) teceu ainda hipóteses sobre a influência de fatores extralinguísticos, considerando que nas variáveis sociais como maior escolaridade, mais jovens e mulheres se apropriariam das variantes pretônicas semifechadas [e, o], supostamente mais controladas, prestigiadas e em consonância com o padrão gramatical da Língua Portuguesa, já que outras variantes são consideradas variantes dialetais; e que as variáveis sociais como menor escolaridade, mais velhos e homens se apropriariam de variantes mais baixas [ɛ] e [ɔ] e de variantes altas [i, u], supostamente menos prestigiadas e fora do padrão normativo. Segundo o pesquisador, os dados relativos a fatores externos, aqueles que influenciam a ocorrência das variantes pretônicas, foram pouco relevantes se comparados aos dados descritos e analisados no eixo diatópico de variação linguística.



Tavares (2019), por sua vez, investigou os fenômenos pretônicos (alteamento, manutenção e abaixamento), considerando as mesmas dimensões e parâmetros da pesquisa de Quara (2012) e aplicando um questionário fonético-fonológico composto por 98 perguntas, mais conversações livres. Os resultados mostram a ocorrência tripartite das realizações fonéticas de /e/ e /o/, sendo que para os dados linguísticos da vogal anterior, houve predominância do alteamento [i], seguido do fenômeno da manutenção [e], e, por último, do fenômeno do abaixamento pretônico, cujos registros foram poucos expressivos. Em se tratando dos dados linguísticos da vogal posterior, a ocorrência mais expressiva foi da manutenção pretônica, seguida do abaixamento, e do alteamento, que obteve baixa incidência.

Considerando as pesquisas já realizadas no Estado do Amazonas, tem-se um Quadro Geral das realizações pretônicas de /e/ e de /o/ do português amazonense. É bom lembrar que as duas pesquisas realizadas na década de 1980 não possuem registro percentuais nem a frequência absoluta e relativa de uma das variantes, ficando difícil precisar se houve ocorrência categórica de um dos fenômenos pretônicos estudados nessa década.

Pela leitura da Tabela 1, mantem-se os dados do Baixo Amazonas, microrregião do Estado do Pará, em virtude das comunidades Igarapé e Juruti-velho estarem na fronteira com o município de Parintins, no Estado do Amazonas, e por esses 3 pontos de inquérito da pesquisa de Azevedo (2013) apresentarem traços fonéticos em comum envolvendo variantes pretônicas. Os pontos de inquérito estão distribuídos espacialmente, partindo de Juruti (PA) até o Rio Juruá (AM), subindo o Rio Amazonas e o Rio Solimões.

Pelos dados da Tabela 1, Silves, Itapiranga e Itacoatiara se enquadram dentro de uma Zona de Transição dialetal, pois enquanto no Baixo Amazonas predomina a manutenção pretônica, [e], no Médio Amazonas predomina o alteamento [i], e a partir de Manaus até a Comunidade São João do Ariri, no município de Coari, começa a predominar em alguns pontos de inquérito o fenômeno do abaixamento. Percebe-se que o fenômeno do alteamento pretônico bastante expressivo, conforme dados da pesquisa de Corrêa (1980), compete com o fenômeno da manutenção. Vale ressaltar ainda que os dados sobre as pretônicas na cidade de Manaus sofreu alteração: enquanto na pesquisa de Cunha e Silva (1980) o abaixamento era predominante, ou seja, havia a presença de vogais abertas [ɛ, ɔ]<sup>6</sup> na pesquisa de Quara (2012) se sobressai a manutenção, com a ocorrência de [e] e na pesquisa de Tavares (2019), de maneira expressiva ocorre o alteamento, com a incidência de [i].

---

<sup>6</sup> Em alguns trechos manteve-se a terminologia de vogais abertas [ɛ, ɔ] por ser consagrada na pesquisa sociolinguística e dialetológica, embora, na verdade, sejam vogais semiabertas, e aberta mesmo só a vogal [a].

Tabela 1 Alçamento, manutenção e abaixamento das realizações fonéticas da vogal pretônica anterior /e/

Principais realizações pretônicas do /e/ no contexto diatópico								
Pontos de inquérito	Alt. [i]		Manut. [e]		Abaix. [ɛ]		Total	Pesquisa
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.		
Igarapé (PA)	29%	151	35%	185	26%	136	528	Azevedo (2013)
Juruti-velho (PA)	19%	98	46%	243	24%	126	528	Azevedo (2013)
Parintins (AM)	12%	18	49%	76	15%	23	156	Cruz (2004)
Itapiranga (AM)	42%	61	42%	61	7%	12	144	Silva (2009)
Silves	Predominante		Sem registro		Sem registro		Sem registro	Corrêa (1980)
Silves (AM)	43%	62	38%	54	11%	16	144	Silva (2009)
Itacoatiara	Predominante		Sem registro		Sem registro		Sem registro	Corrêa (1980)
Itacoatiara (AM)	15%	24	46%	71	17%	27	156	Cruz (2004)
Manaus	Sem registro		Sem registro		Predominante		Sem registro	Cunha e Silva (1980)
Manaus (AM) <sup>7</sup>	29%	327	42%	476	28%	319	1.125	Quara (2012)
Manaus (AM)	50,95%	239	45,41%	213	3,62%	17	469	Tavares (2019)
Manacapuru (AM)	13%	20	44%	68	19%	30	156	Cruz (2004)
Anamá (AM)	26%	135	28%	149	36%	191	528	Azevedo (2013)
Codajás (AM)	25%	131	25%	134	36%	191	528	Azevedo (2013)
Itapéua (AM)	21%	111	33%	172	38%	198	528	Azevedo (2013)
Saubinha (AM)	29%	155	20%	103	37%	193	528	Azevedo (2013)
Coari (AM)	24%	126	27%	145	39%	206	528	Azevedo (2013)
Costa do Juçara (AM)	22%	116	30%	158	38%	200	528	Azevedo (2013)
Ariri (AM)	24%	126	30%	160	35%	182	528	Azevedo (2013)
Tefé (AM)	11%	17	38%	59	19%	30	156	Cruz (2004)
Rio Juruá	23%	69	34%	103	30%	91	304	Azevedo (2001)

Fonte: Adaptado de Azevedo (2013)

Considerando os dados pretônicos somente do Estado do Amazonas, conclui-se que o

<sup>7</sup> Quara (2012) computou os dados juntos das variantes fechadas [e] e [ɛ] e das variantes altas [i] e [i̯].

alteamento [i] ocorre de maneira expressiva em 4 pontos de inquérito (Itapiranga em 2009, Silves em 1980 e 2009, Itacoatiara em 1980 e Manaus em 2019).

A manutenção [e], por sua vez, predomina em 7 pontos de inquérito (Parintins em 2004, Itapiranga em 2009, Itacoatiara em 2004, Manaus em 2012, Manacapuru em 2004, Tefé em 2004 e Rio Juruá em 2011).

Por último o abaixamento [ɛ] predomina em 8 pontos de inquérito (Manaus em 1980 e Anamá em 2013, Codajás em 2013, Itapéua em 2013, Saubinha em 2013, Coari em 2013, Costa do Juçara em 2013 e São João do Ariri em 2013).

**Tabela 2** Alteamento, manutenção e abaixamento das realizações fonéticas da vogal pretônica posterior /o/  
Principais realizações pretônicas do /o/ no contexto diatópico

	Alt. [u]		Manut. [o]		Abaix. [ɔ]		Total	Pesquisa
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.		
Pontos de inquérito								
Igarapé (PA)	26%	106	38%	156	19%	77	408	Azevedo (2013)
Juruti-velho (PA)	16%	65	43%	177	22%	90	408	Azevedo (2013)
Parintins (AM)	13%	25	42%	80	14%	27	192	Cruz (2004)
Itapiranga (AM)	35%	63	39%	71	18%	32	180	Silva (2009)
Silves (AM)	Predominante		Sem registro		Sem registro		Sem registro	Corrêa (1980)
Silves (AM)	43%	77	34%	62	18%	32	180	Silva (2009)
Itacoatiara (AM)	Predominante		Sem registro		Sem registro		Sem registro	Corrêa (1980)
Itacoatiara (AM)	18%	34	36%	69	16%	31	192	Cruz (2004)
Manaus	Sem registro		Sem registro		Predominante		Sem registro	Cunha e Silva (1980)
Manaus (AM) <sup>8</sup>	32%	348	49%	535	18%	192	1.081	Quara (2012)
Manaus (AM)	38,44%	253	55,57%	365	6,07%	40	658	Tavares (2019)
Manacapuru (AM)	18%	35	29%	55	18%	35	192	Cruz (2004)
Anamá (AM)	32%	129	25%	102	28%	115	408	Azevedo (2013)
Codajás (AM)	30%	124	25%	104	26%	106	408	Azevedo (2013)
Itapéua (AM)	23%	93	33%	135	26%	104	408	Azevedo (2013)

<sup>8</sup>Quara (2012) computou os dados juntos das variantes fechadas [o] e [o]) e das variantes altas [u] e [u)].

Saubinha (AM)	31% 128	22% 91	28% 113	408	Azevedo (2013)
Coari (AM)	26% 106	33% 136	27% 99	408	Azevedo (2013)
Costa do Juçara (AM)	29% 119	29% 117	26% 105	408	Azevedo (2013)
Ariri (AM)	24% 99	30% 120	28% 113	408	Azevedo (2013)
Tefé (AM)	12% 23	34% 68	19% 36	192	Cruz (2004)
Rio Juruá	21% 63	37% 111	41% 126	304	Azevedo (2001)

Fonte: adaptado de Azevedo (2013)

Conforme leitura dos dados da Tabela 2, considerando-se somente os pontos de inquérito do Estado do Amazonas, o alteamento de /o/ para [u] ocorreu de forma expressiva em 6 pontos de inquérito (Silves em 1980 e em 2009, Itacoatiara em 1980, Anamá em 2013, Codajás em 2013, Saubinha em 2013 e Costa do Juçara em 2013). Já a manutenção de /o/ para [o] ocorreu de forma predominante em 9 pontos de inquérito (Parintins em 2004, Itapiranga em 2009, Itacoatiara em 2004, Manaus em 2012 e em 2019, Manacapuru em 2004, Itapéua em 2013, Coari em 2013, São João do Ariri em 2013 e Tefé em 2004). Por último, o abaixamento de /o/ para [ɔ] só foi predominante na pesquisa de Cunha e Silva (1980) em Manaus, e na pesquisa de Azevedo (2001) com falantes oriundos do Rio Juruá, que moravam em Manaus.

Portanto, de maneira geral, esse é o quadro atual de variantes pretônicas registradas no falar amazonense, havendo incidência expressiva de um dos fenômenos (alteamento, manutenção e abaixamento) por ponto de inquérito; enquanto em algumas palavras houve ocorrência categórica, em outras foi possível registrar flutuações de pretônicas. Como variantes fonéticas de /e/ e de /o/, em posição pretônica, registramos, respectivamente, as variantes [e, ε, i] e [o, ɔ, u].

As pesquisas dialetológicas realizadas no Estado do Amazonas mostram uma ocorrência tripartite das realizações fonéticas envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no contexto atual. Na hipótese de Nascentes (1922), o Estado do Amazonas, por incluir a região Norte, era caracterizado por apresentar nos seus falares vogais médias pretônicas abertas [ε, ɔ], como marca de variação dialetal. Já em 1980, na Pesquisa de Corrêa, realizada na Zona Rural de Itacoatiara e Silves, houve ocorrência expressiva de vogais pretônicas altas [i, u]. Paralelamente à pesquisa de Corrêa (1980), Cunha e Silva (1980) registrou ocorrência tripartite dessas vogais na cidade de Manaus com predominância de vogais semiabertas [ε, ɔ]. A tendência de vogais semiabertas [ε, ɔ], semifechadas [e, o] e fechadas [i, u] persiste nas últimas pesquisas realizadas

no Estado do Amazonas, ou seja, há palavras em que ocorrem as três variantes pretônicas de /e/ e /o/ com predominância de uma das variantes; outras em que predominam [ɛ, ɔ]; outras, [e, o]; e, finalmente, outras, [i, u]. A tendência é que se mantenha essa ocorrência ou que a incidência de vogais semifechadas [e, o] predomine com o tempo, já que se constituem o padrão da língua portuguesa. Algumas formas linguísticas possuem ocorrências pretônicas cristalizadas nos falares do Estado do Amazonas, ou seja, só ocorrem com uma única variante de forma categórica. Embora não se tenha considerado variantes fonéticas na vogal tônica, tais fenômenos como alteamento de /e, o/ para [i, u], ou abaixamento de /u/ para [o] são muito raros atualmente no contexto de elevada urbanização, inovação tecnológica e redução do analfabetismo na grande Região Amazônica de modo geral. Quando se viaja pelos rios Amazônicos, principalmente, pelo Rio Amazonas e Rio Solimões, mesmo estando distante dos principais centros urbanos, é possível ficar conectado na rede mundial de computadores, enviando e recebendo mensagens no celular ou no computador. Por sua vez, Manaus é um centro radiador de cultura, que influencia as hinterlândias até no aspecto linguístico. De alguma forma, ocorre o nivelamento dialetal, ao mesmo tempo que, por evolução espontânea, as formas linguísticas da grande Região Amazônica se diversificam. É necessária a realização de novas pesquisas para descrever e atualizar o quadro de vogais pretônicas, que poderá se modificar ou se cristalizar com cada variante pretônica incidindo de forma categórica ou não em determinados vocábulos. As pesquisas desenvolvidas não mantiveram o mesmo perfil de informante, nem os mesmos parâmetros dialetológicos nem foram utilizadas nela os mesmos vocábulos em sua íntegra. Seria importante que houvesse um padrão metodológico a fim de que fosse possível fazer o mapeamento linguístico envolvendo as variantes das vogais médias pretônicas /e, o/ no Estado do Amazonas.

### **2.3 A norma de uso e a arealização linguística**

A teoria gerativa considera que a criança, ao entrar o ambiente escolar, já possui uma gramática internalizada, pois durante sua vivência empírica foi submetido ao *input* (dados linguísticos) de sua língua materna, que se impõe coercitivamente, ou seja, toda gama de conhecimento, envolvendo complexidade gramatical, já está pronta. Já lhe é imposta. Uma pessoa não precisa inventar uma língua do zero, pois esta já foi criada séculos ou anos atrás por gerações anteriores. Basta apenas que a criança seja submetida aos dados linguísticos para que internalize essa gramática e passe a utilizá-la em suas interações sociais.

Coseriu (1952) considera a norma resultante de um conjunto de imposições culturais,

pois o sujeito está historicamente situado e marcado ideologicamente. O sujeito não fala para si apenas, mas fala para a sua alteridade a fim de que seja compreendido e vice-versa. Portanto, as formas linguísticas utilizadas no contexto real de uso é resultante da interação social nos diversos domínios do conhecimento humano em seu ambiente sociocultural, e podem ganhar o *status* de norma de uso, de ampla circulação e habitualidade.

Como visto anteriormente, na análise feita por Romano (2020) nos dados do ALiB no que diz respeito às variantes macaxeira e mandioca na fala nortista, que obtiveram ocorrências absolutas e percentuais altíssimas, considerando-se, principalmente, os estados do Acre, do Amapá, de Roraima, do Amazonas e do Pará. E, por isso, pela alta expressividade e distribuição por todos os estados nortistas, *mandioca e macaxeira* consituem-se como norma regional. A região norte é uma grande produtora de farinha, que tem movimentado a economia nas suas diversas hinterlândias. Um saco com 80 litros, atualmente, pode custar de R\$300 a R\$400 nos mercados de Parintins (AM) e Juruti (PA), a depender da qualidade de tal produto.

Se se adentrar nas particularidades das normas de uma comunidade linguística, por exemplo, nas do Juruti Velho (PA), e em referência às denominações de *mandioca*, a que contém ácido cianídrico (HCN) e que é totalmente letal ao ser humano se for ingerida *in natura*, serão encontradas as seguintes formas:

As mandiocas das comunidades do Igarapé do Juruti-velho receberam as seguintes denominações pelos moradores locais: tucumã, miriti, coraci, pororoca, achadinha, marrequinha, coraci branca, traíra, branca, paixão, ajuda, coraci preta, coraci amarela, pororoquinha, mamuru, zolhuda, olímpia, camarãozinho, bodó ou acari, aruanã, manicuera, manicuera branca, manicuera roxa, menina, pogo, carga de burro, arpão, socó, juritizinho, iá, tambaqui, estaquinha, estaca grande, perereca, rosarinho, tapaiúna, anuecê, inajá, jerimum e leandra. (AZEVEDO; MARGOTTI, 2012, p.13-43)

Essas formas linguísticas utilizadas nas demoninações de mandioca no Baixo Amazonas (PA) fazem parte do domínio da cultura mandioca praticada há décadas nessa região.

A norma utilizada por seu falante pode ser diferente da que é ensinada na escola, cujo ensino privilegia o dialeto *standard*, que é uma forma idealizada por todos os falantes de uma comunidade linguística. Existe um padrão do português brasileiro que deve obedecer às regras gramaticais da gramática normativa da língua portuguesa. O que destoar dessas regras gramaticais normativas são consideradas variantes linguísticas ou, na visão prescritiva, são

erros ou desvios linguísticos normativos.

Segundo Barbosa (1989, p. 574), a norma pertence à coletividade, não sendo, portanto, individual e “se define de um ponto de vista, como conjunto de modelos de realizações concretas e, de outro, como o conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes”.

Segundo Guy (2000), os grupos sociais compartilham normas de uso, adotando comportamento linguístico sobre o que se fala e sobre o que os outros falam.

Para ser uma norma de um grupo, comunidade, bairro, cidade, estado, região ou país, ela deve ter incidência expressiva; caso contrário não deverá se constituir como tal. A frequência e a distribuição regular dizem respeito, respectivamente, à incidência da norma no espaço territorial ou em um seguimento social e à difusão dela no espaço territorial e por diferentes grupos sociais.

Sua incidência e distribuição podem ser, segundo Barbosa (1989), da seguinte forma:

- a) variante de alta frequência e distribuição regular;
- b) variante de alta frequência e distribuição irregular ;
- c) variante de baixa frequência e distribuição irregular.

A norma de uso deve ser entendida como forma linguística usada por um grupo de falantes. É uma variante linguística. E essa norma pode ter uma forma parecida com a que é considerada padrão ou é diferente. Ela pode ser uma variante fonético-fonológica, morfofonológica, morfossintática, semântico-lexical etc. Segundo o Dubois et al (2006, p. 435), “chama-se também norma tudo o que é de uso comum e corrente numa comunidade linguística; a norma corresponde, então, à instituição social que constitui a língua”.

Em nível fonético-fonológico, por exemplo, a palavra *menino* pode se sobressair em termos de uso em diversas regiões do Brasil. Existem diferentes possibilidades de uso dessa palavra, que pode ser transcrita foneticamente, desconsiderando-se a variação semântio-lexical, como:

- a) [mɛɲino]
- b) [mɛɲĩnu]
- c) [mɛɲino]
- d) [mɛɲinu]
- e) [mêɲino]
- f) [mêɲinu]

- g) [mẽjĩno]
- h) [mẽjĩno]
- i) [mijino]
- j) [mijino]
- k) [mijĩno]
- l) [mijĩno]
- m) [mĩjĩno]
- n) [mĩjĩno]

Todas essas formas, de a) a n), são possíveis na fala nortista, pois são igualmente inteligíveis à medida que representam uma variante dialetal de um determinado lugar ou segmento social e expressam um *continuum* geoletal ou social, e podem ser normas de uso. Como se sabe, a escrita padrão dessa palavra é *menino*, e a pronúncia padrão dela seria próxima à leitura de suas consoantes e vogais. As pronúncias consideradas padrão no português brasileiro atual seriam, então, as que constam na letra c) [mejino] e d) [mejino], porque a letra *m* é uma consoante, que forma sílaba coma letra *e*, resultando em *me*. Já o /n/, diante de vogal alta /i/, se realiza foneticamente como [ɲ], o som dos grafemas *nh* em língua portuguesa, e forma, junto à vogal alta *i*, a sílaba *ni*; e se realiza também foneticamente como [n] diante de outras vogais, que por sua vez forma, junto à vogal *o*, a sílaba *no* ou *nu*, a depender de qual seja o dialeto padrão usado.

No século XIII, A grafia *minynno* consta nas Cantigas de Santa Maria 323, v. 40-41. Cunha (2010) registra a forma *menyõ* e *minino* também no século XIII, durante a predominância do português arcaico em Portugal. Nesse período, a grafia era flutuante. E a escrita desse período pode representar a pronúncia real na reliazação da vogal média anterior, fechada /e/ em sua realização fonética para [i], por um processo conhecido como harmonia vocálica, em que a pretônica assimila os traços fonético-fonológicos da vogal tônica, no caso dos traços fonético-fonológicos da tônica [i]. Por exemplo, na flutuação gráfica de [e] para [i] em palavras retiradas das Cantigas de Santa Maria:

- a) **vegia** > **vigia**
- b) **Ferida** > **firida**;
- c) **Menina** > **minina**;
- d) **Menino** > **minino**;



- e) Verilla > virilla;
- f) vezinno > vizinno.

A flutuação entre [e] e [i] também ocorria em outras palavras sem ser necessariamente por harmonia vocálica, na hipótese de que eram pronunciadas tal qual a sua escrita. Por exemplo:

- a) *egreja* e *igreja*;
- b) *edade*, *idade* e *eidade*;
- c) *Einês* e *Inês*;
- d) *enfinta* e *infinta*;
- e) *escritura* e *iscritura*;
- f) *meninice* e *mininice*;
- g) *vegiar* e *vigiar*;
- h) *veuva* e *viúva*;
- i) *lenguagem* e *linguagem*.

Nesses exemplos, a norma de uso na escrita seria duas vogais pretônicas: o [e] e o [i], que podem representar a maneira de falar do século XIII, durante o período arcaico, ou seja, a norma de uso na modalidade oral seriam essas duas vogais.

Em Azevedo (2013), o /e/ pretônico da palavra *menino* se realizou foneticamente como [i], apresentando um percentual de ocorrência em 50% na Região do Baixo Amazonas, 8 ocorrências absolutas (de um total de 16 possibilidades), e 54% no Médio Solimões, 30 ocorrências absolutas (de um total de 56 possibilidades), sendo 53% no total geral, considerando-se o somatório das ocorrências das duas regiões estudadas, ou 38 ocorrências absolutas (de um total geral de 72 possibilidades).

Pode-se dizer que a variante pretônica [i] da palavra *menino* é a norma de uso do Baixo Amazonas (PA), do Médio Solimões (AM), e no espaço territorial, que compreende o Baixo Amazonas (PA) e o Médio Solimões (AM), uma vez que teve uma distribuição regular e incidência regular nas áreas pesquisadas. A realização linguística ocorreu com a predominância do uso da variante [i].

No uso real, considerando-se o português amazônico, a variável pretônica /e/ pode ocorrer em uma ou mais palavras como:

- a) [a], apresentando baixa incidência ou não ocorrer, o que não configuraria uma norma de uso, mas uma forma em desuso ou uma forma pretônica em potencial, que foi criada momentaneamente durante a fala por um ou por poucos falantes;
- b) [ã], apresentando baixa incidência e com influência de um segmento nasal, o que

não representaria a norma de uso de um grupo de pessoas ou de uma comunidade linguística;

- c) [ɛ], que pode não ocorrer, ter incidência baixa, média, alta ou podem ter ocorrência categórica em uma ou mais palavras;
- d) [e], que pode não ocorrer, ter incidência baixa, média, alta ou podem ter ocorrência categórica em uma ou mais palavras;
- e) [i], que pode não ocorrer, ter incidência baixa, média, alta ou podem ter ocorrência categórica em uma ou mais palavras;
- f) [ẽ], que pode não ocorrer, ter incidência baixa, média alta ou pode ter ocorrência categórica em uma ou mais palavras;
- g) [ĩ], que pode não ocorrer, ter incidência baixa, média, alta ou pode ter ocorrência categórica em uma ou mais palavras.

O mesmo pode ser aplicado para as variantes da vogal média pretônica posterior /o/.

As variantes fonéticas de /e/ e /o/ podem ser distribuídas em ocorrências relativas, apresentando os possíveis percentuais de incidência em::

- a) 100% para ocorrências categóricas;
- b) De 90% a 99% para ocorrências altas;
- c) De 70% a 89% para ocorrências médias;
- d) De 50% a 69% para ocorrências regulares;
- e) De 30 a 49% para ocorrências baixas;
- f) De 10 a 29% para ocorrências baixíssimas;
- g) De a 1% a 9% para ocorrências insignificantes;
- h) De 0% para nenhuma ocorrência.

O programa *Excel 2010*, onde foram inseridos os dados absolutos, arredondou os valores pra mais ou pra menos. Por isso, algumas variantes, nos resultados desta pesquisa, que tiveram baixíssima incidência, por exemplo, o número percentual foi arredondando para 0%.

Esses índices percentuais de variantes linguísticas, elendados de a) a h), podem ou não ocorrer em um único lugar, em uma única área, havendo arealização linguística na apropriação de uma variante por seus falantes, ou podem ocorrer em dois ou mais lugares. Dependendo do percentual de ocorrência, uma variante pode se constituir em uma norma de uso. Se for em dois ou mais lugares, a variante precisa ter uma distribuição regular e ter uma incidência expressiva, categórica (não havendo outra variante) e mediana ou regular em relação a uma ou a mais de uma variante .

Como o trabalho dialetológico é comparativo, é necessário que o pesquisador selecione dois ou mais pontos de inquérito, de modo que seja possível analisar os dados, confrontando entre si e, possivelmente, com os de outras pesquisas. Em dois ou mais lugares é possível verificar o percentual de incidência e a distribuição de uma variante.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Segundo Cardoso (2010), a pesquisa dialetológica se baseia em um tripé básico: a escolha da rede de pontos, a seleção dos informantes e aplicação dos questionários.

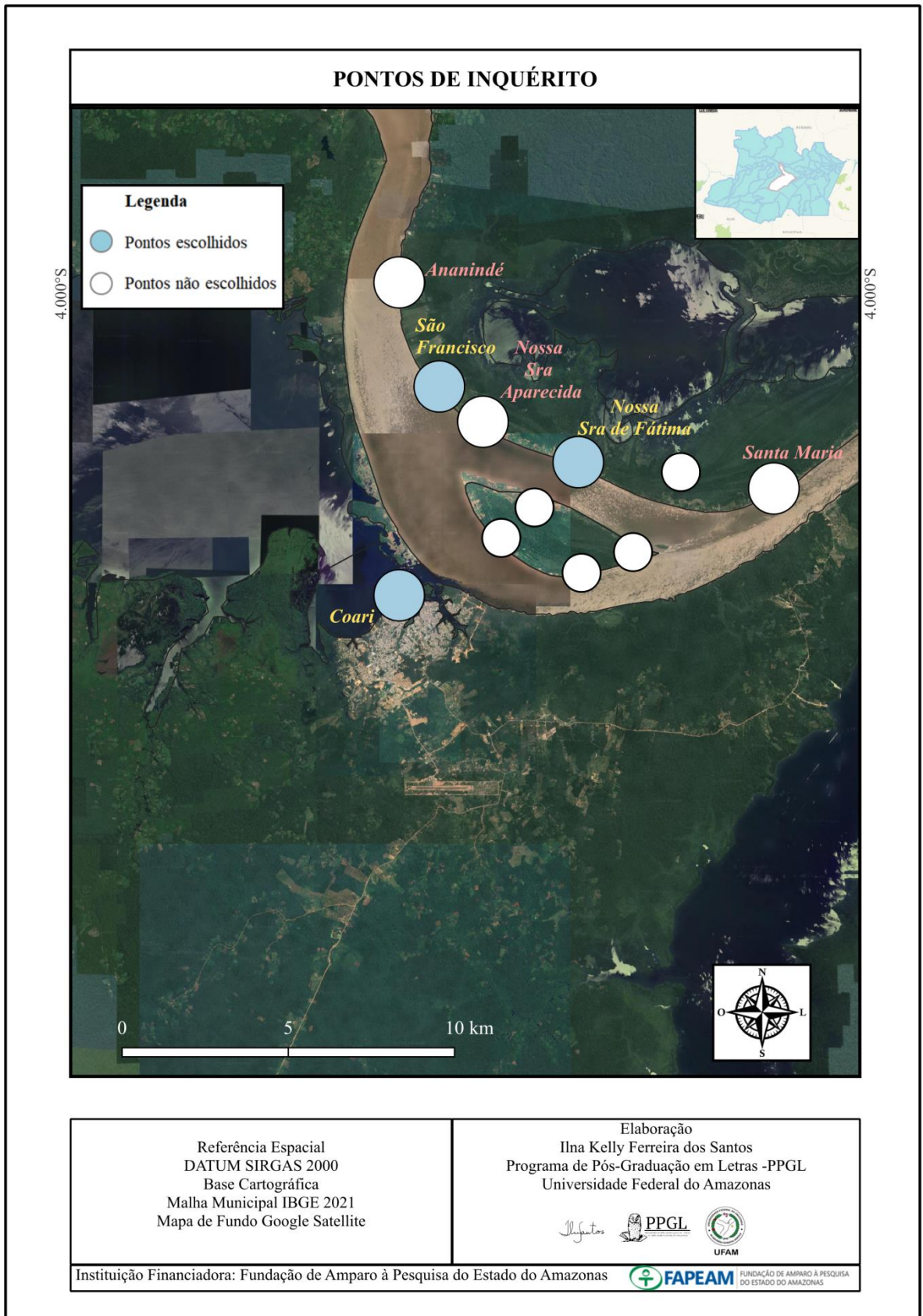
Seguindo a abordagem dialetológica, na vertente pluridimensional, esta pesquisa é de campo, de natureza quantitativa, e foi realizada no município de Coari.

Nos subitens seguintes, passo a descrever a rede de pontos, a seleção dos informantes, o envelope de variação, a coleta de dados, o tratamento de dados e a elaboração das cartas fonéticas.

#### **3.1. A rede de pontos**

Conforme visualização na Figura 2, fazem parte do lócus desta pesquisa a Costa do Juçara e a cidade de Coari (respectivamente, Zona Rural e Zona Urbana). Conforme Cardoso (2010), pode se escolher como ponto de inquérito uma comunidade linguística pequena, média ou grande. Portanto, a escolha dos pontos de inquérito é uma prerrogativa do pesquisador, que conhece a realidade sócio-histórica e cultural da região.

Figura 2 Os dois pontos de inquérito



### 3.2. A seleção dos informantes

Segundo Cardoso (2010), nos estudos dialetológicos não há necessidade de se trabalhar com um número gigantesco de informantes. Para ela, um único informante é capaz de trazer informação válida, pois ele representa linguisticamente uma determinada comunidade. Nossa amostra será composta por 24 informantes, sendo 12 em cada ponto de inquérito, sendo 6 homens e 6 mulheres. Na composição do perfil, o informante precisará:

- a) Ter nascido no Município de Coari;
- b) Possuir família também natural de Coari;
- c) Morar nas localidades pertencentes ao Município de Coari;
- d) Não ter se afastado da cidade por mais de um terço da vida;
- e) Apresentar boa fonação.

### 3.3. Envelope de variação

Chambers e Trudgill (1994) definem a variável como sendo as unidades linguísticas que apresentam duas ou mais variantes relacionadas em covariação com outras variáveis sociais e/ou linguísticas. Pode-se dizer que as variantes linguísticas se caracterizam como modos diferentes socialmente, porém são equivalentes linguisticamente, pois possuem o mesmo referente extralinguístico.

Nesta proposta, como afirmado anteriormente, as variáveis em estudo são as vogais médias pretônicas /e, o/ e suas variantes, respectivamente, [ɛ, e, i], para a vogal anterior /e/; e [ɔ, o, u], para a vogal posterior /o/.

Vale ressaltar ainda que vogais [ɛ, ɔ] caracterizam o abaixamento, [e, o], a manutenção e [i, u], o alçamento pretônico. Para os propósitos desta pesquisa, preliminarmente, foram controladas somente as variáveis independentes nas dimensões: diazonal (Zona Urbana *versus* Zona Rural); diageracional (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante); diasssexual (homem *versus* mulher); e diacrônica (2011 *versus* 2022 ou 2023).

### 3.5 A coleta de dados

Para obtenção dos dados, foi utilizado um questionário de perguntas e respostas objetivas e dados de fala espontânea, a fim de se evitar o paradoxo do observador (LABOV,

1972). Quanto ao questionário, foi feito um *mix* entre as perguntas retiradas da Tese de Cruz (2004) e de Azevedo (2013). Foi adotada entrevista semidirigida, fazendo com que o informante falasse de forma descontraída e deixasse fluir seu vernáculo. Para tanto, foram direcionadas perguntas ao informante relacionadas à vivência dele, fazendo-o com que narrasse fatos empíricos passados. Por último, na gravação da voz de cada informante, foi usado um celular com microfone acoplado.

### 3.6 Tratamento dos dados

Somente as palavras, que tinham o contexto envolvendo as vogais médias pretônicas, foram selecionadas para a realização das transcrições fonéticas, tendo como base o alfabeto fonético internacional.

O tratamento estatístico, no que concerne às ocorrências absolutas, relativas e percentuais, foi feito no *Excel 2010*. Por sua vez, a variação fonética foi representada em gráficos estatísticos em forma de pizza, os quais foram inseridos nas cartas fonéticas para posterior análise descritiva e comparativa.

### 3.7 Elaboração das cartas fonéticas

Para a inserção dos dados linguísticos na carta base, foi usado o *Software* de geoprocessamento e georreferenciamento QGIS<sup>9</sup>, versão 3.30, que é uma ferramenta de apoio utilizada nas pesquisas linguísticas, devido a maior praticidade e flexibilidade no armazenamento do *corpus* e representação dos dados linguísticos no espaço cartográfico. O mapa base foi retirado da malha municipal do Estado do Amazonas e inserido no QGIS.

Para abrir os mapas dentro do QGIS, foi necessário baixar a versão mais atual no formato *shapefile*, utilizando as malhas territoriais<sup>10</sup> do ano de 2021, pois o IBGE disponibilizava até essa versão. Ao baixar as malhas, foi preciso descompactar os arquivos para ficarem compatíveis com o programa QGIS. A descompactação foi feita no programa *WINRAR*<sup>11</sup>, permitindo arrastar as malhas direto para o QGIS, no qual foi possível criar as cartas fonéticas de maneira bastante flexível. Todos os demais dados cartográficos são gerados automaticamente pelo QGIS. O programa QGIS trabalha com camadas, portanto foi usada uma camada da cidade Coari e dos demais municípios, sendo, respectivamente, baixadas do *site* do IBGE, enquanto a camada do *Waze World* foi gerada *online*.

---

<sup>9</sup> Disponível em [www.qgis.org](http://www.qgis.org)

<sup>10</sup> Disponível em <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?=&t=downloads> Acessado em 11.03.2023.

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.win-rar.com/start.html?&L=9> Acessado em 11.03.2023.

### 3.8 Diário de Mestranda

#### Como foi a pesquisa? (18/12/2022)

Decidi viajar na quinta-feira, 15 de Dezembro de 2022 à cidade de Coari, meu local de moradia do nascimento à adolescência e também o local que o pesquisador Azevedo percorreu no ano de 2011 constatando realizações fonéticas tripartites ao final de sua pesquisa em 2013, senti-me apreensiva por saber que daquele dia em diante iniciaria a saga mais importante da minha vida enquanto mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas: A saga intitulada: As vogais médias pretônicas na fala coariense: um estudo geossociolinguístico.

Ao dar início a viagem de 363 km até Coari registrei algumas paradas que o barco fez como por exemplo: Parada nos Portos de Iranduba por volta das 16h do mesmo dia, Codajás as 7h da manhã do dia seguinte e por fim, Coari as 16h. As imagens de algumas comunidades desconhecidas e a passagem pela frente da cidade de Manacapuru estão muito frescas em minha memória. A imagem das gaivotas voando atrás do barco foi encantadora. O barco que eu viajei foi o Estrela do Purus que vai até a cidade de Tefé. Conversei com algumas pessoas durante a viagem. Isso é um dos pontos que eu considero importante para desenvolver esse meu lado extrovertida e engraçada e ao mesmo tempo já unindo o útil ao agradável tomando cuidado para já investigar um pouco sobre a pessoa que pode ser um possível informante ou algum parente dessa pessoa.

Durante a viagem até Coari, fui lendo a tese de CRUZ, 2004, deparei-me com os agradecimentos e me fez perceber o quanto essa pesquisa que se iniciava naquele momento tinha uma importância não só para mim, mas também para minha família, amigos, colegas e conhecidos. Senti o tamanho da responsabilidade que eu carregava em relação a esse trabalho durante a leitura.

Já em Coari, realizei alguns ajustes no questionário conforme orientações da Professora Maria Luiza na última orientação do dia 13/12/2022 que norteou essa pesquisa. Cheguei à conclusão de que seriam 125 questões mescladas entre (CRUZ, 2004) e (AZEVEDO, 2013).

Em Coari fui até a Secretária de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente com a finalidade de coletar alguns dados sobre os pontos de inquérito escolhidos para essa pesquisa.

#### Preparo prévio

Conforme orientações da Professora Maria Luiza eu deveria realizar uma entrevista piloto para constatar mudanças entre séries do Ensino fundamental e Médio. Fiz duas entrevistas no dia 27/12/2022. Consegui uma informante mulher e um informante homem, os dois moradores

da parte urbana de Coari.

A informante possui o nível médio completo, pertence à faixa etária 01 de 18-35 anos de idade. Estava tranquila ao ser entrevistada. Levou em torno de 25min para responder ao questionário fonético e mais 10min para a conversa semidirigida. Nessa parte da conversa ela estava bem descontraída relatando os fatos de uma viagem ao exterior que ela fez quando tinha mais ou menos 16 anos.

O informante possui baixa escolaridade, pertence à faixa etária 02 de 36-55 anos de idade. Estava bem espontâneo e tranquilo. Levou em torno de 22min para responder ao questionário fonético e mais 12min para a conversa semidirigida. Nessa parte ele falou um pouco de tudo sobre sua vida no interior, atividades e trabalhos realizados ao longo de mais ou menos 39 anos lá.

Percebi muitas diferenças na fonética e também no léxico dos dois informantes. E me senti segura a partir daquele momento a efetivar a pesquisa.

### **Como consegui os informantes?**

#### **Resumo sobre a Costa do Juçara**

A Costa do Juçara é composta por várias comunidades. Dentre as mais conhecidas por mim estão a comunidade Ananindé, São Francisco, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima e Santa Maria.

Escolhi a comunidade São Francisco por ter morado lá durante a minha infância e adolescência e por me sentir totalmente familiarizada e tranquila na escolha desse ponto de inquérito. Mas, devido a falta de 2 informantes, tive que adicionar a comunidade Nossa Senhora de Fátima. Nessas comunidades as pessoas vivem principalmente da pesca, do plantio de frutas e verduras e da extração do cacau. E por lá participam de campeonatos todos os anos.

Dependi do meu pai para me levar até as comunidades, devido ele ter uma lancha para o deslocamento até as comunidades da Costa do Juçara. Porém, tive algumas conversas com meus possíveis informantes na feira da cidade para não ter que dar viagem à toa até as casas delas.

Na Costa do Juçara eu me senti em casa pela segunda vez. Coletar dados de pessoas que cresceram e estudaram junto comigo foi a coisa mais tranquila que eu já fiz. É como se aquelas pessoas fossem meus parentes. Cada um é especial. Fui tão bem recebida, ganhei frutas, tomei água de coco, almocei na casa deles. Fui por duas vezes lá, a primeira no dia 02 de janeiro e a segunda dia 05 de janeiro de 2023. No primeiro dia choveu bastante, os barrancos ficaram bem escorregadios, mas meus pais não me deixaram desistir. No segundo dia estava nublado, porém sem chuva. Mesmo assim os barrancos continuavam escorregadios devido a chuva do dia anterior. Nessa segunda ida consegui completar minha amostra da Zona Rural. A sensação de



dever cumprido foi instantânea. 50% da pesquisa já estava cumprida.

### **Na parte urbana de Coari**

Sabia que a parte urbana seria meu calcanhar de Aquiles. Por ter vários bairros, por não conhecer muitas pessoas (afinal quando morei no local, só me deslocava para faculdade e tinha poucos amigos). Após conversas por WhatsApp com parentes e conhecidos consegui as entrevistas nos dias 16, 18, 21 e 23 de Janeiro de 2023. Recebi ajuda efetiva de uma prima minha que me levava de moto em direção a esses informantes. E a parte boa é que ela ficava lá me esperando acabar de entrevistar.

### **Quais as dificuldades enfrentadas?**

Desde o início da viagem de Manaus a Coari vinha com a sensação de que não conseguiria encontrar todos meus informantes em um dos pontos de inquéritos pertencente a Zona Rural de Coari: a Ilha do Ariá. Minha preocupação maior era por não conhecer muito bem as pessoas que moram lá. No dia 4 de janeiro eu mandei mensagem para a Professora Maria Luiza dizendo que gostaria de falar com ela sobre a pesquisa. Já era problema (rsrs). Justo na Ilha do Ariá. A dificuldade de encontrar informantes com o ensino médio acima dos 56 anos e dificuldade para encontrar informantes até a 4ª série na faixa dos 18-35 anos. Tiramos o parâmetro escolaridade e descartamos esse ponto de inquérito do projeto, mas a professora pediu para que eu procurasse informantes até no máximo a 8ª série.

Na parte urbana a dificuldade maior era não conhecer quase ninguém e também devido ao mês de Janeiro ser bem chuvoso que acabou me deixando o mês todo por lá. Dependia de algum conhecido para me indicar onde encontrar os informantes.

### **Quais as dificuldades superadas? Minhas impressões finais**

Para fazer esse mestrado eu precisei saber aproveitar de forma efetiva os 2 anos que o programa me disponibilizava. E só foi na prática que eu senti falta de coisas como saber usar programas, saber fazer cálculos estatísticos, etc., durante a formação na graduação. Apesar de ter feito o PIBIC, por exemplo, mas não tinha a noção da imensidão de coisas que precisaria aprender para conseguir efetivar a pesquisa de campo. É uma realidade totalmente diferente do que fazer pesquisa bibliográfica. É saber lidar com pessoas, saber que você vai atravessar rios correndo risco de temporal, banzeiro, subir e descer várias vezes os barrancos lamacentos e escorregadios, etc.

O primeiro ano foi basicamente cumprindo a realização de disciplina, escrevendo artigos, fazendo proficiência, estágio, orientação, etc. E no segundo ano eu precisei aprender a utilizar os programas para elaboração das cartas, aprender a mexer com estatística, com geografia. Ao

final percebo que é uma saga mono (é só tu contra tu mesmo). Aprendendo a desenvolver minhas próprias ferramentas, e eu cheguei com a sensação de que não quero abandonar tudo o aprendi até aqui. A vontade de aprender mais só aumenta. É por isso que decidi seguir em direção doutorado.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 As realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/

A análise descritiva e comparativa dos dados levou em consideração o contexto extralinguístico. A contabilização dos dados em números absolutos e relativos foi feita no programa *Excel*, versão 2010. Do Município de Coari, participaram da pesquisa 24 informantes, sendo 12 na Zona Urbana (cidade de Coari) e 12 na Zona Rural (Costa do Juçara). As dimensões controladas foram Diazonal (Zona Urbana e Zona Rural), Diassexual (Mulher e Homem), Diageracional (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante), e diacrônica, levando-se em consideração um estudo de mudança em tempo real, pois os dados da pesquisa de Azevedo (2013), que foram coletados em 2011, foram comparados, no que foi compatível, com os dados da pesquisa atual, cuja coleta aconteceu nos meses de dezembro de 2022 a janeiro de 2023.

Foram computadas 1.728 ocorrências das variantes de /e/. Além de [ɛ], [e] e [i], apareceram outras variantes como [ẽ], [ĩ] e [a], e convencionou-se adotar a simbologia [ø] para representar o morfema zero em referência às respostas diferentes daquelas esperadas ou às não dadas, porque o informante não soube responder. As vogais nasalizadas [ẽ] e [ĩ] ocorreram devido à influência de um segmento fonético adjacente ser nasal, enquanto a variante [a] ocorreu quando o falante não fez uso corrente de uma lexia que não faz parte de sua realidade sociocultural. Em algumas respostas, o falante não conhecia a palavra ou falava uma variante semântico-lexical. Em alguns casos, houve a supressão de segmentos fônicos no início da palavra ou aférese, justamente no lugar da vogal pretônica, porque a forma falada é de baixo uso, de baixa frequência na localidade ou é quase totalmente desconhecida, ou porque o referente não faz parte daquele contexto sociocultural, ou porque também o informante não conseguiu se lembrar definitivamente. Em último caso, a pergunta ou a imagem utilizada na obtenção da resposta esperada não foi o suficiente.

Portanto, as variantes encontradas para a vogal média anterior foram [a], [ɛ], [ẽ], [e], [ĩ] e [i], que possuem os seguintes traços articulatórios:

- a) [a] –vogal baixa, central, oral, não arredondada, que apresenta maior grau de abertura da boca durante a fala em relação à produção de outras vogais;
- b) [ɛ] –vogal média baixa, anterior, oral, não arredondada;
- c) [ẽ] –vogal média alta, anterior, nasal, não arredondada;
- d) [e] –vogal média alta, anterior, oral, não arredondada;

- e) [ĩ] –vogal alta, anterior, nasal, não arredondada;
- f) [i] –vogal alta, anterior, oral, não arredonda, que apresenta menor grau de abertura da boca durante a fala em relação à prolação de outras vogais, sendo, portanto, a vogal mais fechada na posição anterior da boca.

Desse rol, podemos classificar tais vogais quanto ao timbre de:

- (1) Vogal aberta [a]
- (2) Vogal semiaberta [ɛ]
- (3) Vogal semifechada [ẽ]
- (4) Vogal semifechada [e]
- (5) Vogal fechada [ĩ]
- (6) Vogal fechada [i]

Em se tratando das variantes de /o/, foram computadas 1.464 ocorrências, as quais foram distribuídas na incidência das variantes [a] [ɔ], [õ], [o], [ũ] e [u]. As variantes de /o/ registradas, nesta pesquisa, são vogais pretônicas posteriores orais e nasais, e houve a ocorrência de uma vogal central baixa. O morfema zero [ø], a despeito de sua utilização para representar o apagamento de /e/, na posição pretônica, também foi usado na indicação de variação semântico-lexical, na aférese, falta de resposta do falante e na ausência de pergunta por esquecimento da entrevistadora.

As variantes [a] [ɔ], [õ], [o], [ũ] e [u] possuem os seguintes traços articulatorios:

- a) [a] –vogal baixa, central, oral, não arredondada, que apresenta maior grau de abertura da boca durante sua prolação diante da incidência de outras vogais;
- b) [ɔ] –vogal média baixa, posterior, oral, arredondada;
- c) [o] –vogal média alta, posterior, oral, arredondada;
- d) [õ] –vogal média alta, posterior, nasal, arredondada;
- e) [ũ] –vogal alta, posterior, nasal, arredondada;
- f) [u] –vogal alta, posterior, oral, arredonda, que apresenta menor grau de abertura da boca durante sua prolação diante da incidência de outras vogais.

Desse rol, podemos chamar quanto ao timbre de:

- (1) Vogal aberta: [a]
- (2) Vogal semiaberta: [ɔ]
- (3) Vogal semifechada: [o]

(4) Vogal fechada: [ũ]

(5) Vogal fechada: [u]

Nos dados descritos e analisados sobre as vogais médias pretônicas, não houve substituição de uma vogal pretônica anterior por uma posterior e vice-versa, pois a movimentação dos articuladores ativos na cavidade bucal ou nasal se ateu aos traços articulatorios já descritos nas letras de *a*) a *f*) para as variantes de /e/ e de /o/ em todas as palavras. A variante [a], uma vogal central, que fica em uma zona de articulação central e mais próxima de /e/ e /o/, se comportou como se fosse uma vogal curinga ao substituir algumas variantes dessas variáveis pretônicas. Em nenhuma ocorrência foi constatado mudança de significado na alternância entre essas variantes, portanto, não formaram par mínimo nessa posição.

Como procedimento didático-metodológico, optamos por transcrever os dados estatísticos, contendo os números absolutos e relativos das 16 Cartas Fonéticas, as quais representam uma Dimensão de variação linguística. Na sequência, disponibilizamos os números relativos nos gráficos de tendência para a descrição das variantes mais expressivas por dimensão e parâmetro. Após isso, foi utilizado um gráfico com linhas para a comparação entre os números relativos da pesquisa de Azevedo (2013) com os da pesquisa atual. No final dos resultados para cada variante pretônica, estabelecemos a norma de uso por palavra.

Além disso, vale lembrar que os fenômenos fonético-fonológicos envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ são denominados também de:

Manutenção pretônica, quando ocorrem vogais médias semialtas [e, o];

Alteamento ou alçamento pretônico, quando ocorrem vogais altas [i, u]

Abaixamento pretônico, quando ocorrem vogais semibaixas [ɛ, ɔ]

Tais termos serão utilizados durante a análise dos dados relativos às ocorrências das variantes de /e/ e de /o/. Nos tópicos seguintes, segue a análise descritiva dos resultados disponibilizados nas 16 cartas fonéticas, segundo as dimensões diatópica, diassexual, diastrática, diageracional e pluridimensional.

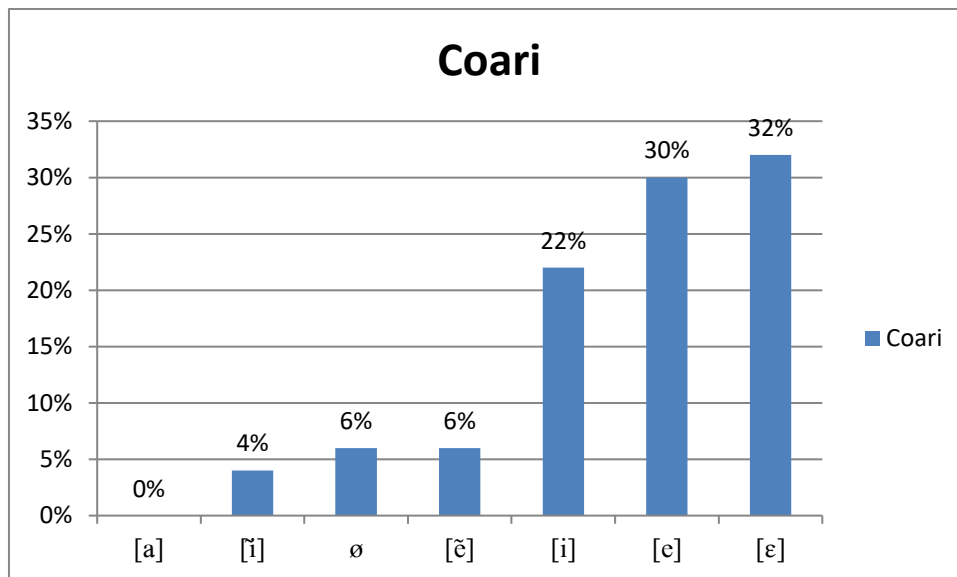
## 4.2 Resultados de /e/

### 4.2.1 Na Dimensão Diatópica

Na Carta Fonética 1, temos os dados gerais para a vogal média anterior /e/, totalizando 1.728 ocorrências distribuídas entre as variantes [ɛ], [e], [i], [ẽ], [ĩ], [a] e ø (morfema zero). Em relação à variante [ɛ], foram computadas 556 ocorrências, que correspondem a um percentual

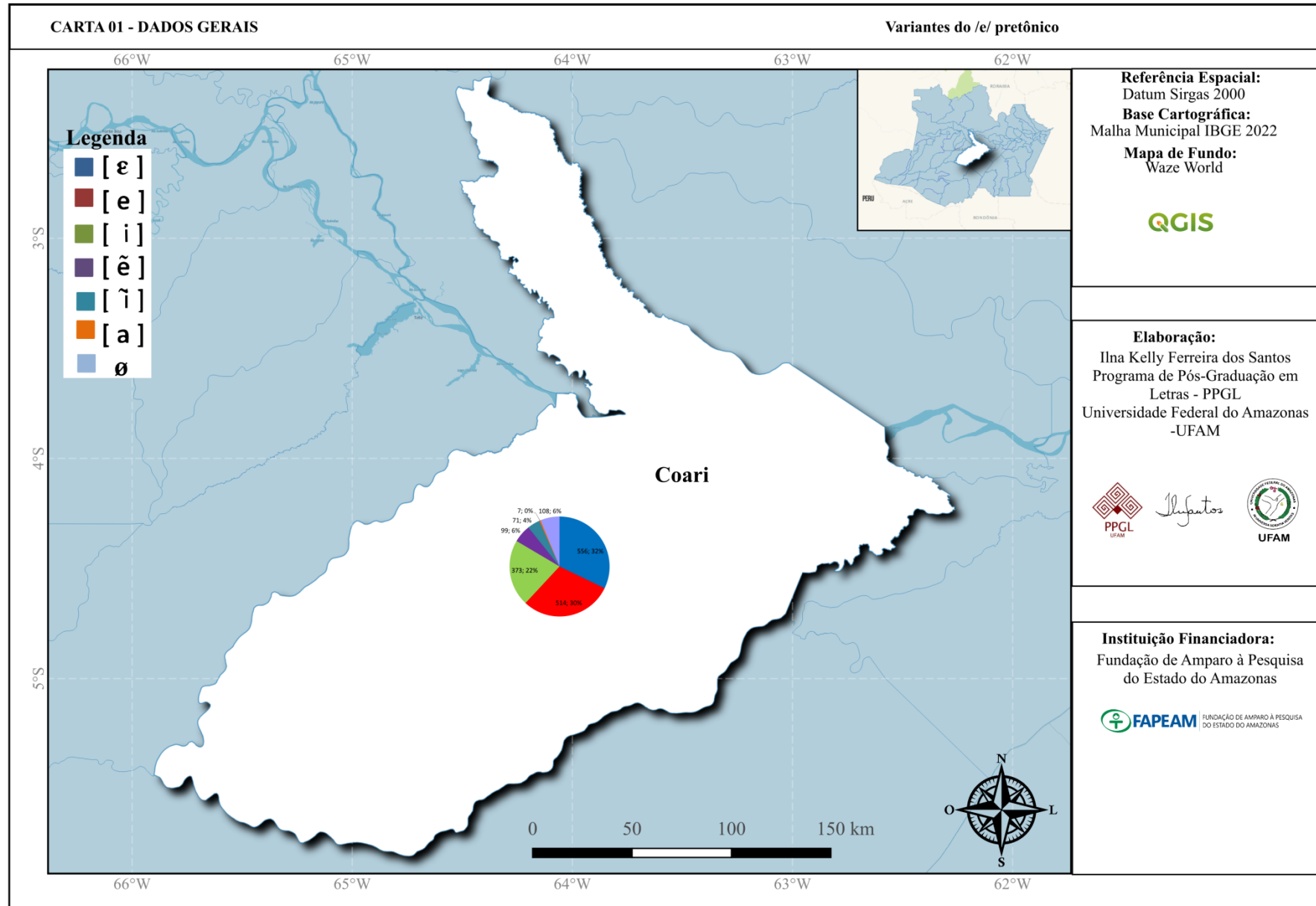
de 32% do total geral. A segunda mais expressiva foi a variante [e], que ocorreu 514 vezes, que equivalem a 30%. Já a variante [i] ocorreu 373 vezes, que equivalem a 22%. Para [ẽ], contabilizamos 99 ocorrências, equivalendo a 6%; para [ĩ], foram contabilizadas 71 ocorrências, equivalendo a 4%; para [a], obtiveram-se 7 ocorrências, equivalendo a 0% com a arredondamento automático do Programa *Excel*, versão 2010; e para  $\emptyset$ , foram contabilizadas 108 ocorrências, equivalendo a 6%. Tais ocorrências também podem ser visualizadas no Gráfico 1, onde é possível constatar a linha crescente da esquerda, menos incidências em número percentuais, para a direita, maiores incidências em números percentuais para as variantes da vogal média pretônica /e/ no eixo diatópico.

Gráfico 1 Variação Diatópia de /e/



As normas de uso são [ε], 32%, [e], 30% e [i] 22% segundo o parâmetro diatópico. A variante [a] sucedeu em palavras que possui baixo uso no repertório linguístico de moradores locais, considerando Coari e Costa do Juçara. Já as variantes nasalizadas ocorreram por influência de sons consonânticos nasais adjacentes.

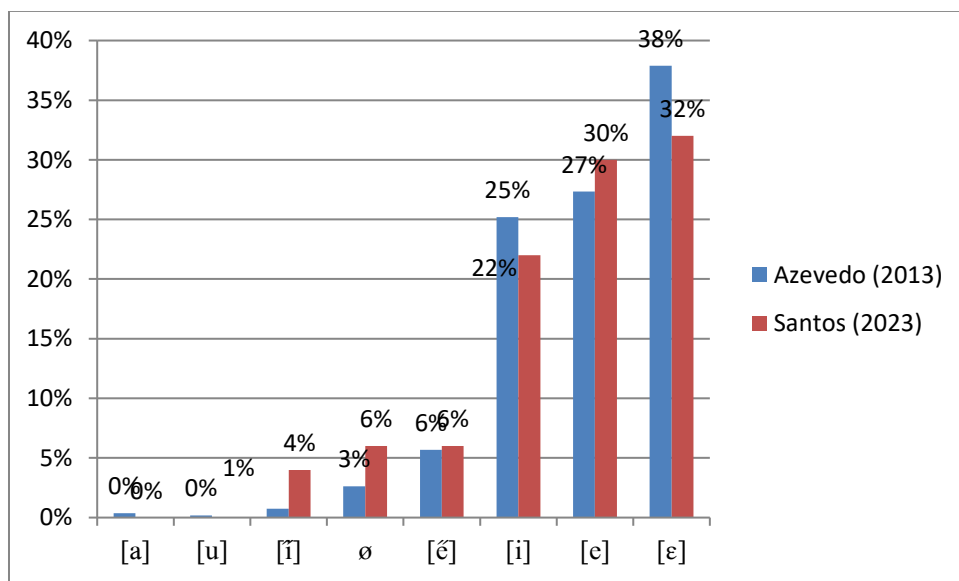
Carta Fonética 1 Variação Diatópica de /e/



Antes de comparar os dados estatísticos para as variantes de /e/ na pesquisa de Azevedo (2013) com a atual, vale comentar alguns assuntos. Por exemplo, foram 9 pontos de inquérito selecionados na pesquisa de Azevedo (2013), cujo total de ocorrências das variantes de /e/ foi de 536 possibilidades para cada lugar, contabilizando 3.752 ocorrências no total geral. Em cada ponto, foram selecionados 8 informantes, sendo 4 homens e 4 mulheres, ambos pertencentes ou a uma faixa etária de 18 a 30 anos ou a uma faixa etária de 50 anos em diante. Dentre os pontos de inquérito, os que interessam para esta pesquisa são Coari, que representa a Zona Urbana, e Costa do Juçara, que representa a Zona Rural. Considerando a inclusão dos dados da Zona Urbana (Coari) e da Zona Rural (Costa do Juçara), temos 1.072 possibilidades, que podem ser distribuídas entre as variantes de /e/.

No Gráfico 6, estão disponibilizados o total geral das ocorrências das variantes da vogal anterior da pesquisa anterior e da atual. O que mudou?

Gráfico 2 Variação Diatópica-Diacrônica de /e/



Os dados estatísticos visualizados no Gráfico 2, comparando os resultados da pesquisa de Azevedo (2013) com a atual, mostram uma diminuição nas ocorrências das variantes [ε], de 38%, em 2013, para 32%, em 2023; e [i], de 25%, em 2013, para 22%, em 2023; e um aumento de 3% nas ocorrências de [e]. Considerando apenas as variantes mais expressivas, a linha azul representa as ocorrências das variantes [i], [e] e [ε] na pesquisa de Azevedo (2013), cujas incidências percentuais, respectivamente, são maiores, à exceção da ocorrência de [e], que as da pesquisa atual, representada pela linha vermelha. Atualmente, os moradores do município



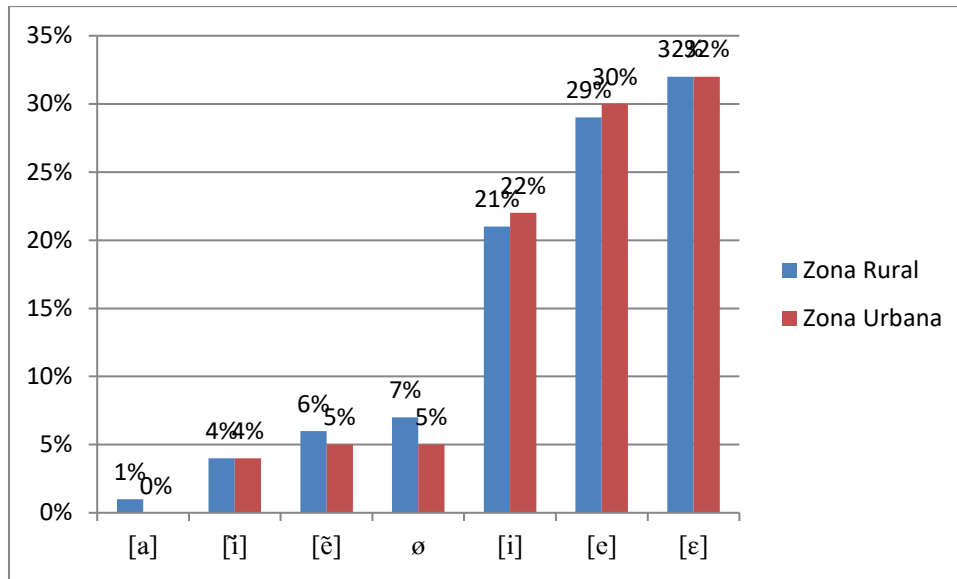
alteiam menos e abaixam menos a vogal pretônica anterior /e/. Embora se tenha um aumento na incidência de [e], de 27%, em 2013, para 30%, em 2023, a manutenção pretônica não ocorreu de forma predominante. Mesmo tendo ocorrido uma diminuição no percentual de ocorrência do abaixamento de /e/ para [ɛ], essa variante ainda é predominante no contexto atual.

#### 4.2.2 Na Dimensão Diazonal

Da Carta Fonética 2, transcrevemos os dados estatísticos para as ocorrências de variantes da vogal média pretônica anterior /e/ por zona. Segundo a Dimensão Diazonal (Zona Urbana *versus* Zona Rural), foram encontradas as seguintes variantes fonéticas de /e/: [ɛ], [e], [i], [ẽ], [ĩ] e [a].

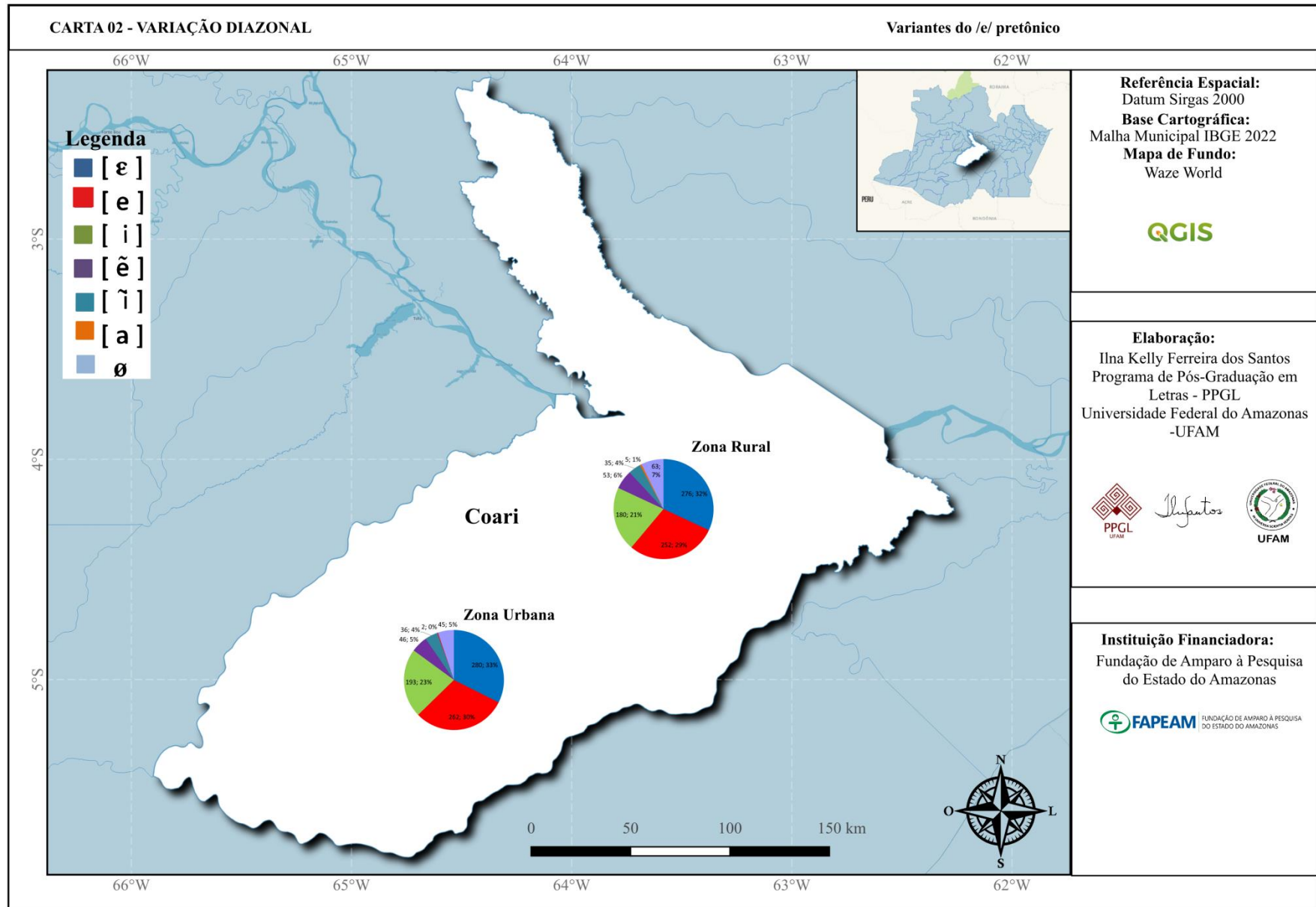
Considerando esse parâmetro, obtiveram-se para a variante [ɛ] 280 ocorrências na Zona Urbana e 276 na Zona Rural, equivalendo a um percentual igual a 32% nas duas zonas. Para a variante [e] contabilizaram-se 262 ocorrências na Zona Urbana e 252 na Zona Rural, representando, respectivamente, 30% e 29%. Para variante [i], foram 193 ocorrências na Zona Urbana e 180 na Zona Rural, apresentando percentuais de ocorrência, respectivamente, de 21% e 22%. Para [ẽ], foram contabilizadas 46 ocorrências na Zona Urbana e 53 na Zona Rural, equivalendo, respectivamente, a 5% e 6%. Para [ĩ], foram computadas 36 ocorrências na Zona Urbana e 35 na Zona Rural, representando um empate de 4% nas duas zonas. Para [a], foram contabilizadas 2 ocorrências na Zona Urbana e 5 na Zona Rural, representando percentuais de ocorrência, respectivamente, de 0% e 1%. Por último, o  $\emptyset$  (morfema zero) ocorreu 46 vezes na Zona Urbana e 63 na Zona Rural, cujos números percentuais correspondentes foram, respectivamente, 5% e 7%. Tais ocorrências relativas também podem ser visualizadas no Gráfico 3.

Gráfico 3 Variação Diazonal de /e/



Conforme dados estatísticos constantes no Gráfico 3, há uma paridade nos números relativos à incidência das variantes nas duas zonas, desde as ocorrências menos expressivas até às mais expressivas, ou seja, tanto moradores da Zona Rural quanto da Zona Urbana falam quase da mesma maneira, uma vez que não existem diferenças relativas ou a incidência percentual máxima para cada variante difere da mínima, quase em sua totalidade, em 1% apenas.

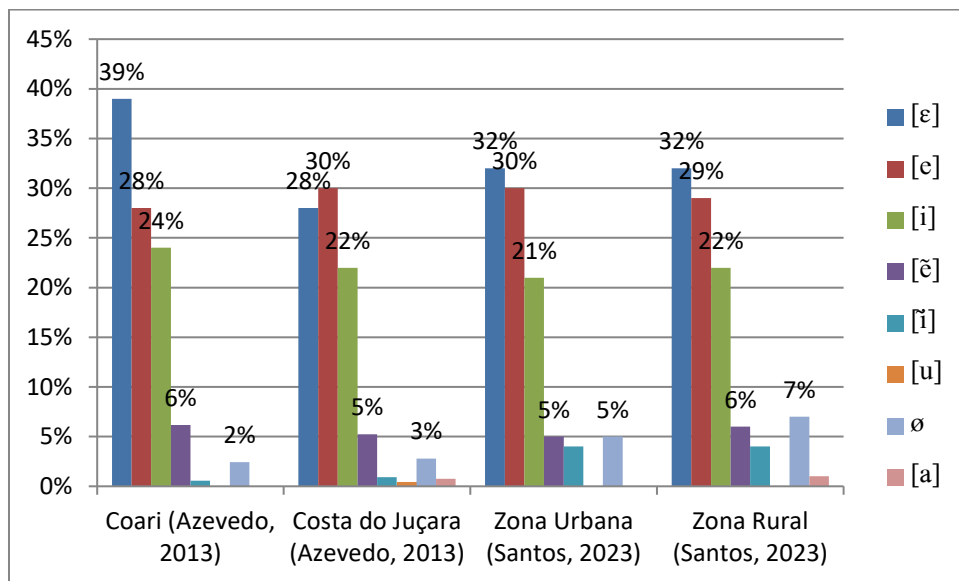
Carta Fonética 2 Variação Diazonal de /e/



Na pesquisa de Azevedo (2013), nos dados estatísticos da cidade de Coari, representando a Zona Urbana, e Costa do Juçara, representando a Zona Rural, o /e/, por zona, se realizou como [ɛ], respectivamente, em 39% e em 28%; como [e] em 28% e 30%; e como [i] em 24% e em 22%.

Portanto, as incidências mais expressivas foram [ɛ], [e] e [i] na pesquisa de Azevedo (2013) por região e na Zona Urbana e Zona Rural do município de Coari. Conforme dados estatísticos constantes no Gráfico 4, no parâmetro Zona Urbana, o percentual de ocorrência de [ɛ] diminuiu de 39%, na pesquisa de Azevedo (2013), para 32% na pesquisa atual.

Gráfico 4 Variação Diazonal-Diacrônica de /e/



Por outro lado, houve um aumento na incidência de [e], que oscila de 28% (Coari) e 30% (Costa do Juçara) na pesquisa de Azevedo (2013) para 30% (Zona Urbana) e 29% (Zona Rural) na atual pesquisa. Portanto, existe uma tendência no aumento do uso de [e], que foi visualizado nos dados da Zona Urbana do Município de Coari.

Quanto ao uso de [i], essa variante manteve o mesmo percentual de 22% entre as duas pesquisas para a Zona Rural, enquanto na Zona Urbana houve uma queda de 3%, indo de 24%, na pesquisa de Azevedo (2013) para 21% na pesquisa atual.

### 4.2.3 Na Dimensão Diassexual

Na Carta Fonética 3, temos os dados gerais relacionados à variação diassexual de /e/. Considerando os dois pontos de inquérito, obtivemos maior incidência para a variante [ɛ] tanto para o parâmetro homem quanto para o parâmetro mulher. Sendo assim, foram contabilizadas 272 ocorrências na fala de mulheres, que equivalem a um percentual de ocorrência em 31%; enquanto na fala dos homens, foram computadas 284 ocorrências, que equivalem a um percentual de ocorrência em 33%.

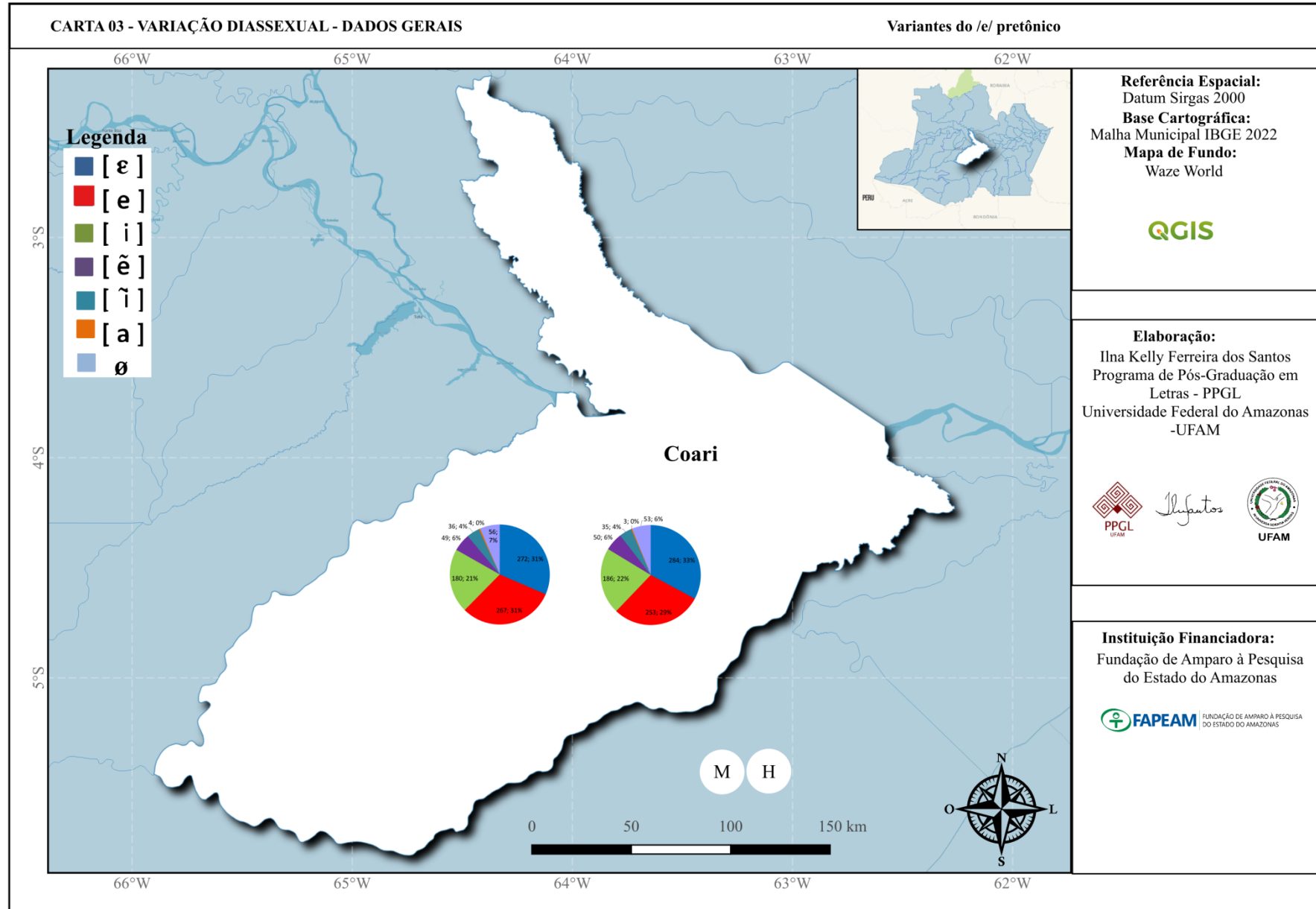
A variante [e] ocorreu 267 vezes segundo o parâmetro mulher. Tal incidência na fala feminina representa um percentual de ocorrência em 31%, o mesmo número percentual da variante [ɛ], para essa variável, havendo um empate técnico em números absolutos. Já segundo o parâmetro homem, foram 253 ocorrências de [e], equivalendo a 29% para essa variante média alta.

Por sua vez, a variante [i] ocorreu 180 vezes na fala das mulheres e 186 na fala dos homens, equivalendo aos percentuais respectivos de 21% e 22%.

Em se tratando das ocorrências da variante [ẽ], contabilizaram-se na fala feminina e masculina, respectivamente, 49 e 50 vezes, significando um empate de 6% entre os dois parâmetros, uma vez que o *Excel* estava configurado para fazer o arredondamento automático, não permitindo casas decimais. Nas ocorrências da variante [ĩ], houve um empate técnico em números absolutos e relativos, sendo 36 e 4%, na fala feminina, e 35 e também 4%, na fala masculina.

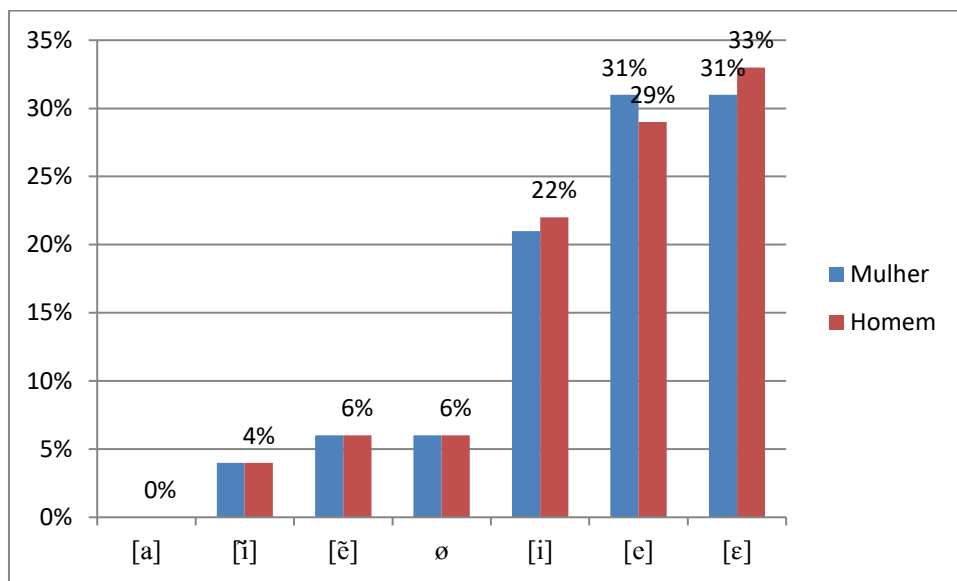
Segundo os dados para a variante [a], foram contabilizadas, respectivamente, na fala feminina e masculina, 4 e 3 ocorrências, que equivalem a um percentual de 0% nos dois parâmetros. Por último, conforme dados estatísticos para o ø (morfema zero), foram 56 e 53 ocorrências, respectivamente, na fala feminina e masculina, significando um empate de 6% entre os dois parâmetros.

Carta Fonética 3 Variação Diassexual de /e/



Pelos dados estatísticos visualizados no Gráfico 5, há pouca diferenciação na maneira de falar entre mulheres e homens, pois mantiveram os mesmos números percentuais de ocorrência para as variantes [a], 0%, [i], 4%, [ẽ], 6%, e incidências próximas para [i], sendo 22% na fala masculina, e 21% na fala masculina; para [e], sendo 31% na fala feminina e 29% na fala masculina; e para [ɛ], sendo 33% na fala masculina e 31% na fala feminina. As mulheres usam mais a variante padrão [e], e os homens abaixam mais a vogal pretônica anterior /e/e para [ɛ].

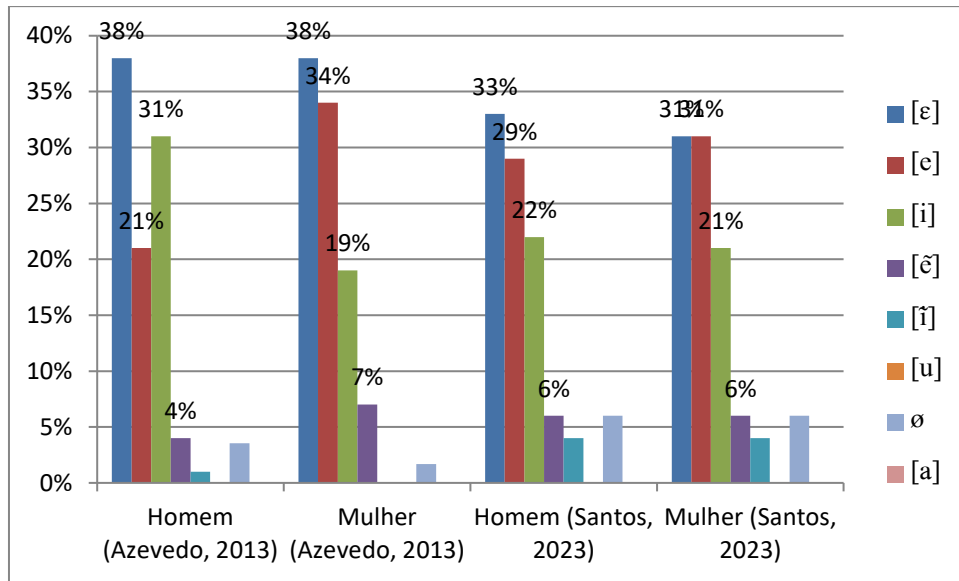
Gráfico 5 Variação Diassexual de /e/



Na pesquisa de Azevedo (2013), houve maior incidência de [ɛ], seguida de [e] e [i] quando se trata do parâmetro sexo na região do Médio Solimões. A mesma tendência se verificou no Município de Coari, pois os percentuais de ocorrência para [ɛ], [e] e [i] foram, respectivamente, na fala dos homens, de 38%, 21% e 31%; já na fala das mulheres, foram, respectivamente, de 38%, 34% e 19%.

Na Gráfico 6, é possível visualizar a tendência da ocorrência das 3 variantes mais expressivas por sexo entre a pesquisa de Azevedo (2013) e a atual.

Gráfico 6 Variação Diassexual-Diacrônica de /e/



Conforme dados estatísticos visualizados no Gráfico 6, houve uma diminuição na incidência da variante [ε], de 38% (homem e mulher) na pesquisa de Azevedo (2013) para 33% (homem) e 31% (mulher) na pesquisa atual.

Já na incidência de [i], na década de 2013, o registro percentual na fala masculina é 31% contra 19% registrado, na mesma época, na fala feminina, subtraindo-se o percentual máximo e o mínimo, tem-se uma diferença de 12%. Por outro lado, na pesquisa atual, o registro percentual de 22%, para a fala masculina, e de 21% ,para a fala, feminina mostram uma estabilidade na apropriação dessa variante.

Em se tratando da variante [e], nas duas pesquisas, as mulheres continuam liderando a ocorrência dessa variante, cuja incidência diminuiu de 34%, da pesquisa anterior, para 31%, na pesquisa atual. Já os homens passaram a usar muito mais a variante [e], com aumento expressivo de 21%, da pesquisa anterior, para 29%, na pesquisa atual.

Portanto, houve diminuição na incidência de [ε], aumento na de [e], e o [i] diminuiu no parâmetro homem e aumentou no parâmetro mulher no interstício de uma década entre 2013 e 2023.

#### 4.2.4 Na Dimensão Diassexual-Diazonal

Na Carta 04, temos os dados estatísticos para as variantes de /e/ segundo o parâmetro sexo em cada ponto de inquérito ou em cada zona. Na fala feminina da Zona Urbana e da Zona Rural, houve o registro de 136 ocorrências da variante [ε] em cada lugar, o que corresponde a um percentual de ocorrência em 31% para cada parâmetro. Na fala dos homens, tal variante ocorreu 144 vezes, o que corresponde a 33%, na Zona Urbana; enquanto, na Zona Rural,



ocorreu 140 vezes, o mesmo que 32% do total geral.

A segunda variante mais expressiva foi [e] tanto na Zona Urbana, quanto na Zona Rural. Na Zona Urbana, segundo o parâmetro mulher, houve o registro de 133 ocorrências, 31%; enquanto, na Zona Rural, houve o registro de 134 ocorrências, 31%. Por uma pequena diferença, os homens usam menos a variante [e], cuja incidência foi de 129 ocorrências, 30%, na Zona Urbana, e 124 ocorrências, o mesmo que 29%, na Zona Rural.

Homens e mulheres da Zona Urbana fazem o alteamento de maneira mais expressiva que os da Zona Rural. Logo, a variante [i] ocorreu 96 vezes, na fala feminina, e 97, na fala masculina, na Zona Urbana; enquanto, na Zona Rural, ocorreu 84 vezes, na fala feminina, e 89 na fala masculina. Os números percentuais para incidência de [i] foi de 22% para cada parâmetro na Zona Urbana. Já, na Zona Rural, os homens lideram o alteamento, cujo percentual de ocorrência foi em 22% contra 19% das mulheres, segundo esses parâmetros.

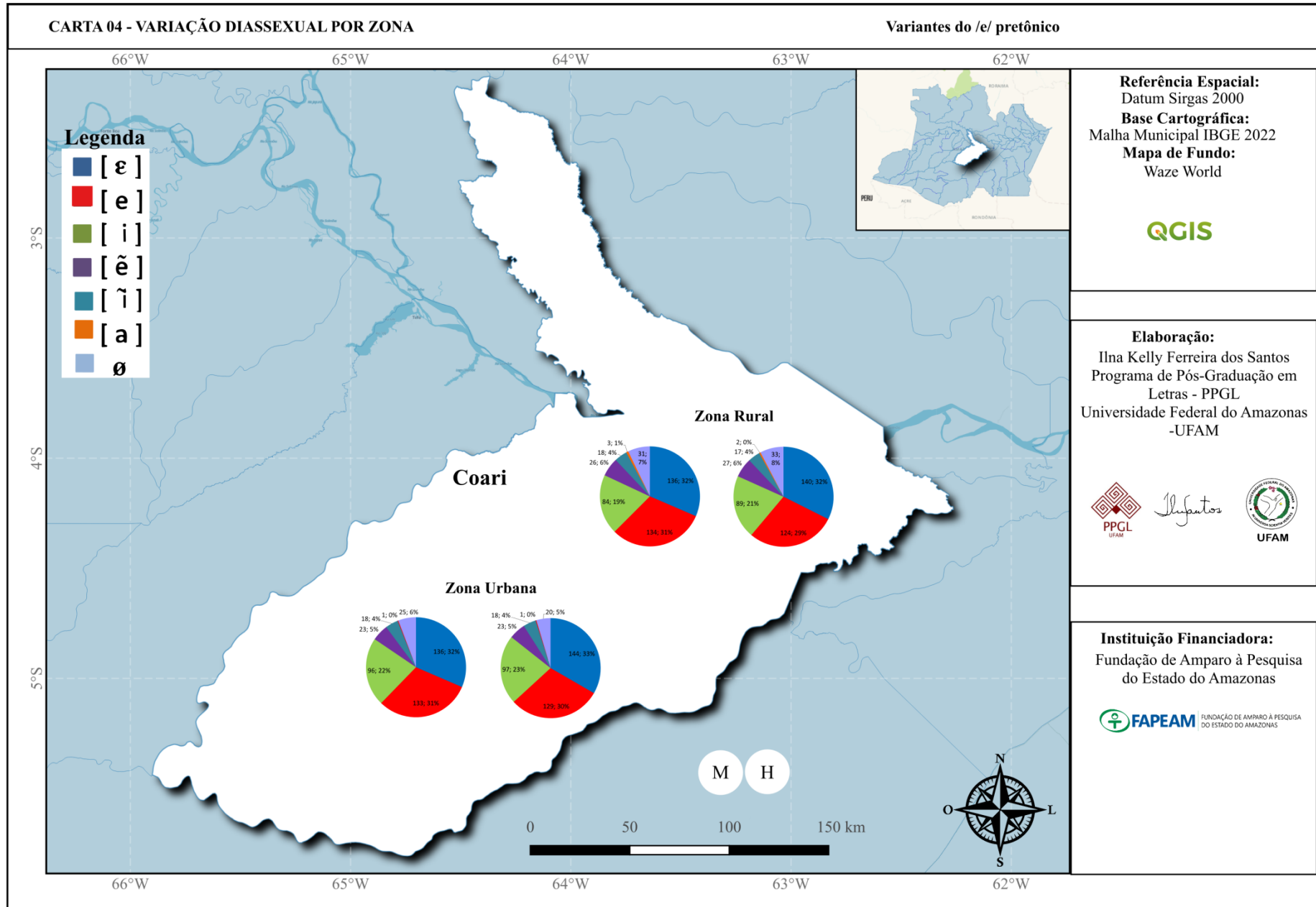
Quanto aos dados estatísticos para a variante [ẽ], não há diferença na fala de homens e mulheres, embora os falantes da Zona Rural nasalizem mais. Os números absolutos e relativos por sexo em cada zona foram: 23 e 5% para cada parâmetro na Zona Urbana; 26 e 5% na fala feminina e 27 e 6% na fala masculina, na Zona Rural.

Quanto à incidência de [î], não há diferenciação na fala nem por sexo nem por zona, pois tanto homens quanto mulheres das duas zonas se apropriam dessa variante de maneira igualitária. Portanto, os números absolutos e relativos são iguais ou próximos. Por exemplo: 18 e 4% para cada parâmetro na Zona Urbana; e 18 e 4%, na fala feminina, e 17 e 4% na fala masculina na Zona Rural.

Por sua vez, a variante [a] sucedeu com números absolutos e relativo de 1 e 0% para cada parâmetro na Zona Urbana; e, na Zona Rural, de 3 e 1% na fala feminina, e 2 e 0% na fala masculina. Tal incidência se justifica pelo fato de a palavra não ser recorrente no dia a dia dos informantes.

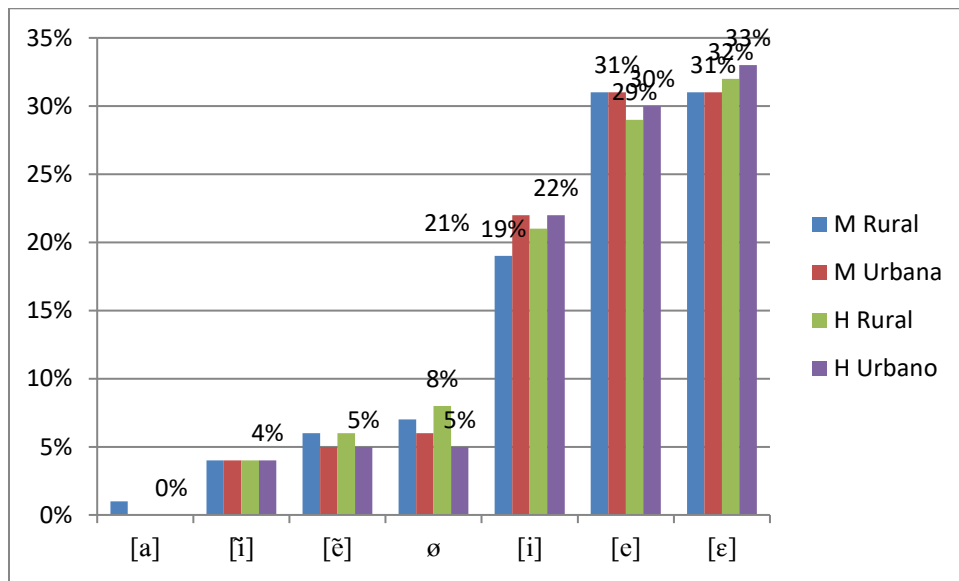
O morfema zero  $\emptyset$  sucedeu nas respostas não dadas pelos informantes e nas perguntas não feitas pela pesquisadora. Para tal representação, os números absolutos e relativos são: na Zona Urbana, 25 e 6% na fala feminina, e 20 e 5% na fala masculina; na Zona Rural, 31 e 7% na fala feminina, e 33 e 8% na fala masculina.

Carta Fonética 4 Variação Diassexual-Diazonal de /e/



Conforme leitura dos dados estatísticos no Gráfico 7, as ocorrências das variantes [a], [ĩ], [ẽ], [i], [e] e [ε] são equivalentes ou próximas. O alteamento de /e/ para [i] ocorreu com 19%, no parâmetro mulher da Zona Rural, 21% no parâmetro homem da Zona Rural, e 22% no parâmetro mulher urbana e homem urbano. As mulheres usam mais a variante [e], sendo 31% na Zona Rural e Zona Urbana; enquanto os homens usam mais a variante [ε], sendo 33% na Zona Urbana, e 32% na Zona Rural.

Gráfico 7 Variação Diassexual-Diazonal de /e/



No Gráfico 8 estão disponibilizados os dados entre a pesquisa de Azevedo (2013) e da Atual. Por conta da existência de 6 variantes e mais o morfema zero e de 8 parâmetros, que caracterizam o eixo Diassexual-Diazonal-Diacrônico, fizemos uma codificação para facilitar a visualização e a organização no Gráfico 8, sendo que os códigos:

MR13 significa mulher da Zona Rural da pesquisa de Azevedo (2013);

MU13 significa mulher da Zona Urbana da pesquisa de Azevedo (2013);

HR13 significa homem da Zona Rural da pesquisa de Azevedo (2013);

HU13 significa homem da Zona Urbana da pesquisa de Azevedo (2013);

MR23 significa mulher da Zona Rural da pesquisa atual;

MU23 significa mulher da Zona Urbana da pesquisa atual;

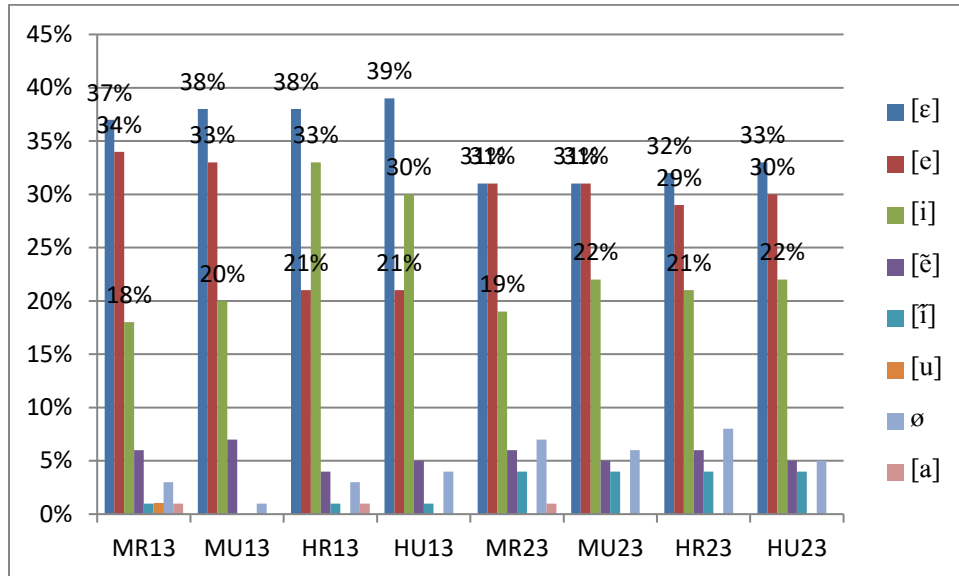
HR23 significa homem da Zona Rural da pesquisa atual.

HU23 representa homem da Zona Urbana da pesquisa atual

A pergunta é: o que mudou da década de 2013 para a de 2023, considerando todos esses

8 parâmetros?

Gráfico 8 Variação Diacrônica de /e/ no eixo Diassexual-Diazonal



Considerando as variantes mais expressivas, baseando-se na visualização dos dados no Gráfico 8, é possível constatar uma queda na incidência de [ε] dos 4 parâmetros da pesquisa anterior, de 2013, para os 4 parâmetros da pesquisa atual, ou seja, os moradores realizam menos o abaixamento pretônico, apesar dessa variante ser ainda predominante nesse decurso de 10 anos.

Na década de 2013, as mulheres falavam mais a variante semi-fechada [e], de maneira acentuada, do que os homens, pois a diferença entre as falas segundo esses dois parâmetros era de 13% na Zona Rural e 12% na Zona Urbana. Atualmente, as mulheres continuam ainda a falar mais a variante [e], mas a diferença caiu para 2% na Zona Rural e 1% na Zona Urbana.

Já o alteamento de /e/ para [i] também diminuiu, e era mais acentuada a diferença na década de 2013 entre homens e mulheres, pois na Zona Rural, houve o registro de 18% para a fala feminina, enquanto para a fala masculina registrou-se 33%, caracterizando uma diferença de 15%. O mesmo sucedeu na Zona Urbana, o alteamento foi maior na fala masculina, apresentando um registro de 30% contra 20% registrado na fala feminina, havendo uma diferença de registro entre as duas falas de 10%. Na atualidade, mulheres e homens da Zona Urbana falam praticamente da mesma forma, pois o percentual de ocorrência é de 22% em cada parâmetro, enquanto na Zona Rural, o registro é de 21% na fala masculina e de 19% na fala feminina.

#### 4.2.5 Na Dimensão Diageracional

Pela leitura da Carta Fonética 5, no que diz respeito às realizações fonéticas de /e/, foram controladas três faixas etárias (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante) na Dimensão Diageracional. As 1.728 possibilidades para as ocorrências de /e/ foram divididas por 3 faixas etárias, cujo total para cada parâmetro ficou em 576 ocorrências, o que representa 100%.

Os dados em números absolutos e relativos para as variantes de /e/ foram os seguintes na faixa etária I (de 18 a 35 anos):

- a) A variante [e] incidiu com 196 e 34%, sendo a que apresentou maiores ocorrências absolutas e relativas;
- b) A variante [ɛ] incidiu com 188 e 33% e foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [i] incidiu com 102 e 18%;
- d) A variante [ẽ] ocorreu com 41 e 7%;
- e) A variante [ĩ] ocorreu com 16 e 3%;
- f) O morfema zero ocorreu com 33 e 6%.

Na faixa etária II (de 36 a 55 anos):

- a) A variante [e] incidiu com 187 e 32%, sendo a que apresentou maiores ocorrências absolutas e relativas;
- b) A variante [ɛ] incidiu com 179 e 31% e foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [i] incidiu com 120 e 21%;
- d) A variante [ẽ] ocorreu com 32 e 6%;
- e) A variante [ĩ] ocorreu com 25 e 4%;
- f) O morfema zero ocorreu com 33 e 6%.

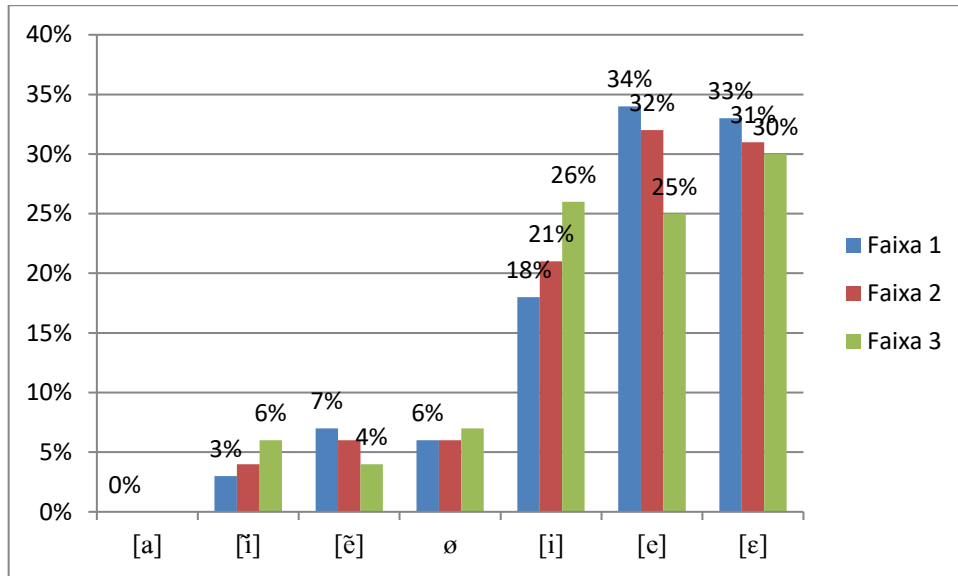
Na faixa etária III (de 56 anos em diante):

- a) A variante [ɛ] incidiu com 174 e 30%, sendo a primeira mais expressiva;
- b) A variante [i] incidiu com 152 e 26% e foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [e] incidiu com 146 e 25% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [ĩ] ocorreu com 32 e 6%;
- e) A variante [ẽ] ocorreu com 24 e 4%;

- f) A variante [a] ocorreu com 5 e 1%;  
 g) O morfema zero ocorreu com 43 e 7%.

Os dados estatísticos das variantes de /e/, no eixo diageracional, podem ser visualizados no Gráfico 9.

**Gráfico 9** Variação Diageracional de /e/



Os falantes da Faixa Etária 1 (de 18 a 35 anos) realizam mais a manutenção de /e/ para [e] em 34%, e o abaixamento para [ε] em 33%. Os Falantes da Faixa Etária 2 (de 36 a 55 anos) também realizam mais a manutenção em 32% e o abaixamento em 31%. Por último, os falantes da Faixa Etária 3 (de 56 anos em diante) realizam mais o abaixamento em 30%, o alteamento em 26% e a manutenção em 25%. Como se pode constatar pela leitura do Gráfico 9, os mais velhos continuam a fazer o alteamento de maneira mais expressiva que os das duas gerações mais novas.

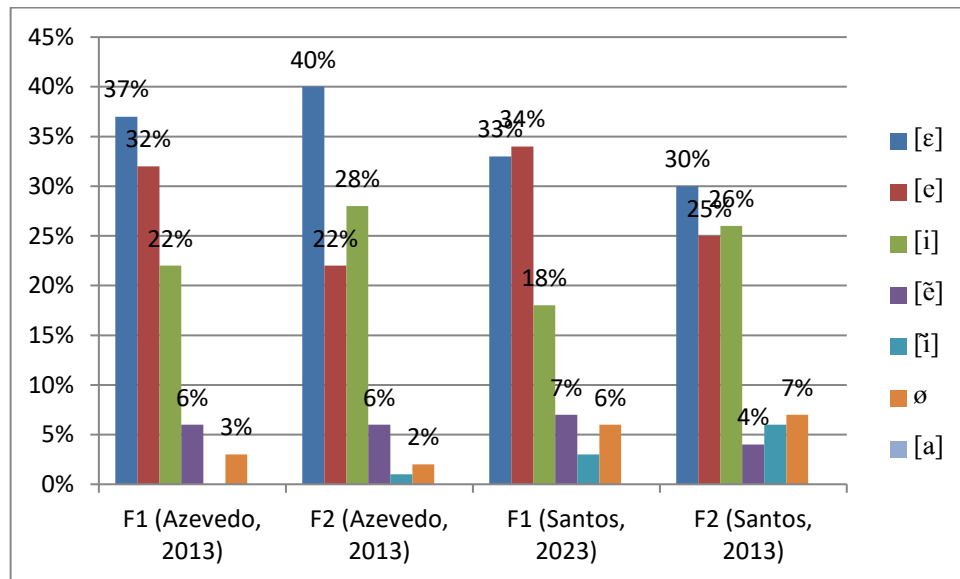
Comparando o resultado das variantes entre a pesquisa de Azevedo (2013) e a pesquisa atual, percebemos alteração no comportamento das variantes pretônicas de /e/.

Antes de iniciar a análise dos dados estatísticos constantes no Gráfico 10, vale lembrar que Azevedo (2013) selecionou 8 informantes de duas faixas etárias (a faixa etária 1, de 18 a 30 anos, e a Faixa Etária 2, de 50 anos em diante), baseando-se na metodologia adotada na elaboração do Atlas Linguístico do Brasil –ALiB. Para que fosse possível a comparação dos dados entre as duas pesquisas, a atual e anterior, convencionamos F1 para representar a faixa etária de 18 a 30 anos, da pesquisa de Azevedo (2013), e de 18 a 35 anos, da pesquisa atual, e F2 para a faixa etária de 50 anos em diante, da pesquisa de Azevedo (2013), e de 56 anos em

diante da pesquisa atual.

Assim, após esse detalhamento, passamos a analisar a tendência no comportamento das variantes pretônicas mais expressivas na Dimensão Diacrônica-Diageracional. O que mudou da década de 2013 para 2023?

Gráfico 10 Variação Diageracional-Diacrônica de /e/

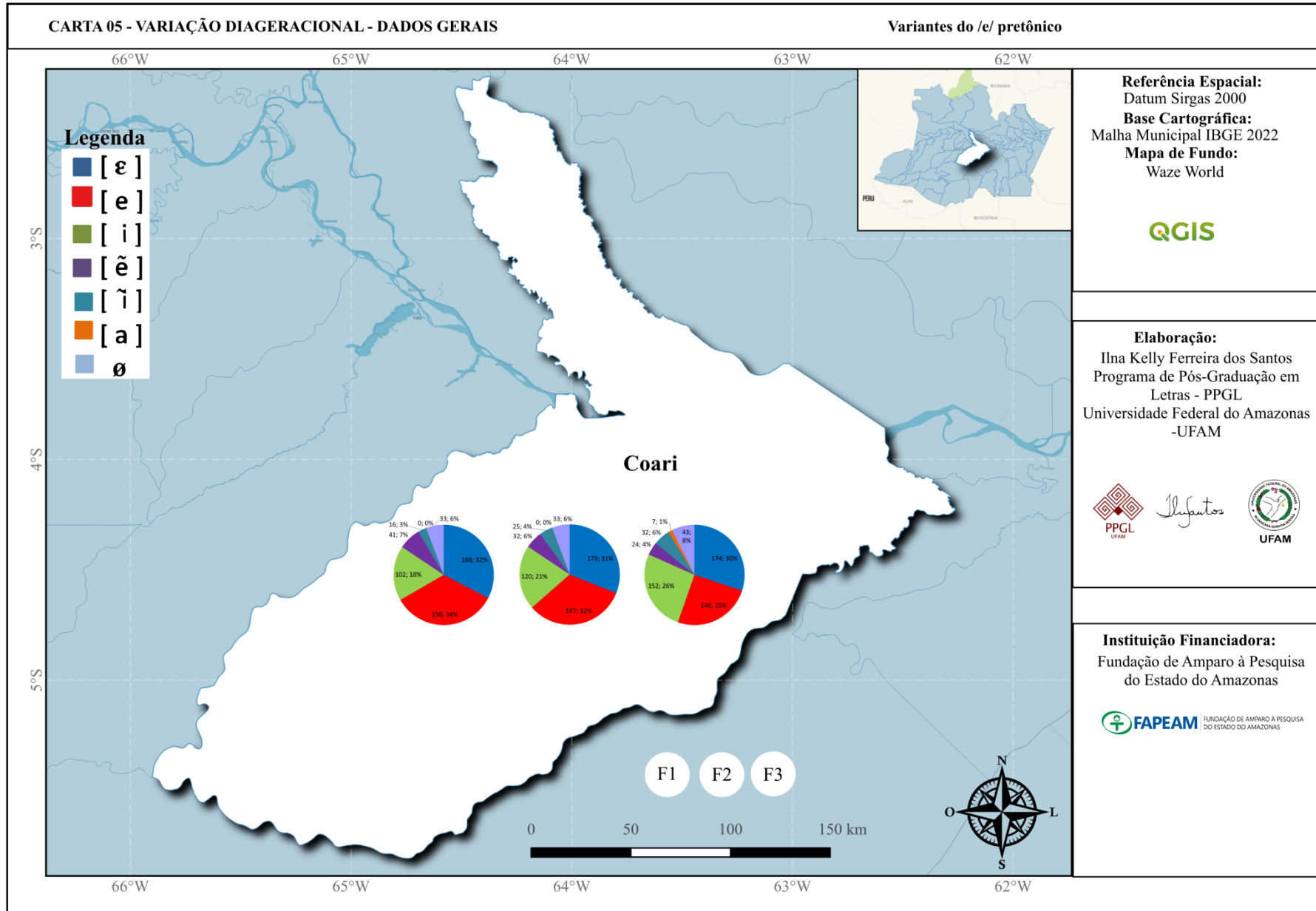


Ao observarmos os dados estáticos no Gráfico 10, o abaixamento de /e/ para [ε], linha azul, ainda é muito expressivo, mas os números percentuais, da pesquisa anterior para a atual, diminuíram, na Faixa Etária 1, de 37% para 33%, e de 40% para 30%, na Faixa Etária 2.

O alteamento de /e/ para [i], linha verde, alternou da geração mais nova para a geração mais velha, ou seja, nas duas pesquisas os mais novos alteiam menos (de 18 a 36 anos), enquanto a geração mais velha alteia mais (de 50 anos em diante). Da pesquisa anterior para a atual, a variante [i] diminuiu sua incidência percentual de 22% para 18% na Faixa Etária I, e de 28% para 26% na Faixa Etária 2.

Já a incidência do fenômeno da manutenção pretônica de /e/, linha vermelha, se realizando foneticamente como [e] aumentou, da pesquisa anterior para a atual, embora sua expressividade maior e superior à incidência de outras variantes tenha sido na Faixa Etária 1 na pesquisa atual, em que apresentou um percentual de ocorrência de 34%. Conclui-se que são os mais novos que usam mais a variante [e], considerada padrão do português, pois da pesquisa anterior para a atual, o número percentual aumentou de 32% para 34% na Faixa Etária 1, e aumentou de 22% para 25% na Faixa Etária 2.

Carta Fonética 5 Variação Diageracional de /e/





#### 4.2.6 Na Dimensão Diageracional-Diazonal

Na Carta Fonética 6, estão disponibilizados os dados estatísticos segundo a Dimensão Diageracional-Diazonal, sendo 3 gerações (Faixa Etária 1, de 18 a 35 anos, Faixa Etária 2, de 36 a 55 anos, e Faixa Etária 3, de 56 anos em diante) e duas zonas (Zona Urbana *versus* Zona Rural). Foram encontrados os seguintes resultados, levando-se em consideração a frequência absoluta e relativa das variantes de /e/, primeiramente, na Zona Urbana:

Na faixa etária I (de 18 a 36 anos)

- a) A variante [e] incidiu com 108 e 38%, sendo a que apresentou maiores ocorrências absolutas e relativas;
- b) A variante [ɛ] incidiu com 92 e 32% e foi a terceira mais expressiva;
- c) A variante [i] incidiu com 45 e 16% e foi a segunda mais expressiva;
- d) A variante [ẽ] ocorreu com 18 e 6%;
- e) O morfema zero ocorreu 15 e 5%.

Na faixa etária II (de 36 a 55 anos)

- a) A variante [ɛ] incidiu com 96 e 33%, foi a segunda mais expressiva;
- b) A variante [e] incidiu com 77 e 27% e foi a terceira mais expressiva;
- c) A variante [i] incidiu com 72 e 25% e foi a primeira mais expressiva;
- d) A variante [ĩ] ocorreu com 14 e 5%;
- e) A variante [ẽ] ocorreu com 14 e 5%;
- f) O morfema zero ocorreu com 15 e 5%.

Na faixa etária III (de 56 anos em diante)

- a) A variante [ɛ] incidiu com 85 e 30%, foi a segunda mais expressiva;
- b) A variante [e] incidiu com 85 e 30% e foi a primeira mais expressiva;
- c) A variante [i] incidiu com 75 e 26% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [ĩ] ocorreu com 14 e 5%;
- e) A variante [ẽ] ocorreu com 12 e 4%;
- f) A variante [a] ocorreu com 2 e 1%;

g) O morfema zero ocorreu com 15 e 5%.

Na Zona Rural

Na faixa etária I (de 18 a 35 anos)

- a) A variante [ɛ] incidiu com 96 e 33%, sendo a que apresentou maiores ocorrências absolutas e relativas;
- b) A variante [e] incidiu com 88 e 31% e foi a terceira mais expressiva;
- c) A variante [i] incidiu com 57 e 20% e foi a segunda mais expressiva;
- d) A variante [ẽ] ocorreu com 23 e 8%;
- e) A variante [î] ocorreu com 6 e 2%;
- f) O morfema zero ocorreu com 18 e 6%.

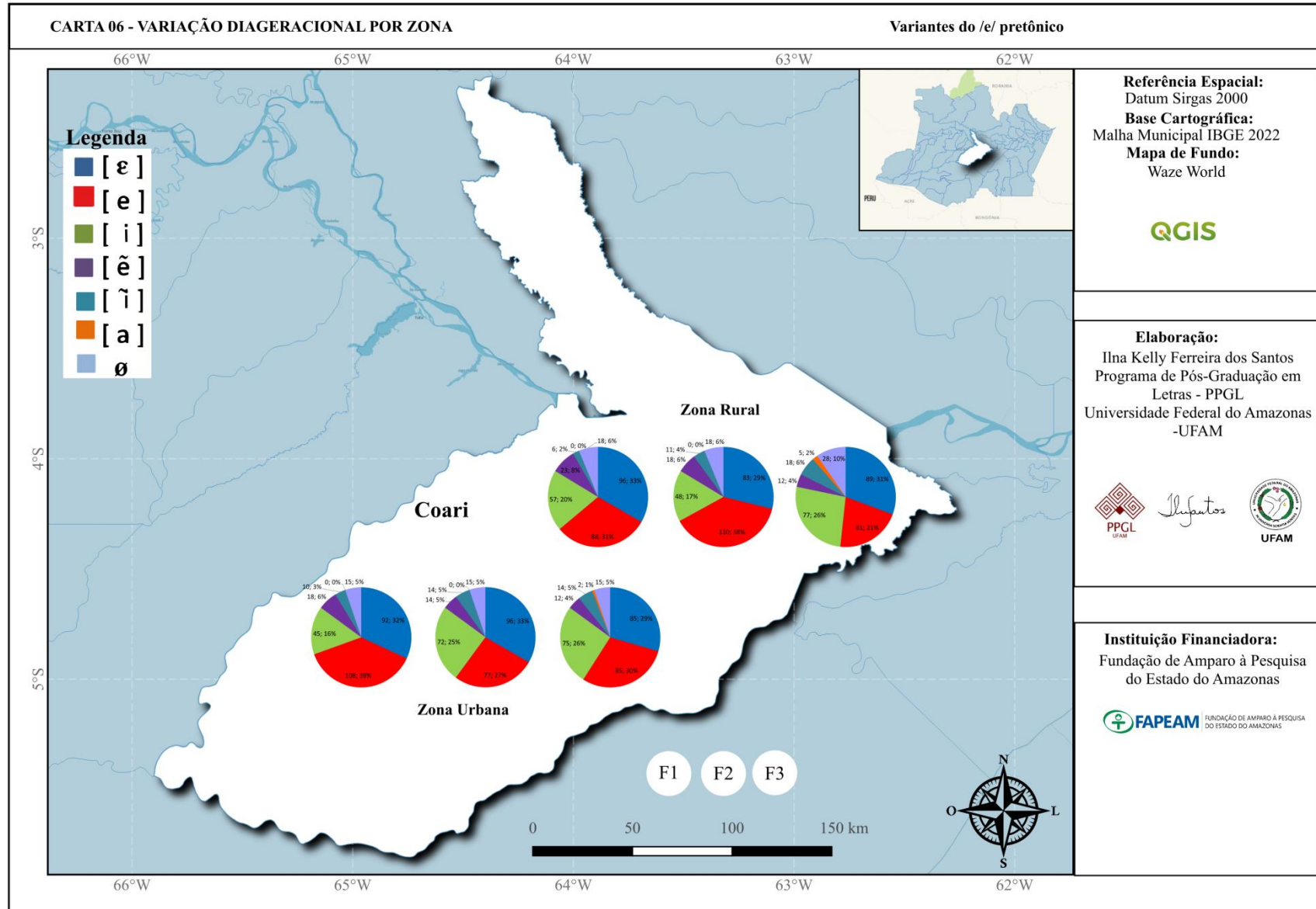
Na faixa etária II (de 36 a 55 anos)

- a) A variante [e] incidiu com 110 e 38%, foi a primeira mais expressiva;
- b) A variante [ɛ] incidiu com 83 e 29% e foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [i] incidiu com 48 e 17% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [ẽ] ocorreu com 18 e 6%;
- e) A variante [î] ocorreu com 11 e 4%;
- f) O morfema zero ocorreu com 18 e 6%.

Na faixa etária III (de 56 anos em diante)

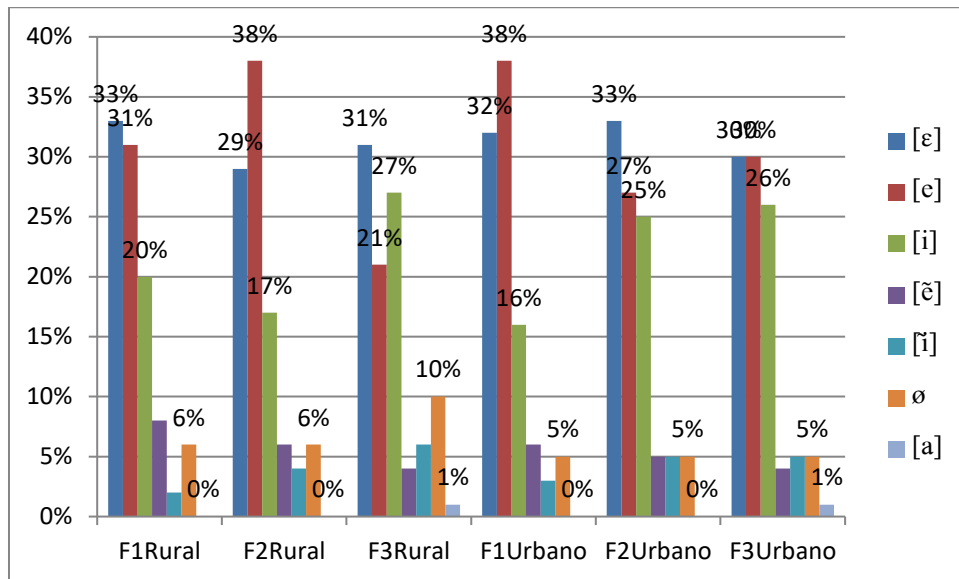
- a) A variante [ɛ] incidiu com 89 e 31%, foi a primeira mais expressiva;
- b) A variante [i] incidiu com 77 e 27% e foi a primeira mais expressiva;
- c) A variante [e] incidiu com 61 e 21% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [î] ocorreu com 18 e 6%;
- e) A variante [ẽ] ocorreu com 12 e 4%;
- f) A variante [a] ocorreu com 3 e 1%;
- g) O morfema zero ocorreu com 28 e 10%.

Carta Fonética 6 Variação Diageracional-Diazonal de /e/



Pela leitura do Gráfico 11, a realização fonética de /e/ como [e], linha vermelha, é mais destacada na F2 (de 35 a 55 anos), na Zona Rural, e na F1 (de 18 a 35 anos), na Zona Urbana, cuja incidência percentual é de 38% para cada parâmetro. As oscilações maiores são nas ocorrências de [e] e [i], conforme visualização no Gráfico 11.

Gráfico 11 Variação Diageracional-Diazonal de /e/



O abaixamento de /e/ para [ε] se apresenta mais estável no que diz respeito às ocorrências nas 3 gerações da Zona Rural e da Zona Urbana. As maiores incidências dessa variante foram na Faixa 1 da Zona Rural e na Faixa 2 da Zona Urbana, cuja índice percentual é de 33% em cada parâmetro.

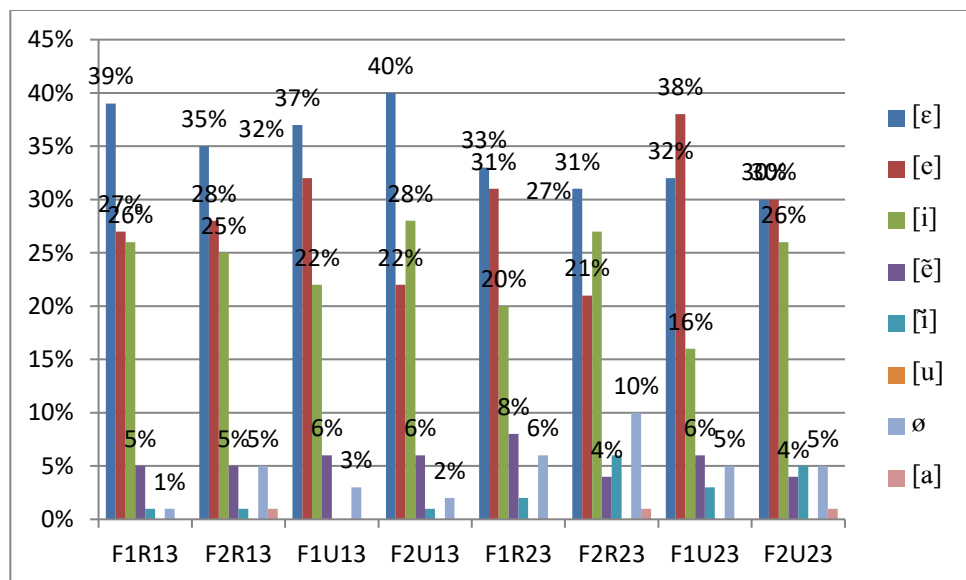
A geração mais velha (de 56 anos em diante) da Zona Rural alteia mais, pois apresentou um índice percentual de 27% muito superior aos demais parâmetros diageracionais.

Para a comparação com os dados de Azevedo (2013), no que diz respeito às ocorrências das variantes de /e/ no eixo Diageracional-Diazonal e Diacrônico, retiramos a Faixa Etária 2 (de 36 a 55 anos) da pesquisa atual, e estabelecemos que a Faixa Etária 1 representa a idade de 18 a 30 anos, que é o primeiro parâmetro da pesquisa de Azevedo (2013), e de 18 a 35 anos, que é o parâmetro da pesquisa atual. A Faixa 2, por sua vez, inclui o parâmetro etário de Azevedo (2013), que é de 50 anos em diante, e da pesquisa atual, que é de 56 anos em diante.

Além disso, após essa unificação das faixas etárias, foi necessário codificar os parâmetros, a fim de facilitar a organização e a visualização dos dados relativos no Gráfico 12. Sendo assim, foi estabelecida a seguinte condificação para os parâmetros controlados nesta pesquisa:

F1R13 para Faixa Etária 1 (de 18 a 30) da Zona Rural e ano 2013;  
 F2R13 para Faixa Etária 2 (de 50 anos em diante) da Zona Rural e ano 2013;  
 F1U13 para Faixa Etária 1 (de 18 a 30) da Zona Urbana e ano 2013;  
 F2U13 para Faixa Etária 2 (de 50 anos em diante) da Zona Urbana e ano 2013;  
 F1R23 para Faixa Etária 1 (de 18 a 35) da Zona Rural e ano 2023;  
 F2R23 para Faixa Etária 2 (de 56 anos em diante) da Zona Rural e 2023;  
 F1U23 para Faixa Etária 1 (de 18 a 35) da Zona Urbana e ano 2023;  
 F2U23 para Faixa Etária 2 (de 56 anos em diante) da Zona Urbana na pesquisa atual.

**Gráfico 12 Variação Diacrônica de /e/ no eixo Diageracional-Diazonal**



Considerando as variantes mais expressivas, o [ε] diminuiu sua incidência percentual, pois na década de 2013, era predominante em todos os parâmetros, apresentando índices percentuais altos, pois em:

F1R13 (Faixa Etária de 18 a 30 anos, Zona Rural, 2013) incidiu com 39% e diminuiu para 33% nesse mesmo parâmetro na pesquisa atual;

F2R13 (Faixa Etária de 50 anos em diante, Zona Rural, 2013) incidiu com 35% e diminuiu para 31%, segundo esse mesmo parâmetro, na pesquisa atual;

F1U13 (Faixa Etária de 18 a 30 anos, Zona Urbana, 2013) incidiu com 37% e diminuiu para 32%, nesse mesmo parâmetro atualmente;

F2U13 (Faixa Etária de 50 anos em diante, Zona Urbana, 2013) incidiu com 40% e diminuiu para 30% atualmente, sendo a maior diferença registrada.

Mesmo na atualidade, a variante [ε] continua sendo a mais expressiva que outras

variantes, à exceção do que ocorre no parâmetro F1U23 (informantes de 18 a 35 anos, morador da Zona Urbana e da pesquisa atual), em que, com 38%, a variante [e] é a mais expressiva.

As oscilações maiores entre o percentual máximo e o mínimo ocorrem nas incidências das variantes [e] e [i].

À exceção da 1ª geração de F1R13 (de 18 a 30 anos, Zona Rural, 2013), em que a variante [e] obteve um registro percentual de 27%, menor do que os 28% registrados pela 2ª geração F2R13 (de 50 anos em diante, Zona Rural, 2013), em todos os demais parâmetros, os mais novos mantêm os registros percentuais mais altos, pois em:

F1U13 (de 18 a 30 anos, Zona Urbana, 2013) tal variante incidiu com 32%, enquanto em F2U13 (de 50 anos em diante, Zona Urbana, 2013), com 22%;

F1R23 (de 18 a 35 anos, Zona Rural, 2023) tal variante incidiu com 31%, enquanto em F2R23 (de 55 anos em diante, Zona Rural, 2023), com 21%;

F1U23 (de 18 a 35 anos, Zona Urba, 2023), tal variante incidiu com 38%, enquanto em F2U23 (de 50 anos em diante, Zona Urbana, 2023), com 30%.

A variante [i], que caracteriza o alteamento pretônico é mais utilizada, na maioria dos parâmetros verificados, por falantes da Faixa Etária II, cujos registros são 28% em F2U13 (de 50 anos em diante, Zona Rural, 2013), 27% em F2R23 (de 56 anos em diante, Zona Rural, 2023) e 26% em F2U23 (de 56 anos em diantes, Zona Urbana, 2023).

Conclusão: os moradores da Zona Urbana usam mais a varianre padrão [e] na atualidade.

No alteamento pretônico, há oscilação entre os percentuais máximos e o mínimos. Por exemplo, em:

- a) F1R13 o registro é de 26%, e em F2R13 é de 25%, e a diferença é de 1%;
- b) F1U13 o registro é de 22%, e em F2U13 é de 28%, e a diferença é de 6%;
- c) F1R23 o registro é de 20%, e em F2R23 é de 27%, e a diferença é de 7%;
- d) F1U23, o registro é de 16%, e em F2U23 é de 26%, e a diferença é de 10%.

Conclusão, os informantes mais novos alteiam menos a pretônica /e/, e os mais velhos ateiam mais.

#### 4.2.7 Variação Pluridimensional de /e/ no Contexto Diatópico

Conforme visualização dos gráficos constantes na Carta Fonética 7, podemos constatar as incidências mais expressivas de [ɛ], [e] e [i], que se destacam nos Gráficos em forma de pizza, onde cada cor representa uma variante, sendo o azul para representar o abaixamento

pretônico, o vermelho para a manutenção pretônica e o verde para o alteamento pretônico.

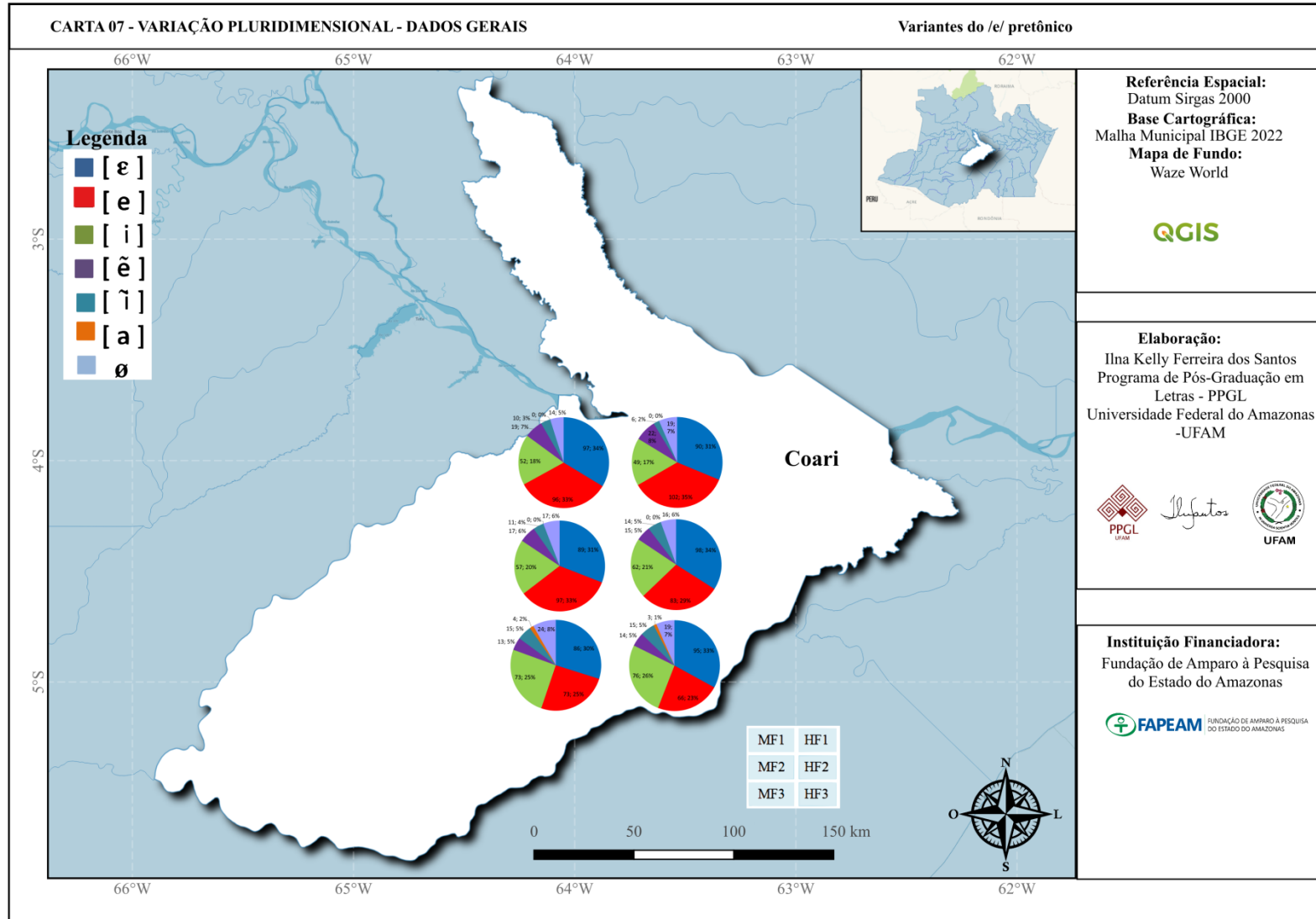
A Carta Fonética 7 reúne todos os dados da pesquisa atual nas Dimensões Diatópica, Diassexual e Diageracional.

É possível observar que o alteamento pretônico aumenta à medida que a idade avança entre as mulheres e entre os homens.

O abaixamento tende a diminuir sua incidência entre as mulheres à medida que a idade avança, enquanto entre os homens, também aumenta, mas não progressivamente, porque sua incidência acaba sendo maior na fala de pessoas da segunda geração (de 36 a 55 anos).

Por último, a manutenção pretônica é mais incidente entre os falantes da primeira geração (de 18 a 35 anos) na fala masculina, enquanto na fala feminina, as duas primeiras gerações falam praticamente igual, pois apresentam o mesmo número percentual de ocorrência.

Carta Fonética 7 Variação Pluridimensional de /e/ no Contexto Diatópico





#### 4.2.8 Variação Pluridimensional de /e/ no Contexto Diazonal

Na Carta Fonética 8, ampliamos mais as dimensões desta pesquisa dialetológica, incluindo a Dimensão Diazonal. As 1.728 ocorrências de /e/ foram distribuídas por 12 parâmetros, resultando em 144 possibilidades de incidência em cada um desses parâmetros. Continuam sendo as mais expressivas as variantes [ɛ], que caracteriza o abaixamento pretônico; [e], que caracteriza a manutenção pretônica; e o [i], que caracteriza o alteamento pretônico. No que diz respeito a cada fenômeno, têm-se:

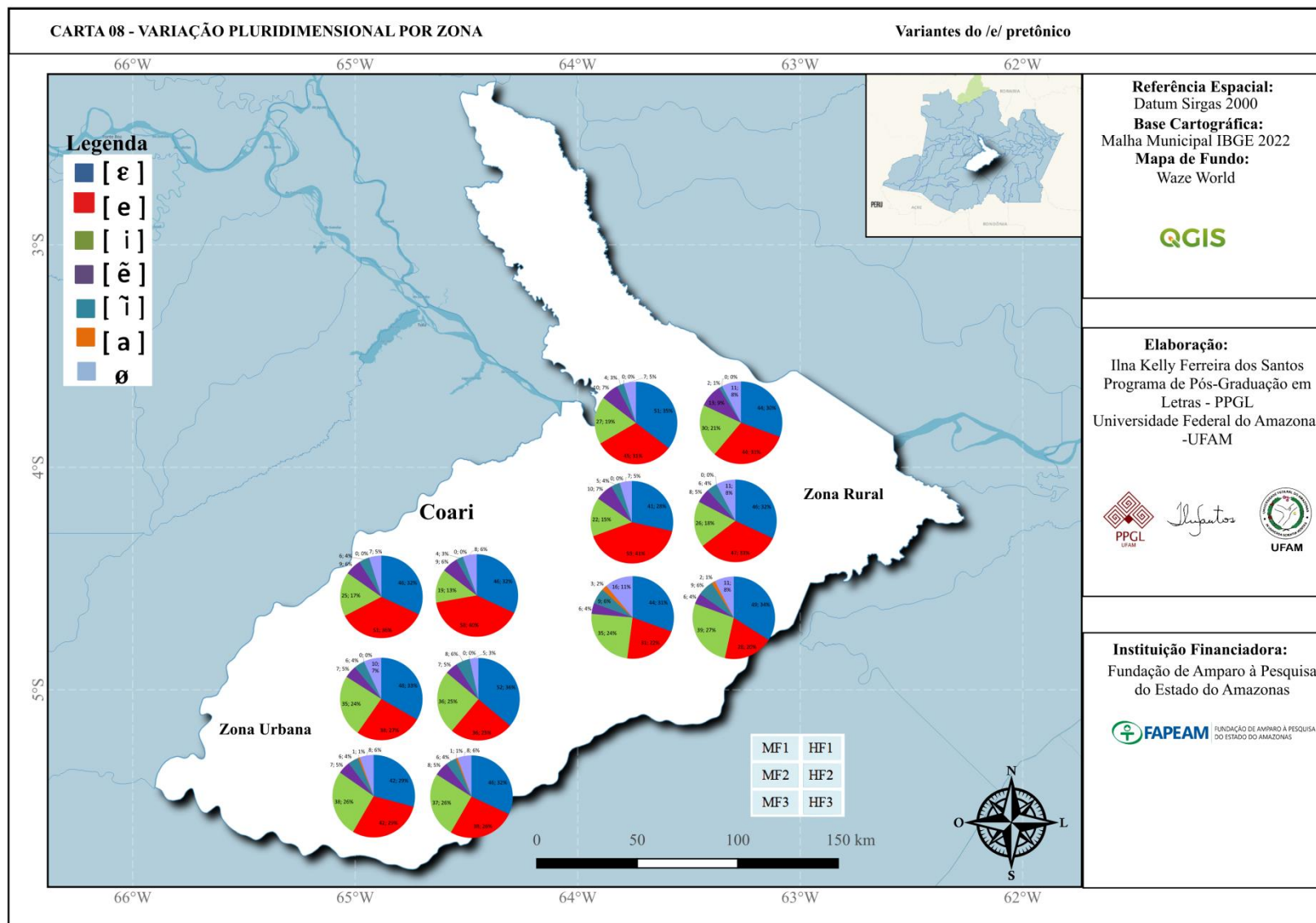
O alteamento de /e/ para [i] aumenta progressivamente nos dados da Zona Urbana tanto na fala masculina quanto na fala feminina; enquanto na Zona Rural, a mesma tendência progressiva se verifica na fala feminina, pois na fala masculina, os informantes da Faixa Etária 2 (de 36 a 55 anos) realizam menos o alteamento pretônico, cujo índice percentual nesse parâmetro é 18%, abaixo dos 21% constatados na fala da primeira geração (de 18 a 35 anos) e dos 27% detectados na fala da terceira geração (de 56 anos em diante).

O abaixamento pretônico de /e/ para [ɛ], na fala feminina da Zona Rural aumenta de 32%, Faixa 1, para 33%, Faixa 2, e diminui para 29%, na Faixa 3. Já na fala feminina da Zona Urbana, os índices percentuais oscilam de 35%, Faixa 1, diminuindo para 28%, Faixa 2, e aumentando para 31%, Faixa 3. Segundo o parâmetro homem rural, o abaixamento aumenta de 32%, Faixa 1, para 36%, Faixa 2, e depois diminui para 32%, Faixa 3, ou seja, tal fenômeno é mais expressivo na fala da segunda geração. Já na Zona Urbana, os percentuais de ocorrência na fala masculina são progressivos, indo de 31%, Faixa 1, para 32%, Faixa 2, e 34%, Faixa 3.

Por último, a manutenção pretônica de /e/ para [o] é mais expressiva na fala de homens e mulheres rurais da Faixa Etária 1 (de 18 a 35 anos); enquanto na fala de homens e mulheres urbanas tal variante é mais expressiva na Faixa Etária 2 (de 36 a 55 anos). Quem realiza menos a manutenção são os homens e mulheres urbanas da Faixa Etária 3, enquanto na Zona Rural são os homens e as mulheres da Faixa Etária 2 (de 36 a 55 anos).

Diferentemente do alteamento pretônico, as incidências em números percentuais da manutenção e do abaixamento, conforme visualização dos gráficos estatísticos da Carta fonética 8, não seguem um padrão de aumento progressivo, indo da geração mais nova para a mais velha.

Carta Fonética 8 Variação Pluridimensional de /e/ no contexto Diazonal



#### 4.3 Norma de uso das variantes de /e/

O conceito de alta frequência e distribuição regular, que qualifica uma variante como sendo norma de uso, proposto por Barbosa é relativo e vago. Enquanto a distribuição regular é a ocorrência da variante em dois ou mais lugares com certa expressividade. Por exemplo, em uma amostra de pesquisa linguística, foram selecionados 10 pontos de inquérito, nos quais uma variante ocorreu 100 vezes. Para se ter uma distribuição regular de uma variante, divide-se 100 (total máximo das possibilidades de ocorrência para uma variante) por 10 (o total de pontos de inquérito), o que resultaria em 10 ocorrências por cada ponto de inquérito.

Para um exemplo de alta frequência, consideram-se 3 variantes: *x*, *y* e *z* para uma variável (*p*). Se dessas 100 ocorrências, a variante *x* ocorresse 80 vezes, a variante *y* 10 vezes e a variante *z* 10 vezes, e as 80 ocorrências da variante *x* fossem distribuídas igualmente por todos os 10 pontos de inquérito selecionados hipoteticamente, ela seria a norma de uso. Se tal ocorrência expressiva de *x* fosse distribuída em 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3 ou 2 lugares ou se só ocorresse em 1 lugar, seria uma norma de uso de 1 ou de 2 ou mais lugares. Logo, a distribuição regular seria relativa a 2 ou mais lugares, já que não há que se atribuir distribuição regular de uma variante para somente um lugar.

Em uma escala de 0 (zero) a 100 (cem), representando percentualmente de 0% a 100%, a variante que se aproxima do valor máximo se constitui como sendo +norma (mais norma); já a variante que tende a 0 (zero) se constitui como sendo –norma (menos norma). Mas a atribuição de norma é relativa à ocorrência de uma ou mais variantes.

A incidência da norma caracteriza o nivelamento dialeto e a arealização linguística por ser mais habitual, mais invariável e mais usada por seus falantes. Variantes, que sejam as mais expressivas, de cujas incidências absolutas e relativas sejam próximas, se constituem em normas.

Na Tabela 3, são disponibilizados os valores absolutos e relativos para até 3 variantes, devido à limitação das margens da página.

**Tabela 3 Norma de uso das variantes de /e/ por palavra**

Nº	Variável	Variante 1	Frequências	Variante 2	Frequências	Variante	Frequências	Norma (s)
01	Bebida	[e]	13 54%	[i]	11 46%			[e] e [i]
02	Depois	[e]	24 100%					[e]
03	Educação	[e]	16 67%	[ɛ]	4 17%	[i]	2 8%	[e]
04	Enchente	[i]	24 100%					[i]

05	Mentira	[ĩ]	15 63%	[ẽ]	33 8%	ø	1 4%	[ĩ]
06	Peneira	[ẽ]	23 96%	[e]	1 4%			[ẽ]
07	Peixinho	c	17 71%		7 29%			[e]
08	Estragada	[i]	23 96%			ø	1 4%	[i]
09	Esquecer	[i]	24 100%					[i]
10	Esgoto	[i]	17 71%	[e]	3 13%	ø	4 17%	[i]
11	Espinnha	[i]	21 88%	[e]	3 13%			[i]
12	Pescoço	[e]	24 100%					[e]
13	Desmaio	[i]	19 79%	[e]	4 17%	ø	1 4%	[i]
14	Tesoura	[e]	19 79%	[i]	5 21%			[e]
15	Elefante	[ɛ]	23 96%	[e]	1 4%			[ɛ]
16	Elefante	[ɛ]	18 75%	[a]	4 17%	[e]	1 4%	[ɛ]
17	Presente	[ɛ]	23 96%	[e]	1 4%			[ɛ]
18	Melancia	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
19	Melhor	[ɛ]	12 50%	ø	12 50%			[ɛ]
20	Perfume	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
21	Perdido	[e]	11 46%	[ɛ]	10 42%	ø	3 13%	[e] e [ɛ]
22	Feitiço	[e]	15 63%	[i]	1 4%	[e]	8 33%	[e]
23	Queimar	[e]	24 100%					[e]
24	Leilão	[e]	23 96%	[ɛ]	1 4%			[e]
25	Leiloeiro	ø	22 92%	[e]	2 8%			
26	Real	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
27	Reais	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
28	Desovar	[i]	23 96%	[e]	1 4%			[i]
29	Professora	[e]	24 100%					[e]
30	Conversando	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
31	Diretora	[c]	20 83%			ø	4 17%	[c]
32	Resultado	[c]	17 71%	[i]	3 13%	[ɛ]	3 13%	[c]
33	Devagar	[ĩ]	16 67%	[c]	8 33%			[ĩ]
34	Remédio	[ẽ]	24 100%					[ẽ]
35	Medicina	ø	18 75%	[e]	6 25%			
36	Escada	[i]	18 75%	[e]	6 25%			[i]
37	Escova	[i]	20 83%	[e]	4 17%			[i]
38	Espada	[i]	19 79%	[e]	5 21%			[i]

39	<i>Espiga</i>	[i]	21 88%	[e]	3 13%			[i]
40	<i>Esponja</i>	[i]	16 67%	[e]	7 29%	ø	1 4%	[i]
41	<i>Estômago</i>	[i]	19 79%	[e]	4 17%	ø	1 4%	[i]
42	<i>Estrela</i>	[i]	20 83%	[e]	4 17%			[i]
43	<i>Bateria</i>	[ɛ]	16 67%	[e]	8 33%			[ɛ]
44	<i>Beterraba</i>	[ɛ]	15 63%	[e]	5 21%	[a]	3 13%	[ɛ]
45	<i>Beterraba</i>	[ɛ]	18 75%	[e]	5 21%	ø	1 4%	[ɛ]
46	<i>Bebedouro</i>	[e]	22 92%	ø	2 8%			[e]
47	<i>Bebedouro</i>	[e]	22 92%	ø	2 8%			[e]
48	<i>Cebola</i>	[e]	16 67%	[i]	8 33%			[e]
49	<i>Semente</i>	[i]	8 33%	[e]	6 25%	[ĩ]	6 25%	[i], [e], [ĩ]
50	<i>Cemitório</i>	[ĩ]	14 58%	[ẽ]	5 21%	[i]	4 17%	[ĩ]
51	<i>Cenoura</i>	[ẽ]	24 100%					[ẽ]
52	<i>Cerveja</i>	[e]	24 100%					[e]
53	<i>Cerâmica</i>	[ɛ]	21 88%	[e]	3 13%			[ɛ]
54	<i>Sereia</i>	[e]	24 100%					[e]
55	<i>Pepino</i>	[i]	19 79%	[e]	5 21%			[i]
56	<i>Melão</i>	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
57	<i>Menino</i>	[ĩ]	12 50%	[ẽ]	12 50%			[ĩ] e [ẽ]
58	<i>Regador</i>	ø	14 58%	[ɛ]	10 42%			
59	<i>Repoulo</i>	[e]	23 96%	[ɛ]	1 4%			[e]
60	<i>Revólver</i>	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
61	<i>Petrobrás</i>	[ɛ]	2 100%					[ɛ]
62	<i>Geladeira</i>	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
63	<i>Celular</i>	[e]	23 96%	[ɛ]	1 4%			[e]
64	<i>Seringueira</i>	[i]	15 63%	[e]	9 38%			[i]
65	<i>Telefone</i>	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
66	<i>Telefone</i>	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
67	<i>Televisão</i>	[ɛ]	21 88%	[e]	3 13%			[ɛ]
68	<i>Televisão</i>	[ɛ]	21 88%	[e]	3 13%			[ɛ]
69	<i>Bebendo</i>	[ɛ]	24 100%					[ɛ]
70	<i>Escrevendo</i>	[i]	21 88%	[e]	3 13%			[i]
71	<i>Escrevendo</i>	[ɛ]	24 100%					[ɛ]

72	Pescando	[ɛ]	24	100%					[ɛ]
----	----------	-----	----	------	--	--	--	--	-----

Conforme dados visualizados na Tabela 3, 6 palavras foram repetidas, porque continham a pretônica contígua e não contígua à tônica. Considerando-se as 72 palavras, inclusas as repetidas, são 1.728 possibilidades de ocorrência de /e/. Considerando o cômputo geral para a ocorrência das variantes de /e/ em cada palavra, algumas merecem comentários.

A palavra *leiloeiro* não faz parte do repertório linguístico das duas comunidades pesquisadas, pois só duas vezes o termo foi mencionado por dois informantes.

A palavra *medicina* também é desconhecida pela maioria dos informantes e foi mencionada apenas 6 vezes.

No termo *semente*, a variável /e/ apresentou 4 variantes, a saber: *s[i]mente*, *s[e]mente*, *s[ĩ]mente* e *s[ẽ]mente*. O número absolutos e relativos para essas variantes foram, respectivamente, 8 e 33%, 6 e 25%, 6 e 25% e 3 e 13%. E uma pessoa não respondeu a pergunta, o que equivale a 1 uma ocorrência ou 4%. Portanto, nessa palavra o /e/ apresentou alta variabilidade.

A palavra *regador* é desconhecida pela maioria dos informantes das duas localidades pesquisadas. Por isso, houve apenas 10 ocorrências de [ɛ], sendo 6 na Zona Urbana (cidade de Coari) e 4 na Zona Rural (Costa do Juçara). Considerando-se somente as 10 ocorrências de [ɛ], relativamente houve uma alta expressividade e distribuição regular, logo a norma das duas localidades supracitadas seria *r[ɛ]gador*.

Portanto, têm-se que:

1. O [e] é norma de uso em 18 palavras.
2. O [e] e o [i] em 1 palavra.
3. O [e] e o [ɛ] em 1 palavra.
4. O [e], [i] e o [ĩ] em 1 palavra
5. O [ẽ] e o [ĩ] e 1 palavra.
6. O [ẽ] em 4 palavras.
7. O [i] em 17 palavras.
8. O [ĩ] em 3 palavras.
9. O [ɛ] em 23 palavras.

Das 72 palavras nas quais foram observados os fenômenos, 3 não apresentaram norma de uso, ou seja, o falante pouco conhece ou desconhece a palavra por não fazer parte do

ambiente sociocultural. São elas: *leiloeiro, medicina e regador*.

Vale lembrar ainda que 24 palavras possuem norma de uso plena, ou seja, apresentaram ocorrência percentual categórica, sendo, portanto, sua incidência de 100%, são elas:

1. *Depois* cuja variante é [e];
2. *Enchete* cuja variante é [ĩ];
3. *Esquecer* cuja variante é [i];
4. *Pescoço* cuja variante é [e];
5. *Melancia* cuja variante é [ɛ];
6. *Perfume* cuja variante é [ɛ];
7. *Queimar* cuja variante é [e];
8. *Real* cuja variante é [ɛ];
9. *Reais* cuja variante é [ɛ];
10. *Professora* cuja variante é [e];
11. *Conversando* cuja variante é [ɛ];
12. *Remédio* cuja variante é [ẽ];
13. *Cenoura* cuja variante é [ẽ];
14. *Cerveja* cuja variante é [e];
15. *Sereia* cuja variante é [e];
16. *Melão* cuja variante é [ɛ];
17. *Revólver* cuja variante é [ɛ];
18. *Petrobrás* cuja variante é [ɛ];
19. *Geladeira* cuja variante é [ɛ];
20. *Telefone* cuja variante é [ɛ];
21. *Telefone* cuja variante é [ɛ];
22. *Bebendo* cuja variante é [ɛ];
23. *Escrevendo* cuja variante é [ɛ];
24. *Pescando* cuja variante é [ɛ].

Os dados das variantes de /o/ são descritos nos subtópicos subsequentes.

#### 4.4 Resultado de /o/

##### 4.4.1 Na Dimensão Diatópica

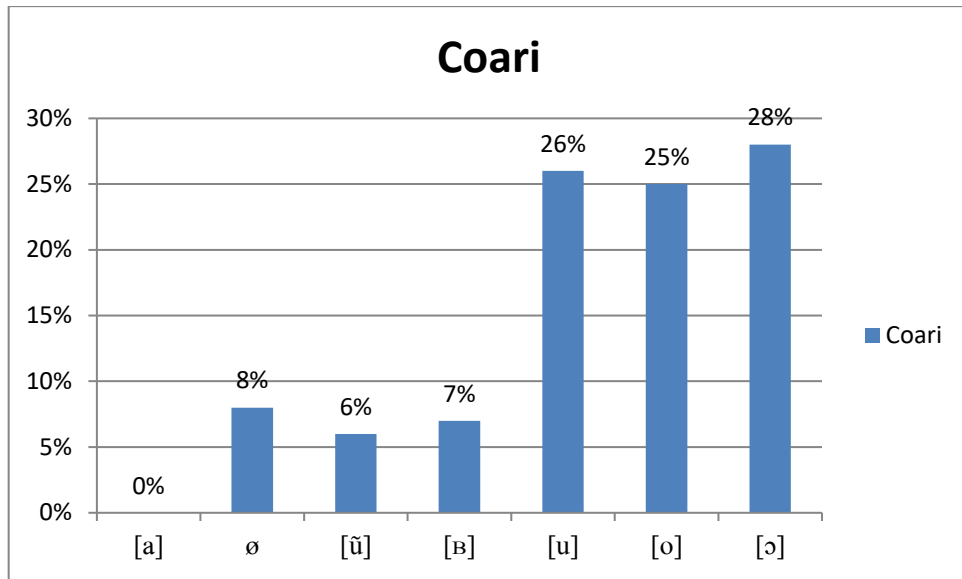
Conforme mencionado anteriormente, foram registradas 1.464 ocorrências para as variantes de /o/. Conforme dados visualizados na Carta Fonética 9, foram encontrados os seguintes resultados na Dimensão Diatópica, levando-se em consideração a frequência absoluta e relativa, respectivamente:

- a) A variante [ɔ] incidiu com 417 e 28%, sendo a que apresentou mais ocorrências absolutas e relativas;
- b) A variante [u] incidiu com 380 e 26% e foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [o] incidiu com 360 e 25% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 96 e 7%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 87 e 6%;
- f) A variante [a] sucedeu com 8 e 1%;
- g) O morfema zero incidiu com 116 e 8%.

Conforme visualização dos dados constantes no Gráfico 13, temos como norma de uso as variantes mais expressivas [ɔ], 28%, [o], 25%, e [u], 26%, totalizando quase 80% em relação ao somatório das variantes menos expressivas, que somam em torno de 13%, não inclusos os 8% representados pelo morfema zero para repostas não dadas, ou perguntas não feitas ou ocorrência de variação lexical.



Gráfico 13 Variação Diiatópica de /o/

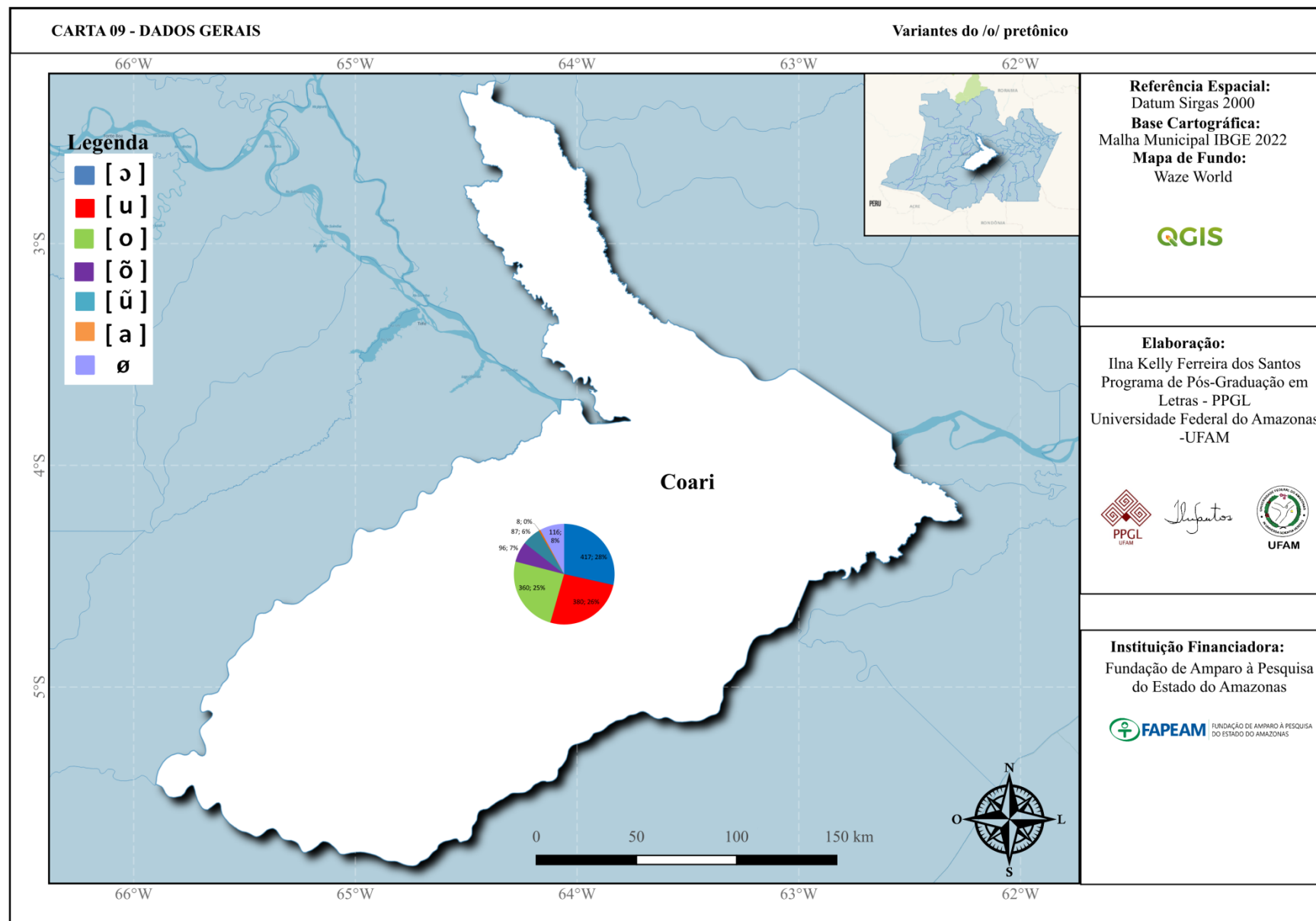


Ainda conforme leitura do Gráfico 13, os valores em números percentuais para as variantes mais expressivas de /o/ são muito próximos, o que pode aparentar uma competição acirrada entre elas ou que cada uma já se encontra estabilizada, fossilizada, cristalizada.

A variante [o] é menos expressiva que o [u] por uma diferença de 1% e que o [ɔ], por uma diferença de 3%, e não se constitui, assim, o padrão usual dominante.

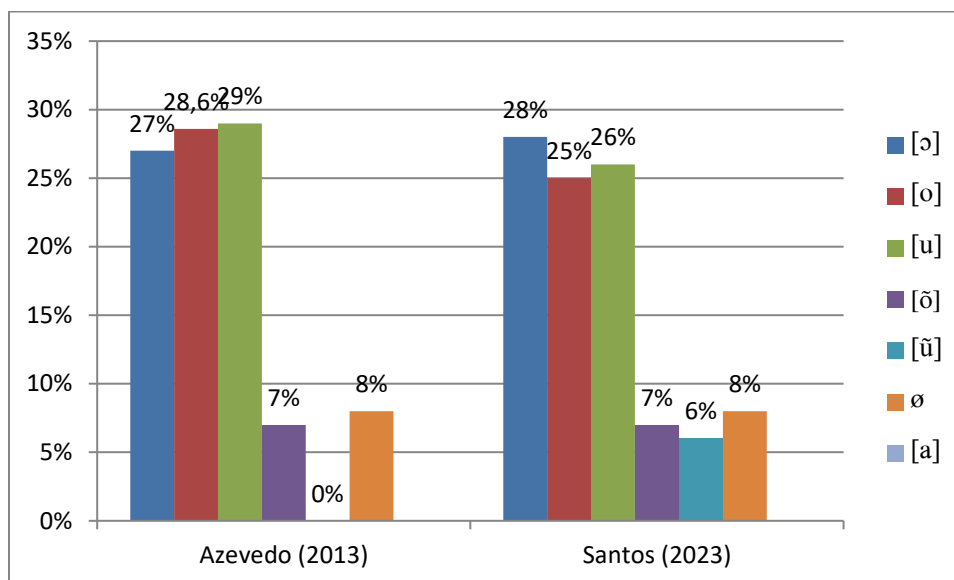
A incidência da variante [a] é uma surpresa, pois não se esperava que o falante iria abaixar tanto a vogal. Isso acontece quando a palavra que contém variável pretônica /o/ não é de uso corrente na localidade. As demais variantes nasalizadas ocorrem por influência de um segmento fônico nasal adjacente.

Carta Fonética 9 Variantes Diatópica de /o/



No Gráfico 14, é possível comparar os resultados para as variantes mais expressivas entre a pesquisa de Azevedo (2013) e a atual.

Gráfico 14 Variação Diatópica-Diacrônica de /o/



Pela visualização dos dados estatísticos no Gráfico 14, houve uma mudança no número percentual relativo às ocorrências das variantes de /o/, sendo que a incidência da variante [u], a mais expressiva na pesquisa de Azevedo (2013), diminuiu de 29% para 26%, na pesquisa atual; a de [o] diminuiu de 28,6%, na pesquisa anterior, para 26%, na pesquisa atual; enquanto a incidência de [ɔ] aumentou, passando de 27%, na pesquisa anterior, para 28%, na pesquisa atual, contrariando a hipótese de que haveria um aumento na incidência da variante [o] segundo a Dimensão Diatópica, que é considerada o padrão do português.

#### 4.4.2 Na Dimensão Diazonal

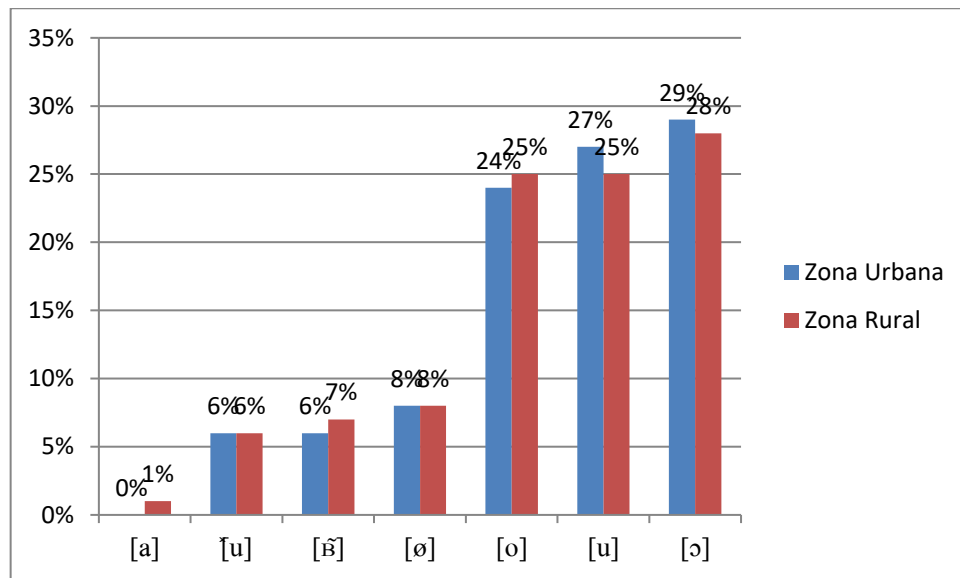
Pela constatação dos dados estatísticos na Carta Fonética 10, foram encontrados os seguintes resultados para as variantes de /o/, levando-se em consideração a frequência absoluta e relativa, respectivamente, na Zona Urbana e Zona Rural:

- a) A variante [ɔ] incidiu com 211 e 29% na Zona Urbana, e 206 e 28% na Zona Rural, sendo nas duas zonas a mais expressiva;
- b) A variante [u] incidiu com 195 e 27% na Zona Urbana, e 185 e 25% na Zona Rural;

- c) A variante [o] incidiu com 175 e 24% na Zona Urbana; e 185 e 25% na Zona Rural;
- d) A variante [õ] incidiu com 46 e 6% na Zona Urbana; e 50 e 7% na Zona Rural;
- e) A variante [ũ] incidiu com 46 e 6% na Zona Urbana; e 41 e 6% na Zona Rural;
- f) A variante [a] incidiu com 2 e 0% na Zona Urbana; e 6 e 1% na Zona Rural;
- g) O morfema zero incidiu com 57 e 8% na Zona Urbana; e 59 e 8% na Zona Rural.

Pela visualização dos dados comparativos no Gráfico 15, as incidências percentuais das mesmas variantes são próximas na Zona Urbana, linha azul, e na Zona Rural, linha vermelha.

**Gráfico 15 Variação Diazonal de /o/ por zona**



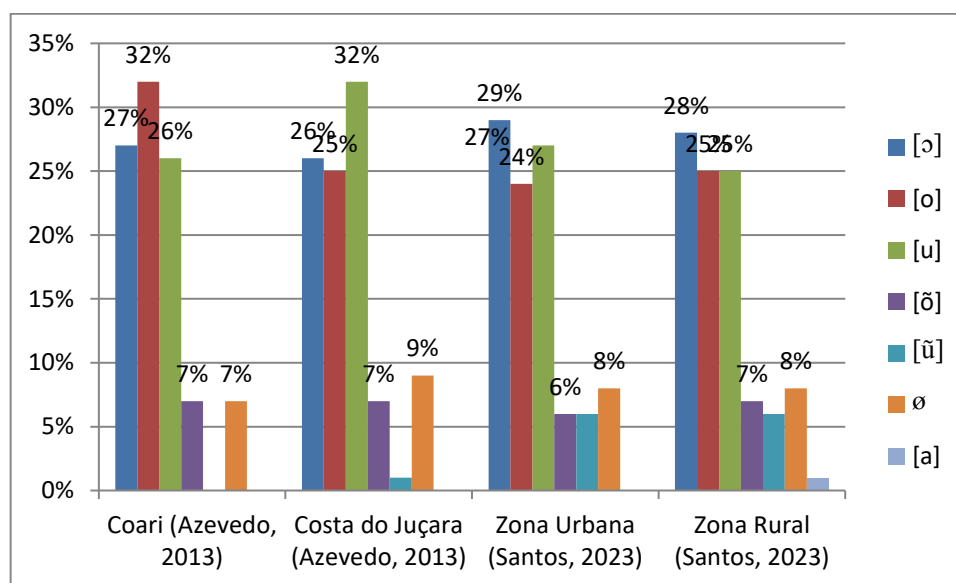
O altameanto de /o/ para [u] foi mais expressivo na Zona Urbana, em que apresenta um percentual de ocorrência de 27% contra 25% na Zona Rural, sendo essa a diferença mais nítida no Gráfico 5. Já as variantes consideradas mais inovadoras [ɔ] e [u] ocorrem mais na Zona Urbana, apresentando números percentuais, respectivamente, de 29% e 27%, enquanto, na Zona Rural, incidiram, apresentando números percentuais, respectivamente, de 28% e 25%. Já na Zona Rural, a variante considerada o padrão normativo [o] é mais produtiva na Zona Rural, onde apresentou um percentual de ocorrência em 25% contra 24% na Zona Urbana.

Conforme pode ser constatado no Gráfico 15, as incidências das variantes estão em ordem crescente, da esquerda para a direita, mostrando ocorrências percentuais próximas. Entre as variantes mais expressivas, o [ɔ] e o [u], como já visto, obtiveram incidência maior na Zona Urbana (cidade de Coari), enquanto o [o] obteve uma leve expressividade na Zona Rural (Costa

do Juçara).

Na pesquisa de Azevedo (2013), conforme dados visualizados no Gráfico 16, a variante [o] é mais expressiva na Zona Urbana com incidência de 32%, enquanto na Zona Rural, com 25%, a mais expressiva é a variante [u]. Na sequência, o [ɔ], [o], [õ] e ø obtiveram percentuais de ocorrência, respectivamente, em 27%, 32%, 7% e 7% na Zona Urbana; enquanto, na Zona Rural, as variantes [ɔ], [o], [õ], [ũ], [a] e ø obtiveram 26%, 25%, 7%, 1%, 2% e 9%.

Gráfico 16 Variação Diazonal-Diacrônica de /o/

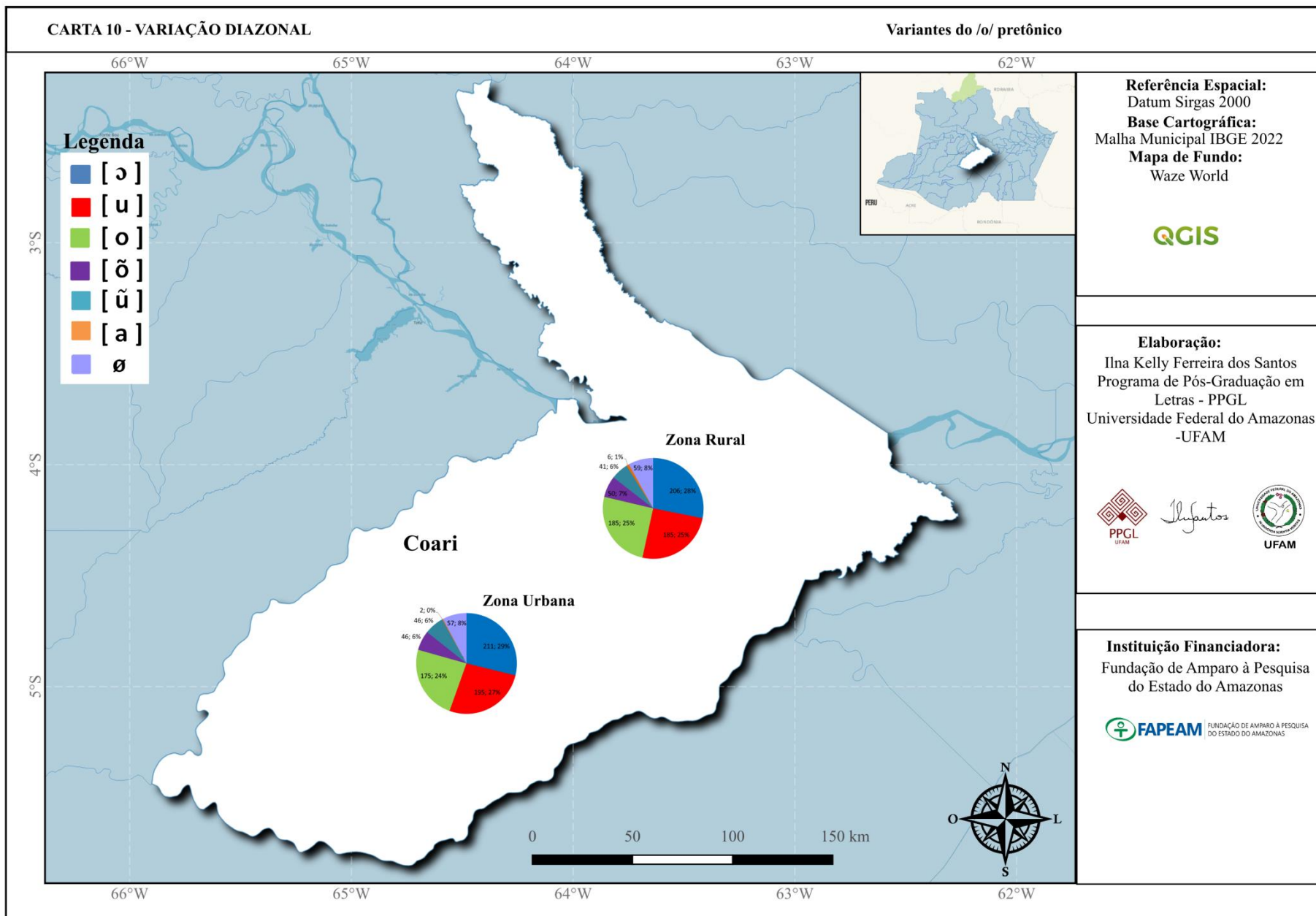


O que mudou da década de 2013 para 2023 em relação às variantes de /o/ na posição pretônica segundo a Dimensão Diazonal?

1. Para a variante [o], que era mais produtiva na pesquisa de Azevedo (2013), a incidência percentual diminuiu de 32% para 24%, na pesquisa atual, considerando-se esses dados relativos à Zona Urbana, enquanto se manteve a mesma incidência percentual de 25% para essa variante na Zona Rural;
2. Para a variante [u], o alteamento era maior na pesquisa de Azevedo (2013) na Zona Rural, cujo percentual de ocorrência era de 32% e, na Zona Urbana, era de 26%. Agora, na pesquisa atual, é na Zona Urbana, onde se alteia mais, sendo que o [u] ocorreu 27% das vezes contra 25% na Zona Rural;
3. Para a variante [ɔ], na Zona Urbana, os índices percentuais são maiores nas duas pesquisas por uma diferença de 1% em relação aos dados da Zona Rural. O abaixamento pretônico de /o/ para [ɔ] aumentou, passando de 26% (Zona Rural) e

27% (Zona Urbana), na pesquisa de Azevedo (2013), para 28% (Zona Rural) e 29% (Zona Urbana) na pesquisa atual.

Carta Fonética 10 Variantes Diazonal /o/



#### 4.4.3 Na Dimensão Diassexual

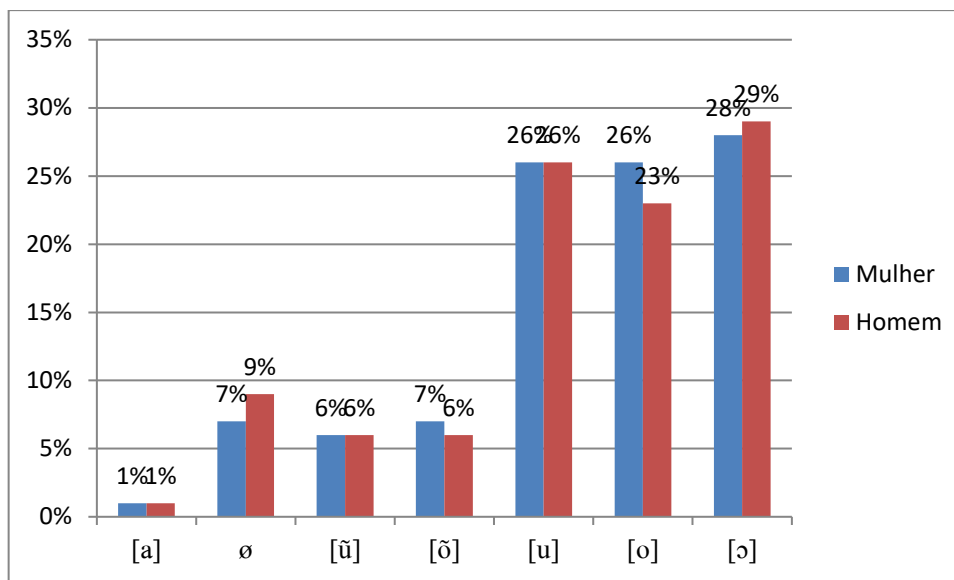
Na Dimensão Diassexual, conforme dados visualizados na Carta Fonética 11, foram encontrados os seguintes resultados, levando-se em consideração a frequência absoluta e relativa, respectivamente, para a fala de homens e mulheres:

- a) A variante [ɔ] incidiu com 211 e 29% na fala dos homens, e 206 e 28% na fala das mulheres, sendo nas duas zonas a mais expressiva;
- b) A variante [u] incidiu com 193 e 26% na fala dos homens; e 187 e 26% na fala das mulheres;
- c) A variante [o] incidiu com 171 e 23% na fala dos homens; e 189 e 26% na fala das mulheres;
- d) A variante [õ] incidiu com 46 e 6% na fala dos homens; e 50 e 7% na fala das mulheres;
- e) A variante [ũ] incidiu com 45 e 6% na fala dos homens; e 42 e 6% na fala das mulheres;
- f) A variante [a] incidiu com 4 e 1% na fala dos homens; e 4 e 1% na fala das mulheres;
- g) O morfema zero incidiu com 62 e 8% na fala dos homens; e 54 e 7% na fala das mulheres;

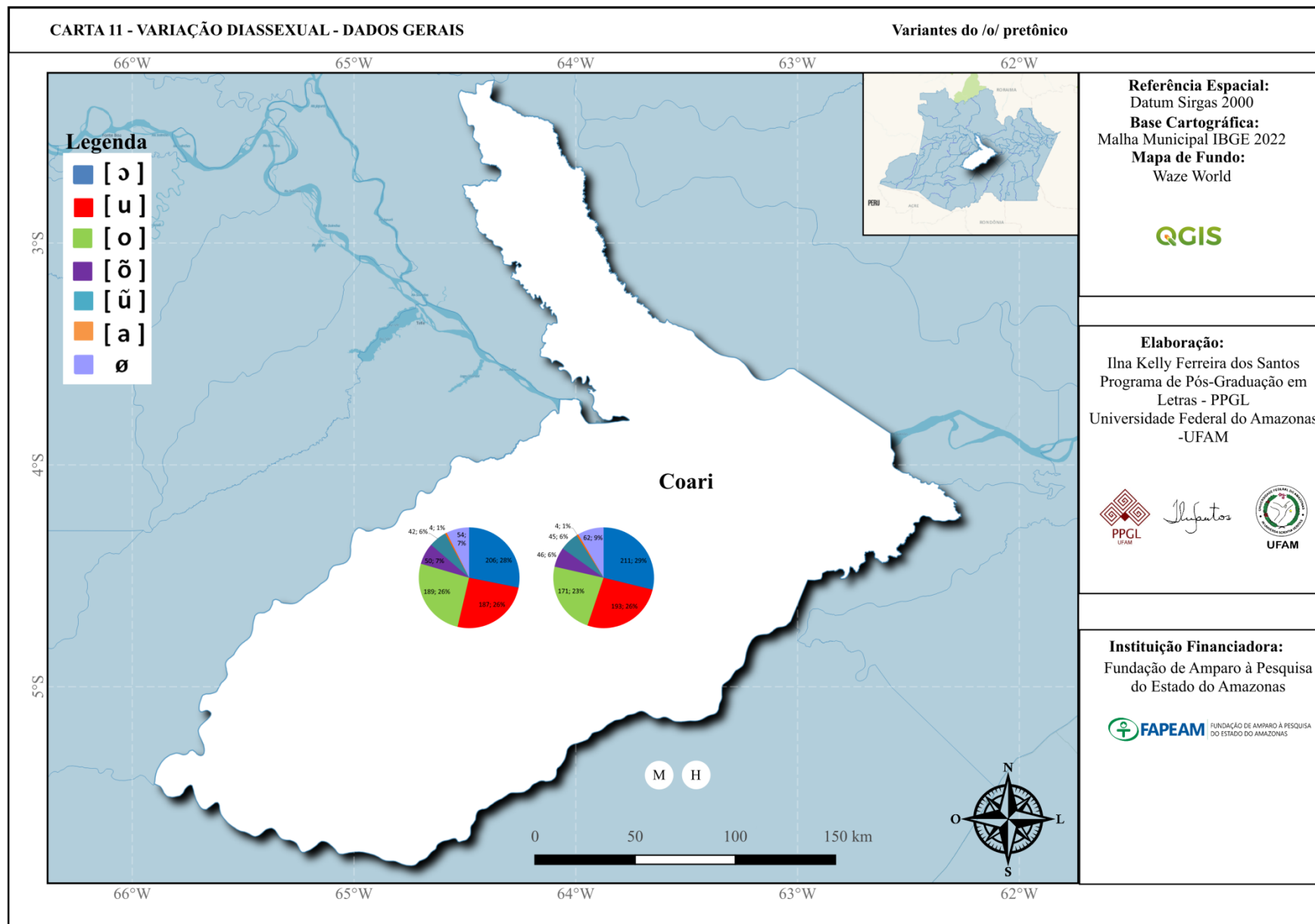
As ocorrências relativas também estão disponibilizadas no Gráfico 17 para que fosse possível a visualização da incidência de cada variante de forma mais ampla. Os dados em números percentuais são relativos ao total destinado para cada parâmetro, ou seja, foram 732 possibilidades de ocorrência das variantes de /o/ para cada sexo. Desse total, homens e mulheres usam mais a variante [ɔ] com a sobreposição na fala masculina, que fazem também o alteamento de /o/ para [u] mais que elas. Por outro lado, as mulheres usam mais as formas [o] e [õ], enquanto eles nasalizam mais ao falarem a variante nasalizada [ũ].



Gráfico 17 Variação Diassexual de /o/

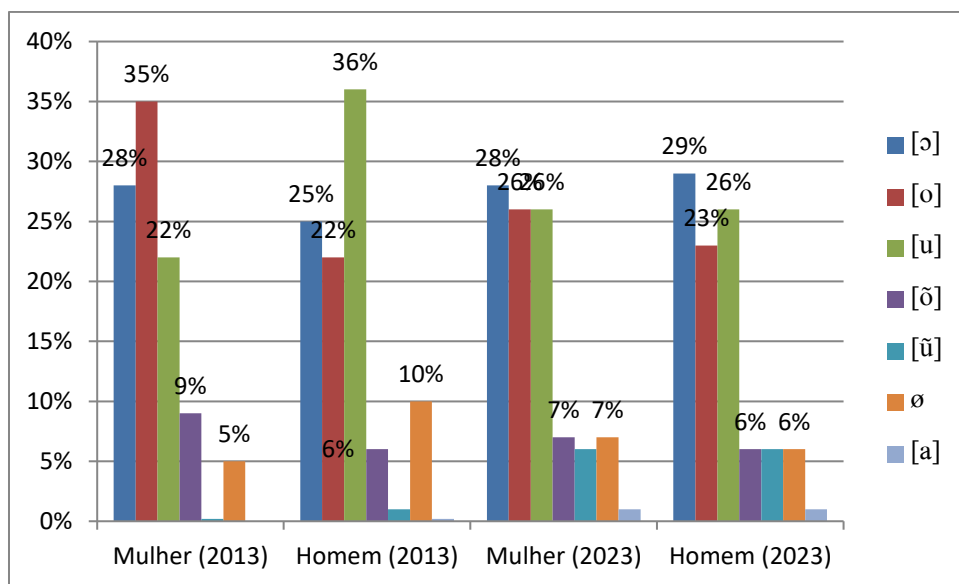


No Gráfico 18, constam os dados em números percentuais para as variantes de /o/, considerando a pesquisa de Azevedo realizada em 2013 e a atual. O que mudou em termos de incidência entre [u], [o] e [ɔ]?



Observa-se uma diferença mais acentuada nos dados da pesquisa de Azevedo (2013) na fala de homens e mulheres em relação aos dados de fala atual para as variantes mais expressivas. Percebe-se também que os homens promovem mais o alteamento pretônico, cuja ocorrência percentual é de 35%, enquanto as mulheres optam pela manutenção da variante padrão [o], cuja ocorrência percentual é de 35%. Além disso, as mulheres abaixam mais o /o/ para [ɔ], apresentando índice percentual de 28%, do que os homens, apresentando índice percentual de 25%.

Gráfico 18 Variação Diassexual-Diacrônica de /o/



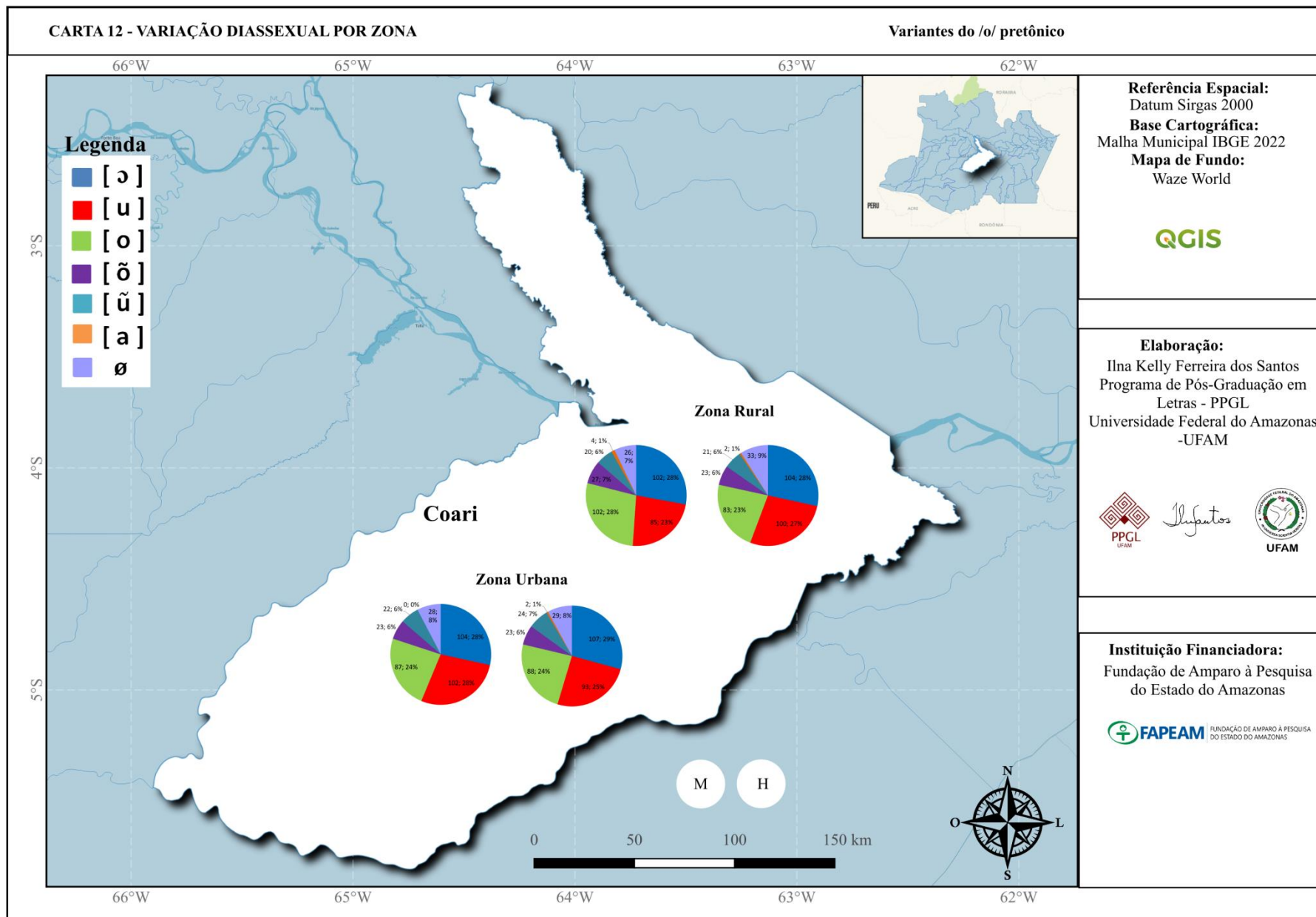
Na pesquisa atual, os dados relativos às ocorrências percentuais de [ɔ], [u] e [o] são mais próximos, apresentando números, respectivamente, de 28%, 26% e 26% na fala feminina, e de, respectivamente, 29%, 26% e 23% na fala masculina. O abaixamento de /o/ para [ɔ] predomina na atualidade, apresentando percentuais de 28% na fala feminina e de 29% na fala masculina.

#### 4.4.4 Na Dimensão Diassexual-Diazonal

Conforme visualização na Carta Fonética 12, considerando-se 366 ocorrências das variantes de /o/ para cada parâmetro, de um total de 1.464 possibilidades, os números absolutos e relativos constantes na fala de homens e mulheres, segundo a Dimensão Diassexual-Diazonal foram os seguintes:

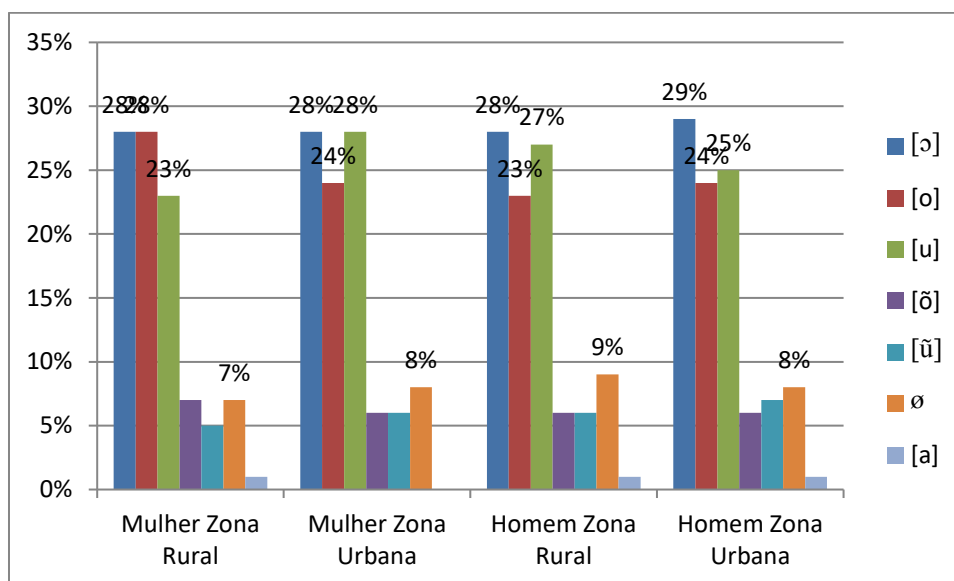
- a) A variante [ɔ] incidiu com 107 e 29% na fala dos homens, na Zona Urbana, e, na Zona Rural, incidiu com 104 e 28%; enquanto na fala das mulheres, na Zona Urbana, foi de 104 e 28% e, na Zona Rural, obteve os números absolutos e relativos, respectivamente, em 102 e 28%;
- b) A variante [u] incidiu com 93 e 25% na fala dos homens, na Zona Urbana, e, na Zona Rural, incidiu com 100 e 27%; enquanto na fala das mulheres, na Zona Urbana, foi de 102 e 28% e, na Zona Rural, obteve os números absolutos e relativos, respectivamente, em 85 e 23%;
- c) A variante [o] incidiu com 88 e 24% na fala dos homens, na Zona Urbana, e, na Zona Rural, incidiu com 83 e 23%; enquanto na fala das mulheres, na Zona Urbana, foi de 87 e 24% e, na Zona Rural, obteve os números absolutos e relativos, respectivamente, em 102 e 28%;
- d) A variante [õ] incidiu com 23 e 6% na fala dos homens, na Zona Urbana, e na Zona Rural incidiu com 23 e 6%; enquanto na fala das mulheres na, Zona Urbana, foi de 23 e 6% e, na Zona Rural, obteve os números absolutos e relativos, respectivamente, em 27 e 7% ;
- e) A variante [ũ] incidiu com 24 e 7% na fala dos homens, na Zona Urbana, e na Zona Rural incidiu com 21 e 6%; enquanto na fala das mulheres na Zona Urbana foi de 22 e 6% e na Zona Rural, obteve os números absolutos e relativos, respectivamente, em 20 e 5% ;
- f) A variante [a] incidiu com 2 e 1% na fala dos homens, na Zona Urbana, e na Zona Rural incidiu com 2 e 1%; enquanto na fala das mulheres na Zona Urbananão houve incidência e na Zona Rural, obteve os números absolutos e relativos, respectivamente, em 4 e 1%;
- g) O morfema zero incidiu com 29 e 8% na fala dos homens, na Zona Urbana, e, na Zona Rural, incidiu com 33 e 9%; enquanto na fala das mulheres na Zona Urbana incidiu com 28 e 8%, e, na Zona Rural, obteve os números absolutos e relativos, respectivamente, em 26 e 7%;

Carta Fonética 12 Variação Diassexual-Diazonal de /o/



Considerando os dados constantes no Gráfico 19, o abaixamento de /o/ para [ɔ] foi mais expressivo em todos os parâmetros, apresentado números percentuais próximos de 28% na fala feminina da Zona Rural e Urbana, e 28% e 29%, respectivamente, na fala masculina da Zona Rural e Urbana. Já o alteamento de /o/ para [u] é mais expressivo na fala feminina da Zona Urbana, cujo percentual de ocorrência é de 28%, e é mais expressiva na fala masculina da Zona Rural, cuja ocorrência percentual é de 27%.

Gráfico 19 Variação Diassexual-Diazonal de /o/



Em se tratando do abaixamento de /o/, segundo o parâmetro mulher da Zona Rural, a variante [ɔ] foi a mais expressiva, cuja incidência percentual é 28%. Tal variante nos demais parâmetros apresentou incidências próximas, sendo 24% na fala feminina da Zona Urbana, 23% na fala masculina da Zona Rural e 24% na fala masculina da Zona Urbana.

Os dados estatísticos entre a pesquisa de Azevedo (2013) e a atual estão disponíveis no Gráfico 20. Como são muitas variáveis controladas, resolvemos também codificar o parâmetro igual como foi feito para os resultados de /e/. Assim, temos:

MR13 significa mulher rural de 2013;

MU13 significa mulher urbana de 2013;

HR13 significa homem rural de 2013;

HU13 significa homem urbano de 2013;

MR23 significa mulher rural de 2023;

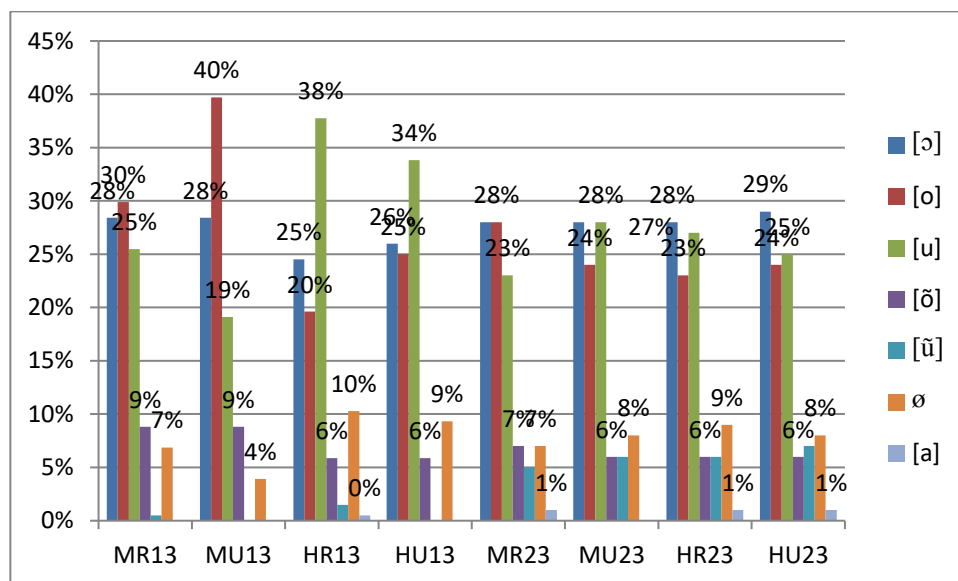
MU23 significa mulher urbana de 2023;

HR23 significa homem rural de 2023.

HU23 representa homem urbano de 2023.

Analisando os dados em números percentuais disponíveis no Gráfico 20, percebemos que a diferença entre as ocorrências de [o] e [u] eram mais acentuadas, apresentando picos máximos, respectivamente, de 40%, em MU13 (mulher urbana de 2013), e 38% em HR13 (homem rural de 2013).

Gráfico 20 Variação Diacrônica de /o/ no eixo Diassexual-Diazonal



Interessante que o padrão sociolinguístico relativo às mulheres preferirem a variante considerada padrão é aplicável na pesquisa de Azevedo (2013), pois são elas que usam mais a variante [o], cujos percentuais são de 30% em MR13 (mulher rural de 2013) e 40% em MU13 (mulher urbana de 2013). Por outro lado, na pesquisa atual, mulheres e homens falam tal variante com percentuais de ocorrências bastante próximos, sendo interessante também sua incidência nos parâmetros, porque é na Zona Rural, onde são registradas as maiores incidências tanto na fala feminina quanto na fala masculina, por exemplo: para MR23 (mulher rural de 2023), o índice é de 28% contra 24% de MU23 (mulher urbana de 2023); para HR23 (homem rural de 2023), o índice é de 27% contra 25% de HU23 (homem urbano de 2023).

O aumento de /o/ para [u] era mais expressivo na fala masculina na década de 2013, cujos índices percentuais registrados são 38% no parâmetro HR13 (homem rural de 2013) e 34% no parâmetro HU13 (homem urbano de 2013). Já em 2023, o aumento mais expressivo foi registrado no parâmetro MU23 (mulher urbana de 2023), cujo índice é 28%, enquanto na fala masculina o registro é de 27% no parâmetro HR23 (homem rural de 2023) e 25% no parâmetro HU23 (homem urbano de 2023).

O abaixamento de /o/ para [ɔ] apresenta índices percentuais de 28% cada nos 2 parâmetros da fala feminina de 2013, sendo mais usado que na fala masculina, cujo registro é 25% no parâmetro HR13 (homem rural de 2013) e 26% no HU13 (homem urbano de 2013). A linha azul do Gráfico 20 representa pouca oscilação na incidência de [ɔ], mas é o suficiente para essa variante se manter como sendo a mais expressiva na pesquisa atual, sendo os seus registros percentuais de 28% em cada parâmetro da fala feminina e no parâmetro HR23 (homem rural de 2023), enquanto é 29% no parâmetro HU23 (homem urbano de 2023).

Portanto, das 3 variantes, a incidência que menos mudou é a de o [ɔ], que, de segunda colocada em 2013, se mantém como mais expressiva na atualidade.

#### 4.4.5 Na Dimensão Diageracional

Pela leitura da Carta Fonética 13, foram controladas três faixas etárias (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante) na Dimensão Diageracional. Em cada parâmetro foram registradas 488 ocorrências das variantes de /o/, de um total de 1.464 possibilidades. Os dados em números absolutos e relativos para as variantes de /o/ foram os seguintes:

Na faixa etária I (de 18 a 35 anos):

- a) A variante [ɔ] incidiu com 142 e 29%, sendo a que apresentou maiores ocorrências absolutas e relativas;
- b) A variante [o] incidiu com 146 e 30% e foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [u] incidiu com 96 e 20% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 39 e 8%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 25 e 5%;
- f) A variante [a] obteve 2 vezes e 0%;
- g) O morfema zero obteve 38 ocorrências absolutas e 8%.

Na faixa etária II (de 36 a 55 anos):

- a) A variante [o] incidiu com 133 e 27% e foi a primeira mais expressiva;
- b) A variante [ɔ] incidiu com 132 e 27%, foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [u] incidiu com 121 e 25% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 38 e 8%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 19 e 4%;



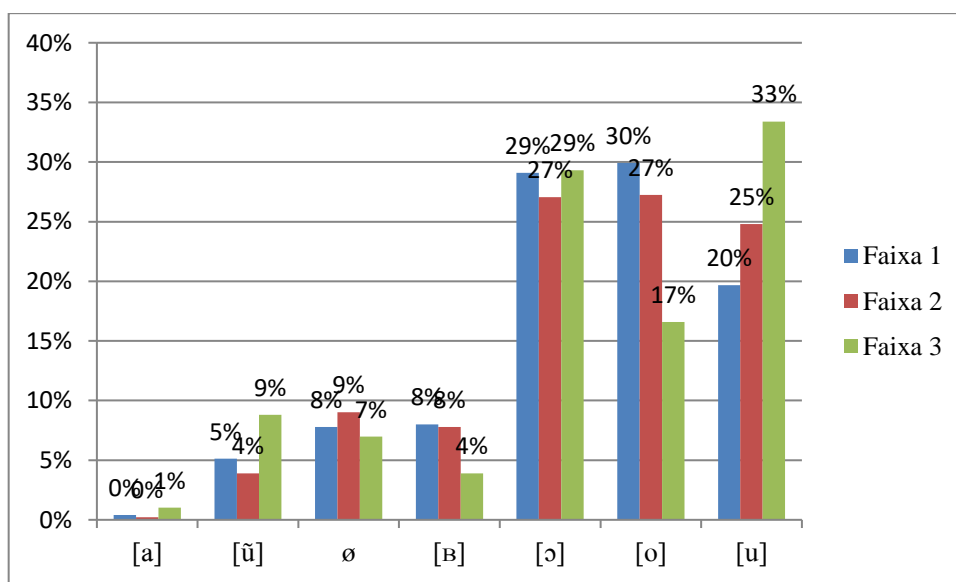
- f) A variante [a] ocorreu 1 vez e 0%;
- g) O morfema zero obteve 44 ocorrências absolutas e 9%.

Na faixa etária III (de 56 anos em diante):

- a) A variante [u] incidiu com 163 e 33% e foi a primeira mais expressiva;
- b) A variante [ɔ] incidiu com 143 e 29%, foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [o] incidiu com 81 e 17% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 19 e 4%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 43 e 9%;
- f) A variante [a] ocorreu 5 vezes e 1%;
- g) O morfema zero obteve 34 ocorrências absolutas e 7%.

Conforme visualização nos dados do Gráfico 21, o alteamento de /o/ para [u] se sobressai, apresentando um percentual de ocorrência de 33% na Faixa Etária III (de 56 anos em diante), em relação à incidência de outras variantes nos demais parâmetros. Além disso, segundo esse parâmetro, o abaixamento de /o/ para [ɔ] também é expressivo, cujo percentual de ocorrência é em 29%.

Gráfico 21 Variação Diageracional de /o/

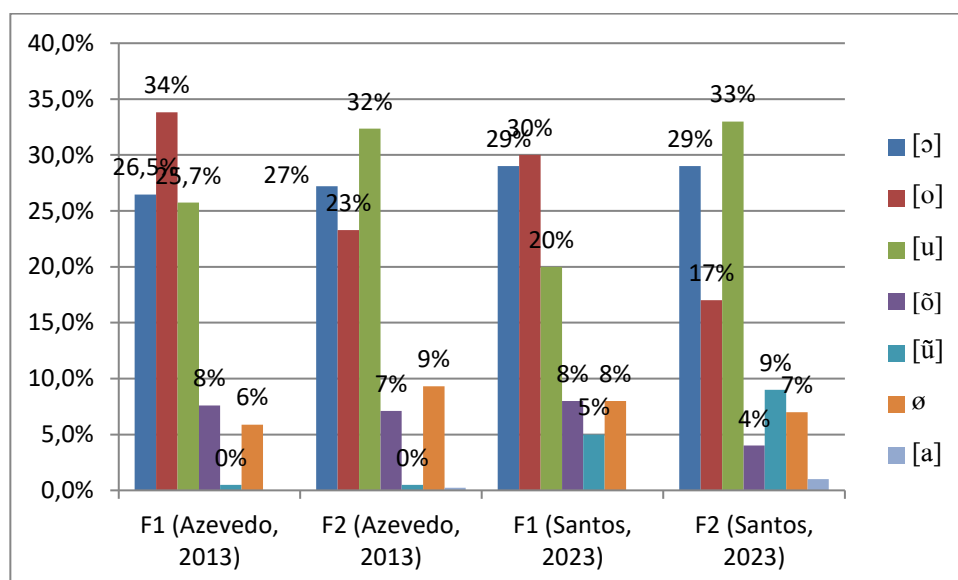


Na Faixa Etária I (de 18 a 35 anos), o [o] e o [ɔ] possuem incidências próximas, respectivamente de 30% e 29% e são as mais expressivas nesse parâmetro. Já na Faixa Etária II (de 36 a 55 anos), há um alternância mais próxima entre as 3 variantes mais expressivas,

sendo que o [ɔ] e o [o] obtiveram percentuais de ocorrência em 27% cada, e o [u] em 25%. Portanto, os mais velhos alteiam mais, os mais novos realizam o abaixamento e a manutenção pretônica de forma mais incisiva que os da idade intermediária.

Para compararmos os dados entre a pesquisa atual e a de Azevedo (2013), excluimos a Faixa Etária 2 (de 36 a 55 anos) da pesquisa atual e estabelecemos para a Faixa Etária 1 a idade de 18 a 35 anos para contemplar a faixa etária das duas pesquisas; para a Faixa Etária 2 a idade de 50 anos em diante para contemplar a faixa etária das duas pesquisas a serem comparadas. Os dados comparativos estão disponíveis no Gráfico 22.

**Gráfico 22** Variação Diageracional-Diacrônica de /o/



Considerando as variantes mais expressivas para a comparação dos resultados disponíveis no Gráfico 22, o abaixamento de /o/ para [ɔ] teve sua incidência aumentada após uma década, indo de 26,5%, na Faixa 1, em 2013, e 27%, na Faixa 2, em 2013, para 29% em cada faixa na atualidade.

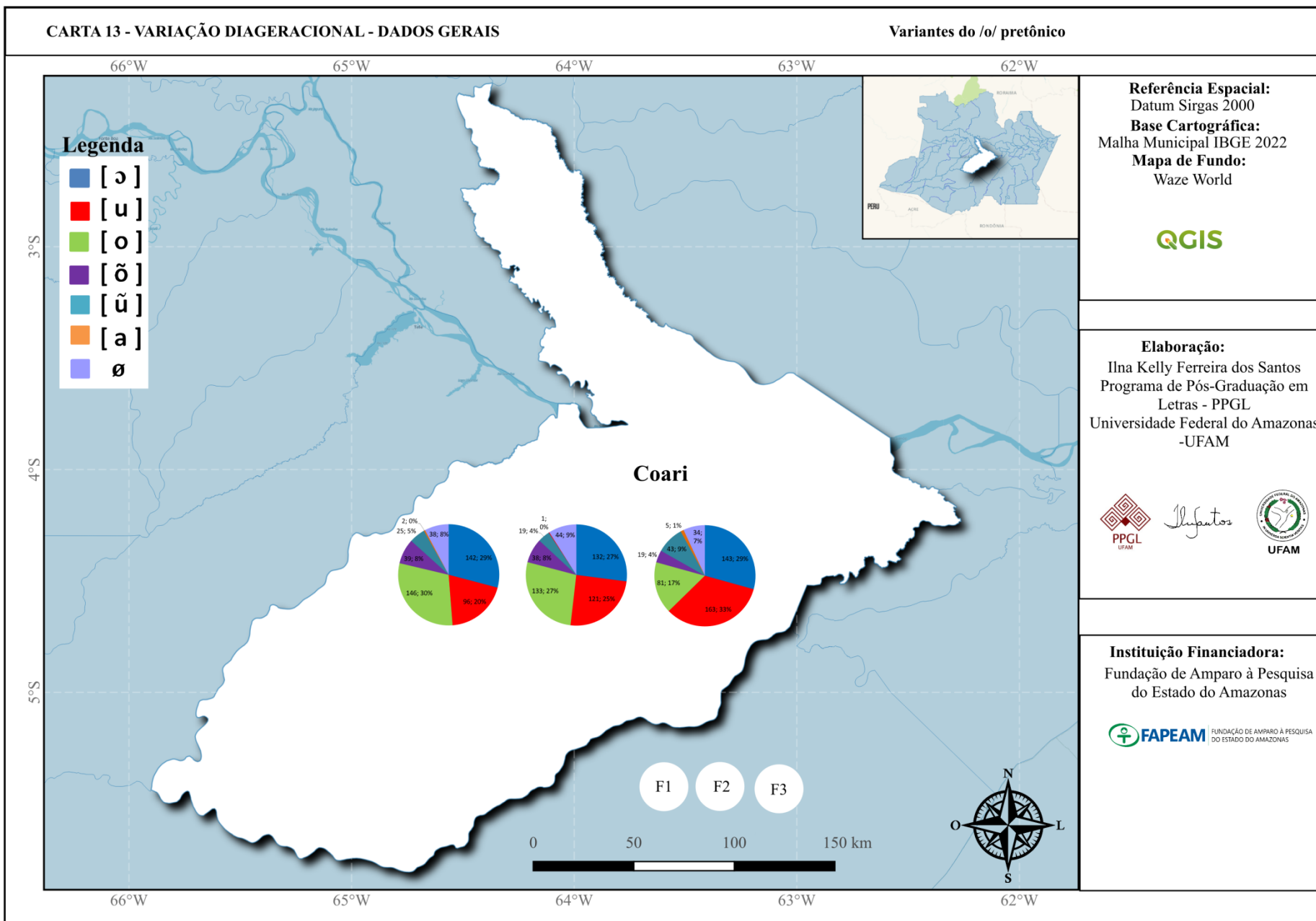
Já o alteamento de /o/ para [u], segundo as faixas etárias 1 e 2, foi, respectivamente, de 25,7% e de 32% da pesquisa de Azevedo (2013) para 20% e 33% na pesquisa atual. Portanto, o alteamento é mais incidente na fala de moradores de idade mais avançada.

A manutenção cuja incidência julgávamos ter aumentada despencou, na verdade, indo de 34% na Faixa 1 (de 18 a 35 anos), em 2013, para 30% na Faixa 1 (de 50 anos em diante) na atualidade. Já na Faixa 2 (de 50 anos em diante), foi de 23%, em 2013, para 17% na pesquisa atual. Conclui-se que atualmente:

Os falantes da Faixa Etária 1 realizam mais a manutenção pretônica, enquanto os da Faixa Etária 2 realizam menos.

Os falantes da Faixa Etária 2 alteiam mais a vogal, enquanto os da Faixa Etária 1 alteiam menos.

Os falantes das duas faixas etárias realizam o abaixamento pretônico da mesma forma, não havendo diferença percentual para isso.



#### 4.4.6 Na Dimensão Diageracional-Diazonal

Conforme dados visualizados na Carta Fonética 14, são 3 faixas etárias controladas (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante) na Dimensão Diageracional-Diazonal. As variantes de /o/ ocorrem 244 vezes em cada um dos 6 parâmetros, totalizando 1.464 ocorrências. Foram encontrados os seguintes resultados, levando-se em consideração a frequência absoluta e relativa das variantes de /o/, primeiramente, Na Zona Urbana:

Na faixa etária I (de 18 a 35 anos)

- a) A variante [o] incidiu com 77 e 31% e foi a primeira mais expressiva
- b) A variante [ɔ] incidiu com 71 e 29% e foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [u] incidiu com 43 e 18% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 19 e 5%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 12 e 8%;
- f) A variante [a] obteve 1 vez e 0%;
- g) O morfema zero obteve 21 ocorrências absolutas e 9%.

Na faixa etária II (de 36 a 55 anos)

- a) A variante [u] incidiu com 71 e 29% e foi a primeira mais expressiva;
- b) A variante [ɔ] incidiu com 65 e 27%, foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [o] incidiu com 54 e 22% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 15 e 6%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 14 e 6%;
- f) O morfema zero obteve 25 ocorrências absolutas e 10%.

Na faixa etária III (de 56 anos em diante)

- a) A variante [u] incidiu com 81 e 33% e foi a primeira mais expressiva;
- b) A variante [ɔ] incidiu com 75 e 31%, foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [o] incidiu com 44 e 18% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 12 e 5%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 20 e 8%;

- f) A variante [a] ocorreu com 1 e 0%;
- g) O morfema zero ocorreu com 11 e 5%.

Desta vez, transcrevo os dados em números relativos da Carta Fonética 14 da Zona Rural, considerando as 3 faixas etárias ou 3 gerações;

Na faixa etária I (de 18 a 35 anos)

- a) A variante [ɔ] incidiu com 71 e 29%, sendo a que apresentou maiores ocorrências absolutas e relativas;
- b) A variante [o] incidiu com 69 e 28% e foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [u] incidiu com 53 e 22% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 20 e 8%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 13 e 5%;
- f) A variante [a] ocorreu com 1 e 0%;
- g) O morfema zero obteve 17 ocorrências absolutas e 7%.

Na faixa etária II (de 36 a 55 anos)

- a) A variante [o] incidiu com 79 e 32% e foi a primeira mais expressiva;
- b) A variante [ɔ] incidiu com 67 e 27%, foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [u] incidiu com 50 e 21% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 23 e 9%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 5 e 2%;
- f) A variante [a] ocorreu com 1 e 0%;
- g) O morfema zero ocorreu com 19 e 8%.

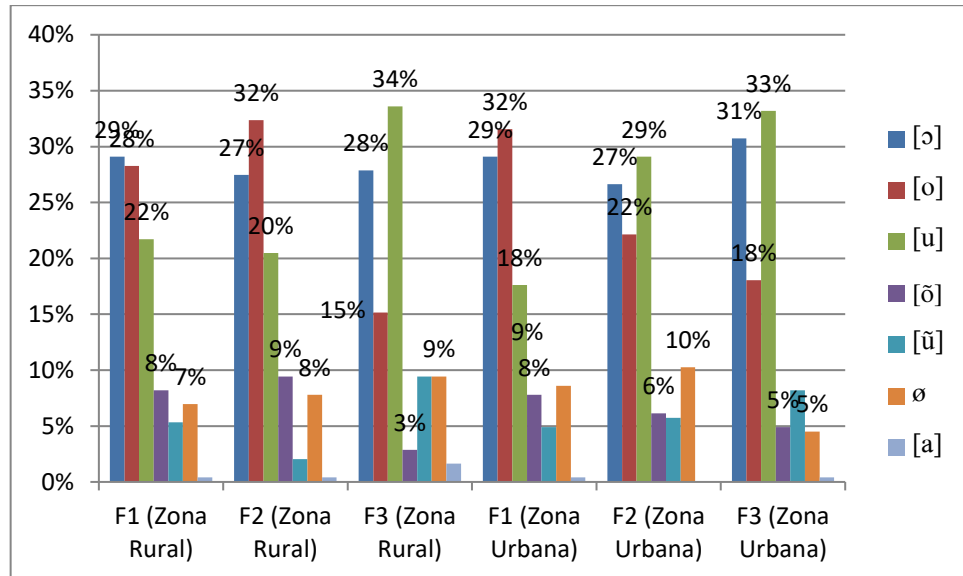
Na faixa etária III (de 56 anos em diante)

- a) A variante [ɔ] incidiu com 68 e 28%, foi a segunda mais expressiva;
- b) A variante [u] incidiu com 82 e 34% e foi a primeira mais expressiva;
- c) A variante [o] incidiu com 37 e 15% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 7 e 3%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 23 e 9%;
- f) A variante [a] ocorreu com 4 e 2%;

g) O morfema zero ocorreu com 23 e 9%.

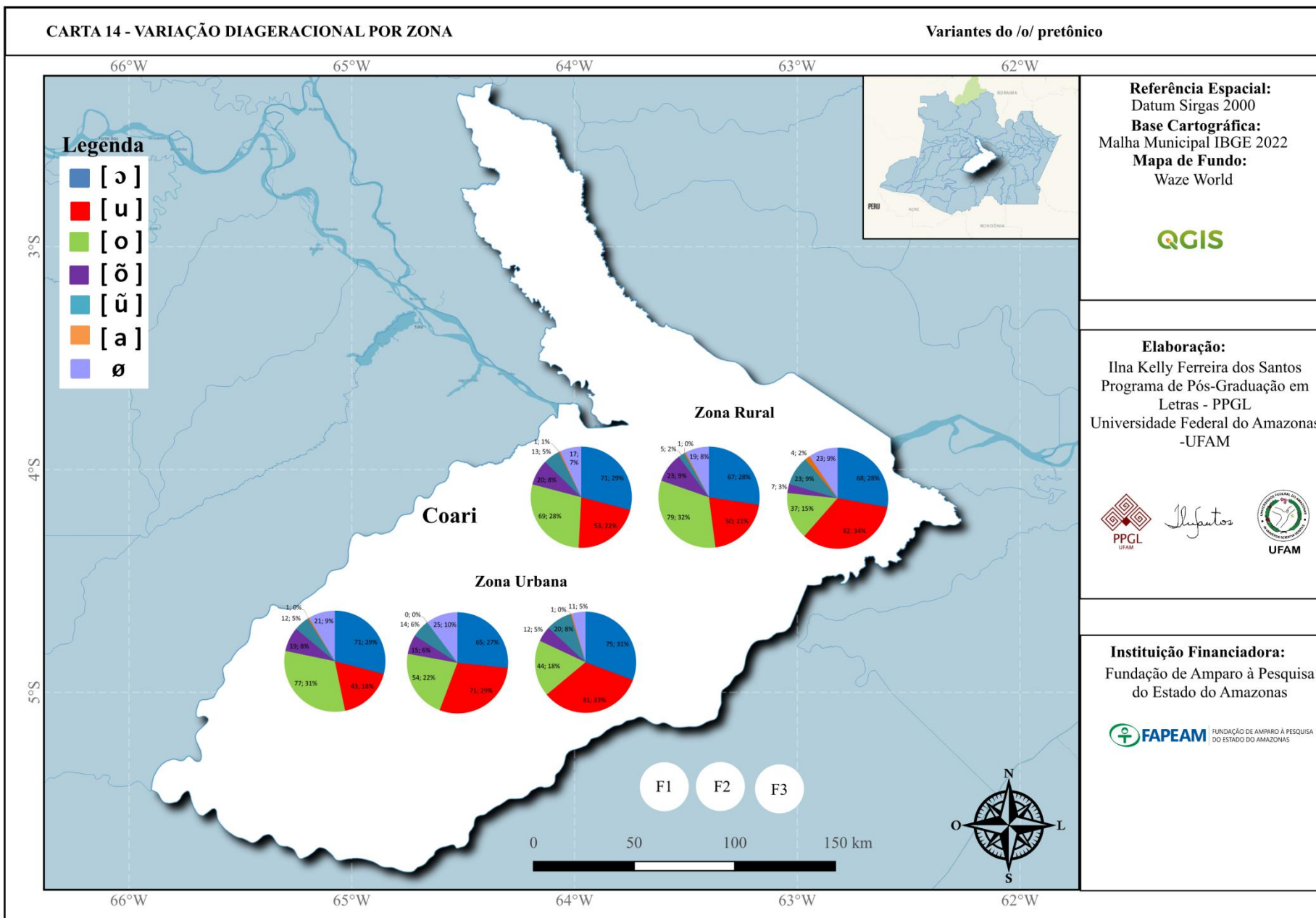
Considerando as variantes mais expressivas de /o/ no eixo Diageracional-Diazonal, no Gráfico 23, é possível comparar a incidência em números percentuais das variantes pretônicas para essa variável anterior.

Gráfico 23 Variação Diageracional-Diazonal de /o/



O alteamento de /o/ para [u] ocorre com 34% na Faixa Etária 3 (de 56 anos em diante) na Zona Rural, enquanto na Zona Urbana, também tal fenômeno foi mais incidente na Faixa Etária 3, cuja incidência percentual é de 33%. Já a variante [o] incidiu na Faixa Etária 2 (de 36 a 55 anos), na Zona Rural, e na Faixa Etária 1 (de 18 a 35 anos), na Zona Urbana, com percentual de 32% em cada parâmetro. Por sua vez, o abaixamento de /u/ para [ɔ] é mais expressivo na Faixa Etária 3, na Zona Urbana, cujo índice percentual é de 31%. Em todos os 6 parâmetros, a linha azul, que representa a incidência do abaixamento, representado pela variante [ɔ], é mais reta, aparentando haver uma estabilidade. Por outro lado, a linha verde, que representa as incidências de [u], e a linha vermelha, que representa as incidências de [o], são mais acentuadas.

Carta Fonética 14 Variação Diageracional-Diazonal de /o/





Comparamos também os resultados na Dimensão Diageracional-Diazonal nas duas décadas. A fim de melhor organizarmos e visualizarmos os números relativos dispostos no Gráfico 24, fizemos a seguinte codificação:

F1R13 para Faixa Etária 1 de 18 a 35 anos e ano 2013;

F2R13 para Faixa Etária 2 de 50 anos em diante e ano 2013;

F1U13 para Faixa Etária 1 de 18 a 35 anos e ano 2013;

F2U13 para Faixa Etária 2 de 50 anos em diante e ano 2013;

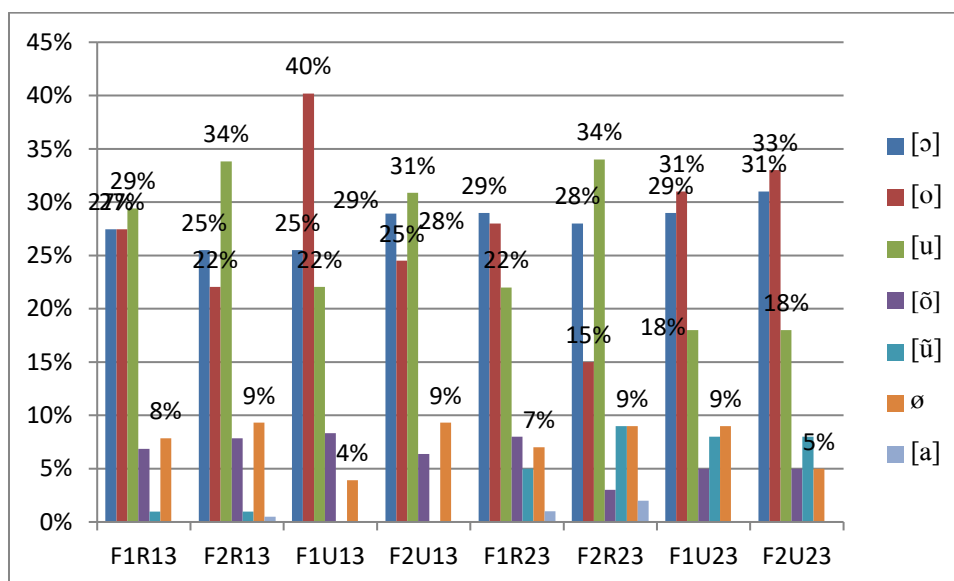
F1R23 para Faixa Etária 1 de 18 a 35 anos e ano 2023;

F2R23 para Faixa Etária 2 de 50 anos em diante e ano 2023;

F1U23 para Faixa Etária 1 de 18 a 35 anos e ano 2023;

F2U23 para Faixa Etária 2 de 50 anos em diante e ano 2023.

**Gráfico 24** Variação Diacrônica de /o/ no eixo Diageracional-Diazonal



Podemos constatar pela leitura do Gráfico 24 que as incidências percentuais do abaixamento pretônico são:

27%, em F1R13;

25%, em F2R13;

25%, em F1U13;

29%, em F2U13;

29%, em F1R23;

28%, em F2R23;

29% em F1U23;

31% em F2U23.

O abaixamento pretônico, na década de 2013, é mais expressivo na Zona Urbana entre os falantes da segunda Faixa Etária (de 50 anos em diante). Na Atualidade, também os falantes da segunda Faixa Etária realizam mais tal fenômeno. Em relação à incidência de tal fenômeno na pesquisa anterior, na atual houve um aumento das ocorrências de [ɔ].

Em se tratando dos dados relativos às ocorrências da manutenção pretônica, têm-se:

27% em F1R13;

22% em F2R13;

40% em F1U13;

25% em F2U13;

28% em F1R23;

15% em F2R23;

31% em F1U23;

33% em F2U23.

Na década de 2013, os informantes mais novos usam mais a variante pretônica [o], e sua incidência é mais expressiva no meio urbano. Na pesquisa atual, somente no meio rural, os mais jovens realizam mais a manutenção pretônica, enquanto no meio urbano, são os mais velhos que fazem seu uso mais expressivo. Podemos visualizar uma alternância na incidência percentual nesses 8 parâmetros, pois:

De F1R13 para F1R23 houve um aumento de 1% ao ir de 27% para 28%.

De F2R13 para F2R23 houve um queda de 7% ao ir de 22% para 15%.

De F1U13 para F1U23 houve um queda de 9% ao ir de 40% para 31%.

De F2U13 para F2U23 houve um aumento de 8% ao ir de 25% para 33%.

E quanto ao alteamento pretônico? O uso da variante [u] está associado ao meio rural, onde as pessoas, em teoria, possuem baixa escolaridade e é mais falada por pessoas mais velhas. De fato, isso é verificado na pesquisa de Azevedo (2013). O que mudou em termos de incidência do alteamento da década de 2013 para a atualidade? A incidência percentual de [u], conforme visualização no Gráfico 24 em cada um dos 8 parâmetros é a seguinte:

29% em F1R13;

34% em F2R13;

22% em F1U13;

31% em F2U13;

22% em F1R23;

34% em F2R23;

18% em F1U23;

18% em F2U23.

Podemos constatar que a geração mais velha rural continua a liderar o alteamento pretônico, inclusive, tal fenômeno manteve a mesma incidência percentual de 34% nas duas pesquisas. Por outro lado, nos demais parâmetros, a incidência de [u] diminuiu. Assim, têm-se a diferença percentual na ocorrência do alteamento:

De F1R13 para F1R23 houve um queda de 7% ao ir de 29% para 22%.

De F2R13 para F2R23 manteve a mesma incidência de 34% em cada parâmetro.

De F1U13 para F1U23 houve um queda de 4% ao ir de 22% para 18%.

De F2U13 ára F2U23 houe um aumento de 13% ao ir de 31% para 18%.

A diferença percentual maior é na segunda geração no meio urbano, pois deixaram de fazer o alteamento pretônico para realizar a manunteção e o abaixamento.

Conclusão, atualmente:

As pessoas do meio rural continuam a realizar mais o alteamento pretônico, principalmente, a geração mais velha;

No meio urbano, as pessoas realizam mais a manunteção pretônica, e, principalmente, é feita pela geração mais velha.

Tanto no meio urbano quanto no meio rural, as pessoas passaram a realizar mais o abaixamento pretônico. A linha azul, na qual estão inseridos os números percentuais para as ocorrências de [ç], é a que mostra mais estabilidade, pois tanto pessoas mais novas quanto mais velhas falam da mesma forma com uma leve incidência maior para a geração mais velha da cidade.

#### 4.4.7 Variação Pluridimensional de /o/ no Contexto Diatópico

Os dados gerais da Carta Fonética 9 são retomados na Carta Fonética 15 em 3 dimensões: Dimensão Diatópica, Diassexual e Diageracional. Estes são os valores absolutos e relativos já descritos anteriormente nos dados gerais da Variação Diatópica de /o/:

- a) A variante [ɔ] incidiu com 417 e 28%, sendo a que apresentou maiores ocorrências absolutas e relativas;
- b) A variante [u] incidiu com 380 e 26% e foi a segunda mais expressiva;
- c) A variante [o] incidiu com 360 e 25% e foi a terceira mais expressiva;
- d) A variante [õ] ocorreu com 96 e 7%;
- e) A variante [ũ] ocorreu com 87 e 6%;
- f) A variante [a] ocorreu com 8 e 1%;
- g) O morfema zero ocorreu com 116 e 8%.

Tais valores foram distribuídos nas dimensões Diatópica, Diassexual e Diageracional. Portanto, a Carta Fonética 15 é um único mapa com a sobreposição de outros mapas.

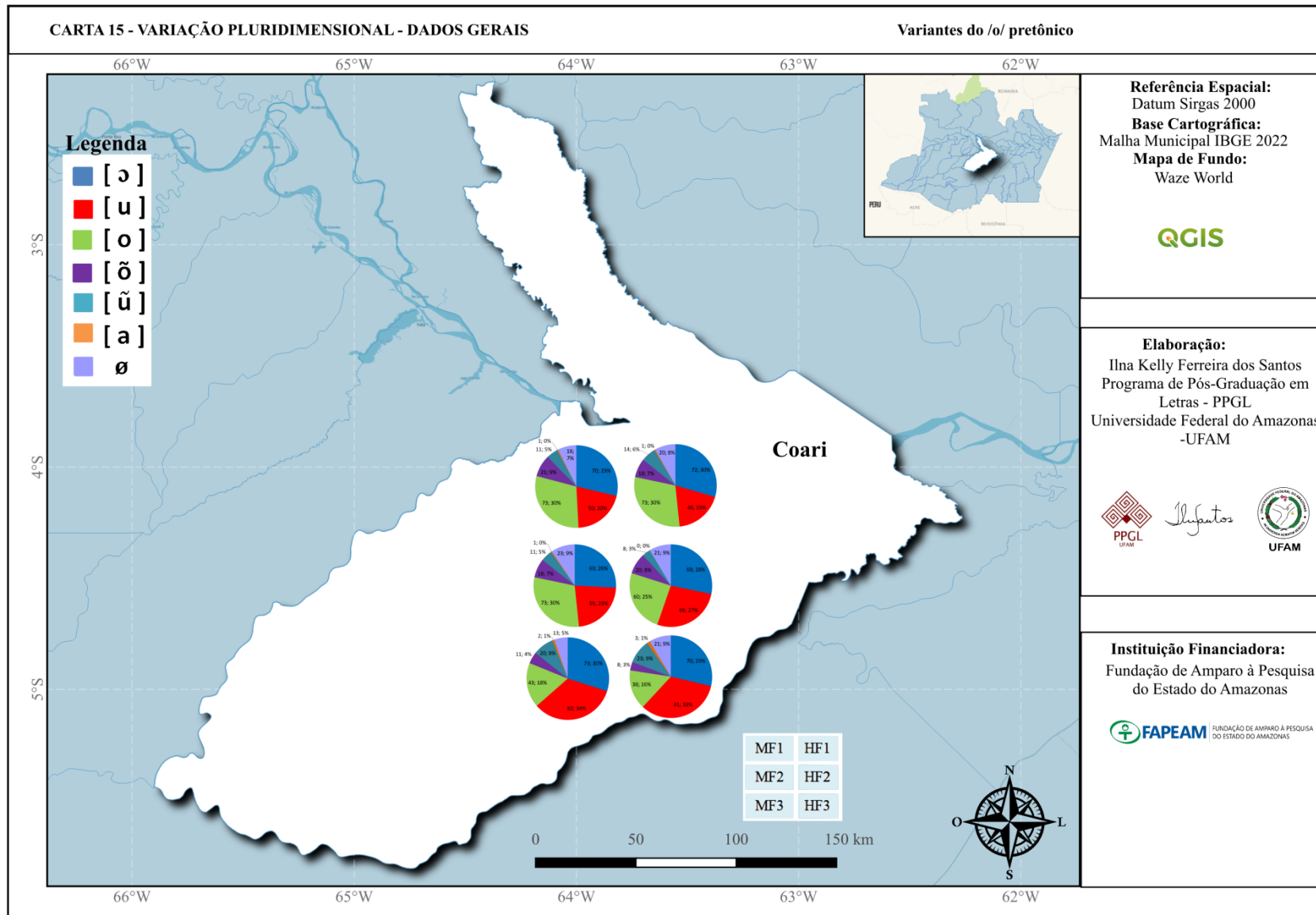
Conforme visualização dos gráficos constantes na Carta Fonética 15, podemos constatar as incidências mais expressivas de [ɛ], [e] e [i], que se destacam nos Gráficos em forma de pizza, onde cada cor representa uma variante, sendo o azul para representar o abaixamento pretônico, o vermelho para a manutenção pretônica e o verde para o alteamento pretônico.

É possível observar que o alteamento pretônico aumenta à medida que a idade avança entre as mulheres e entre os homens, ou seja, são os falantes da Faixa Etária 3 (de 56 anos em diante) que alteiam mais o /o/, enquanto os da Faixa etária 1 (de 18 a 35 anos) alteiam menos.

O abaixamento pretônico é menos expressivo na Faixa 2 (de 36 a 55 anos) e mais expressivo na Faixa 1 (de 18 a 35 anos) e 3 (de 56 anos em diante) tanto na fala feminina quanto na fala masculina.

Por último, a manutenção pretônica é mais incidente entre os falantes da primeira e segunda geração (de 18 a 35 anos) na fala feminina e na masculina, enquanto os falantes da terceira geração, incluindo a fala de homens e mulheres, realizam menos a manutenção pretônica.

Carta Fonética 15 Variação Pluridimensional de /o/ no Contexto Diatópico



#### 4.4.8 Variação Pluridimensional de /o/ no Contexto Diazonal

Na Carta Fonética 16, ampliamos mais as dimensões desta pesquisa dialetológica, incluindo a Dimensão Diazonal. As 1.464 ocorrências de /o/ foram distribuídas nos 12 parâmetros conforme a Carta Pluridimensional em análise, resultando em 122 possibilidades de incidência das variantes pretônicas.

Continuam sendo as mais expressivas a variante [ɔ], que caracteriza o abaixamento pretônico; [o], que caracteriza a manutenção pretônica; e o [u], que caracteriza o alteamento pretônico. No que diz respeito a cada fenômeno, têm-se:

O alteamento de /o/ para [u] aumenta progressivamente nos dados da Zona Urbana e da Zona Rural tanto na fala masculina quanto na fala feminina das 3 gerações, reiterando que os mais novos alteiam menos e os mais velhos alteiam mais.

O abaixamento pretônico de /o/ para [ɔ] incide da seguinte forma:

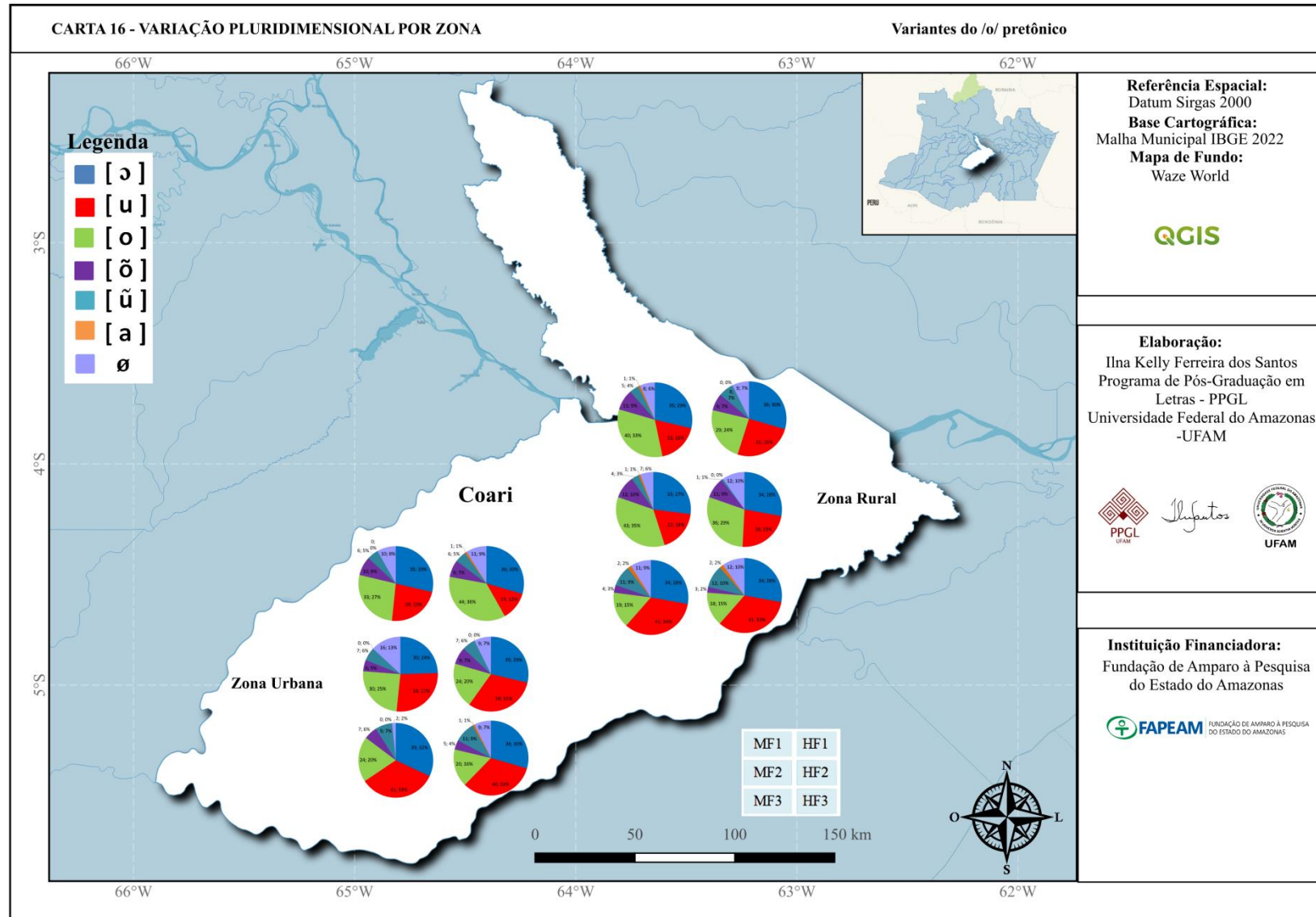
Na fala feminina rural, os percentuais são 29%, Faixa 1, 27%, Faixa 2, e 28%, Faixa3; enquanto na fala feminina urbana são 29%, Faixa 1, 24%, Faixa 2, e 32%, Faixa 3. Portanto, a oscilação maior é na Zona Urbana, sendo que a terceira geração feminina é a que mais realiza o abaixamento pretônico.

Na fala masculina rural, os percentuais são 30%, Faixa 1, 28% tanto para Faixa 2 quanto para a 3; já, na fala masculina urbana, são 30%, Faixa 1, 29%, Faixa 2, e 30%, Faixa 3. Portanto, o abaixamento pretônico parece mais estável quanto ao parâmetro homem rural ou urbano em 3 gerações.

Por último, a manutenção de /o/ para [o] apresenta dados em números percentuais regressivos na Zona Urbana tanto na fala feminina quanto na masculina, ou seja, quanto mais novo é o falante, maior é a propensão para falar o [o]; diferentemente ocorre, ao contrário, quando o falante for mais velho, menor é a propensão para falar [o]. Na Zona Rural, é registrado na fala feminina o percentual de 33%, Faixa 1, 35%, Faixa 2, e 15%, Faixa 3; enquanto para o homem rural os registros são de 24%, Faixa 1, 29%, Faixa 2, e 15%, Faixa 3. Portanto, na Zona Rural, é a segunda geração (de 36 a 55 anos) que realizam a manutenção de forma mais expressiva, e a terceira geração (de 56 anos em diante) continua a realizar menos tal fenômeno.

O alteamento pretônico é o que parece ser mais simétrico em termos de realização. O abaixamento é o mais estável, e a manutenção é mais simétrica em relação aos dados estatísticos da Zona Urbana.

Carta Fonética 16 Variação Pluridimensional de /o/ no Contexto Diatópico-Diazonal



#### 4.5 Norma de uso das variantes de /o/

Na Tabela 4, são disponibilizados os valores absolutos e relativos para até 3 variantes de /o/. Em cada palavra podem ocorrer 24 possibilidades, correspondendo a 100%.

**Tabela 4 Norma de uso das variantes de /o/ por palavra**

Nº	Variável	Variante 1	Frequências	Variante 2	Frequências	Variante	Frequências	Norma (s)
01	<i>Tomate</i>	[õ]	17 71%	[ũ]	5 21%	[o] e [u]	1 4%	[õ]
02	<i>Colheita</i>	[o]	16 67%	[u]	4 17%	ø	4 17%	[o]
03	<i>Notícia</i>	[u]	14 58%	[o]	10 42%			[u] e [o]
04	<i>Obrigado</i>	[o]	13 54%	[ɔ]	7 29%	ø	3 13%	[o]
05	<i>Afogar</i>	[ɔ]	24 100%					[ɔ]
06	<i>Motor</i>	[o]	23 96%	[u]	1 4%			[o]
07	<i>Conversando</i>	[ũ]	16 67%	[õ]	8 33%			[ũ]
08	<i>Conheço</i>	[õ]	14 58%	[ũ]	7 29%	ø	3 13%	[õ]
09	<i>Comer</i>	[õ]	13 54%	[ũ]	10 42%	ø	1 4%	[õ]
10	<i>Mosquito</i>	[u]	14 58%	[o]	6 25%	ø	4 17%	[u]
11	<i>Desovar</i>	[ɔ]	23 96%	[o]	1 4%			[ɔ]
12	<i>Trovão</i>	[o]	13 54%	[u]	1 46%			[o]
13	<i>Professora</i>	[o]	23 96%	[u]	1 4%			[o]
14	<i>Inocente</i>	ø	10 42%	[ɔ]	7 29%	[o]	4 17%	
15	<i>Polvilho</i>	ø	20 83%	[o]	3 13%	[ɔ]	1 4%	
16	<i>Chorão</i>	[ɔ]	23 96%	ø	1 4%			[ɔ]
17	<i>Morreu</i>	[o]	24 100%					[o]
18	<i>Temporal</i>	[ɔ]	20 83%	ø	3 13%	[o]	1 4%	[ɔ]
19	<i>Soalho</i>	[u]	21 88%	[o]	2 8%	ø	1 4%	[u]
20	<i>Coador</i>	[u]	22 92%	ø	2 8%			[u]
21	<i>Poente</i>	ø	11 46%	[ɔ]	9 38%	[u]	3 13%	
22	<i>Goiaba</i>	[ɔ]	24 100%					[ɔ]
23	<i>Proibido</i>	ø	15 63%	[o]	7 29%	[ɔ]	2 8%	
24	<i>Oitenta</i>	[o]	24 100%					[o]
25	<i>Magoada</i>	[u]	17 71%	ø	7 29%			[u]
26	<i>Orelha</i>	[o]	22 92%	[u]	2 8%			[o]
27	<i>Coração</i>	[ɔ]	24 100%					[ɔ]
28	<i>Joelho</i>	[u]	22 92%	[o]	2 8%			[u]



29	<i>Comadre</i>	[ũ]	20	83%	[õ]	3	13%	ø	1	4%	[ũ]
30	<i>Bonito</i>	[ũ]	15	63%	[õ]	8	33%	[u]	1	4%	[ũ]
31	<i>Assobio</i>	[u]	23	96%	[o]	1	4%				[u]
32	<i>Soldado</i>	[ɔ]	17	71%	[a]	4	17%	ø	2	8%	[ɔ]
33	<i>Boné</i>	[õ]	23	96%	ø	1	4%				[õ]
34	<i>Coelho</i>	[u]	14	58%	[o]	10	42%				[u]
35	<i>Colher</i>	[u]	16	67%	[o]	8	33%				[u]
36	<i>Coroa</i>	[o]	24	100%							[o]
37	<i>Colar</i>	[ɔ]	24	100%							[ɔ]
38	<i>Coruja</i>	[u]	14	58%	[o]	10	42%				[u]
39	<i>Costela</i>	[u]	19	79%	[o]	5	21%				[u]
40	<i>Gasolina</i>	[u]	22	92%	[o]	2	8%				[u]
41	<i>Jornal</i>	[ɔ]	24	100%							[ɔ]
42	<i>Pipoqueira</i>	[o]	14	58%	ø	8	33%	[ɔ]	2	8%	[o]
43	<i>Morcego</i>	[u]	20	83%	[o]	4	17%				[u]
44	<i>Sorvete</i>	[o]	24	100%							[o]
45	<i>Microfone</i>	[ɔ]	23	96%	ø	1	4%				[ɔ]
46	<i>Sofá</i>	[ɔ]	19	79%	[o]	5	21%				[ɔ]
47	<i>Fogão</i>	[u]	16	67%	[o]	8	33%				[u]
48	<i>Costura</i>	[u]	20	83%	[o]	4	17%				[u]
49	<i>Chocalho</i>	ø	18	75%	[u]	5	21%	[o]	1	4%	
50	<i>Cachoeira</i>	[u]	20	83%	[o]	4	17%				[u]
51	<i>Borboleta</i>	[o]	13	54%	[ɔ]	8	3%	[2]	3	13%	[o]
52	<i>Borboleta</i>	[u]	14	58%	[o]	10	42%				[u]
53	<i>Hospital</i>	[ɔ]	18	75%	[o]	5	21%	ø	1	4%	[ɔ]
54	<i>Chocolate</i>	[ɔ]	23	96%	[o]	1	4%				[ɔ]
55	<i>Chocolate</i>	[ɔ]	23	96%	[o]	1	4%				[ɔ]
56	<i>Comendo</i>	[ũ]	15	62,5%	[õ]	9	35,5%				[ũ]
57	<i>Correndo</i>	[ɔ]	24	100%							[ɔ]
58	<i>Dormindo</i>	[u]	17	71%	[o]	7	29%				[u]
59	<i>Jogando</i>	[ɔ]	24	100%							[ɔ]
60	<i>Tocando</i>	[ɔ]	24	100%							[ɔ]
61	<i>Tossindo</i>	[u]	22	92%	[o]	2	8				[u]

Conforme dados estatístico da Tabela 4, são 61 palavras, sendo que duas se repetem (borboleta e chocolate) por apresentarem vogais pretônicas contíguas e não contíguas à tônica. Desse total, 4 palavras não apresentaram norma de uso, porque o falante local não as reconheceu, por não fazerem tais vocábulos parte de seu repertório linguístico local ou porque a pergunta não foi o suficiente para que ele reconhecesse o referente, que estava se remetendo no momento da pergunta. Palavras como *inocente*, *polvilho*, *poente*, *proibido* e *chocalho* foram pouco mencionadas pelos informantes.

Temos as seguintes normas de uso pela quantidade de palavras:

1. O [õ] em 4 palavras;
2. O [o] em 12 palavras;
3. O [u] em 18 palavras;
4. O [ɔ] em 17 palavras;
5. O [u] e [o] em uma palavra;
6. O [ũ] em 3 palavras;
7. O [õ] em 4 palavras.

Das 61 palavras, conforme visualização dos dados na Tabela 4, 12 possuem normas de uso plenas. São elas:

1. *Afogar* cuja variante é [ɔ];
2. *Morreu* cuja variante é [o];
3. *Goiaba* cuja variante é [ɔ];
4. *Oitenta* cuja variante é [o];
5. *Coração* cuja variante é [ɔ];
6. *Coroa* cuja variante é [o];
7. *Colar* cuja variante é [ɔ];
8. *Jornal* cuja variante é [ɔ];
9. *Sorvete* cuja variante é [o];
10. *Correndo* cuja variante é [ɔ];
11. *Jogando* cuja variante é [ɔ];
12. *tocando* cuja variante é [o].

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, conseguiu-se atualizar o quadro das ocorrências absolutas e relativas de variantes pretônicas de /e/ e /o/ no município de Coari, levando em consideração as duas zonas pesquisadas (Zona Urbana e Zona Rural) e demais dimensões da pesquisa dialetológica adotadas. Como constatado anteriormente, foram registradas 1.728 ocorrências para as variantes da variável média pretônica anterior /e/ e 1.464 ocorrências para as variantes da vogal média pretônica posterior /o/, cujas análises descritivas e comparativas foram feitas nas dimensões: diatópica, diatópica-diazonal, diatópica-diassexual, diassexual-diazonal, diatópica-diageracional, diageracional-diazonal, pluridimensional-diatópica e pluridimensional-diazonal. Além disso, os dados foram comparados entre a pesquisa de Azevedo, realizada na década de 2013, e atual, caracterizando uma análise também na dimensão diacrônica ou um estudo de variação em tempo real, embora a limitação temporal seja de 12 anos ao se considerar a data da coleta de dados, e não da defesa e da aprovação da Tese de Azevedo (2013).

Alguns tópicos precisam ser retomados.

### a) A Hipótese da pesquisa

A hipótese elencada na parte introdutória desta dissertação era de que as variantes [e, o] seriam as mais predominantes. Passamos a retomar os resultados para constatar se essa hipótese se confirma.

- Na Dimensão Diatópica, as variantes pretônicas [e, o] não foram as mais incidentes, pois ocorreram com números percentuais, respectivamente, de 30% e 25% abaixo das variantes mais expressivas [ɛ] e [ɔ], que incidiram com percentuais de ocorrência em 32% e 28%. Na verdade, a incidência de [e, o] diminuiu da década de 2013 para 2023.

- Na Dimensão Diazonal, as variantes pretônicas [e, o] não foram as mais expressivas, uma vez que ocorreram com incidências percentuais de, respectivamente, 29% na Zona Rural e 30% na Zona Urbana para a vogal anterior, e para a vogal posterior de 25% na Zona Urbana e 24% na Zona Rural. Tais valores estão abaixo das ocorrências de [ɛ] e [ɔ], cujos registros respectivos são 32% em cada zona para a vogal anterior, e 28% na Zona Rural e 29% na Zona Urbana para a vogal posterior.

- Na Dimensão Diassexual, as variantes pretônicas [e] e [o] não foram predominantes, pois suas incidências foram 31% na fala feminina e 29% na masculina em se tratando dos dados numéricos da vogal anterior, e 26% na fala feminina e 23% na fala masculina em se tratando dos dados numéricos da vogal posterior. Segundo essa Dimensão, as variantes [ɛ] e [ɔ] obtiveram os registros mais expressivos, sendo 33% na fala masculina e 31% na fala feminina

em relação aos dados da vogal anterior; enquanto nos dados para a vogal posterior são 29% na fala masculina e 28% na fala feminina.

- Na Dimensão Diassexual-Diazonal, o [e] só é mais expressivo no parâmetro mulher urbana, cujo índice percentual é 31% igual à incidência de [ɛ] nesse mesmo parâmetro, pois nos demais é menos expressivo, apresentando percentuais de ocorrência em 29% na fala masculina rural e 30% na fala feminina rural e masculina urbana. O abaixamento pretônico também se destacou, apresentando os índices mais expressivos, sendo 33% na fala feminina rural, 32% na fala masculina rural e 33% na fala masculina urbana. Em se tratando dos dados em número relativos da variante posterior [o], esta obteve 28% na fala feminina rural, 24% na fala feminina urbana, 23% na fala masculina rural e 24% na fala masculina urbana. Já a vogal anterior [ɔ] é a mais expressiva ao apresentar percentual de ocorrência em 28% em todos os parâmetros nessa Dimensão, exceto no parâmetro homem urbano, cujo índice é de 29%. Portanto, o [o] só é mais expressivo no parâmetro mulher urbana, apresentando o mesmo índice percentual da incidência de [ɔ].

- Na Dimensão Diageracional, em se tratando da ocorrência de [e], a hipótese se confirma na Faixa Etária 1 (de 18 a 35 anos) e na Faixa Etária 2 (de 36 a 55 anos), pois os índices percentuais, respectivamente, de 34% e 32% são superiores aos da incidência da vogal [ɛ]. Ainda nessa Dimensão, desta vez para os dados relativos à incidência de [o], que é predominante somente na Faixa Etária 1 (de 18 a 35 anos), apresentando percentual de ocorrência em 30%. As variantes mais expressivas são [u], cujo índice percentual é de 33% na Faixa Etária 1, e [ɔ], cujo índice percentual é de 29% tanto na Faixa Etária 1 quanto na Faixa Etária 2 (de 36 a 55 anos).

- Na Dimensão Diageracional-Diazonal, a hipótese de que a incidência de [e] seria predominante se confirmou na Faixa Etária 2 da Zona Rural, cujo percentual de ocorrência é 38% , e na Faixa 1 da Zona Urbana, apresentando o mesmo percentual de ocorrência. Na Faixa Etária 3, o [e] obteve 30%, o mesmo percentual de ocorrência da variante [ɛ], que é mais expressivo com 33% na Faixa1 da Zona Rural e na Faixa 2 da Zona Urbana e com 31% na Faixa Etária 3 da Zona Rural. Quanto à predominância da variante posterior [o], só acontece na Faixa Etária 2 da Zona Rural e na Faixa Etária 1 da Zona Urbana, apresentando o mesmo percentual de ocorrência de 32% cada. Nos parâmetros Faixa Etária 3 da Zona Rural e da Zona Urbana e Faixa Etária 2 da Zona Urbana, a variante [u] é a mais expressiva, apresentando percentual de incidência de, respectivamente, 34%, 33% e 29%. Já a variante [ɔ] é mais

expressiva na Faixa Etária 2 da Zona Urbana, cujo índice percentual é de 31% e na Faixa Etária 1 da Zona Rural e da Zona Urba, cujo índice percentual é o mesmo de 29%.

Por que se esperava que as variantes [e] e [o] fossem as mais expressivas nesta pesquisa? Porque na mesma pesquisa de Azevedo (2013), tais variantes foram predominantes no Baixo Amazonas, localizado no Estado do Pará na fronteira com o Estado do Amazonas, o que poderia gradativamente aumentar suas incidências na Região do Médio Solimões, principalmente, nos dois pontos de inquérito, que fazem parte desta pesquisa, considerando, que ocorreria um nivelamento dialetal pretônico, resultante do avanço escolar e da inovação tecnológica nas duas localidades investigadas, o que não acabou ocorrendo, pois o abaixamento pretônico de /e/ e /o/ para, respectivamente, [ɛ] e [ɔ] é muito forte ainda na Região do Médio Solimões, confirmando a hipótese de Antenor Nascentes, que a Região Norte do Brasil é caracterizada pela presença de vogais abertas. Além disso, o alteamento pretônico também é muito presente na fala coariaense, de modo sua ocorrência é plena em vários vocábulos.

Considerando os dados gerais, houve mudança na posição das variantes de /e/ e /o/ em relação às variantes mais expressivas da década de 2013 para a atualidade?

Em se tratando dos dados das variantes mais expressivas para a vogal anterior /e/, a sequência tripartite [ɛ], [e] e [i] continua a mesma, havendo apenas alteração na incidência, por exemplo, o índice percentual de [ɛ] diminuiu de 38%, da pesquisa anterior, para 32%, na pesquisa atual, mas mesmo com essa diminuição, o abaixamento continua sendo o fenômeno mais expressivo; por sua vez, o de [e] aumentou de 27%, da pesquisa anterior, para 30%, na pesquisa atual; por último, o [i] diminuiu de 25%, da pesquisa anterior, para 22%, na pesquisa atual.

Houve mudança na posição das variantes mais expressivas de /o/, pois a sequência tripartite na pesquisa de Azevedo é de 29% para [u], a mais expressiva, 28,6% para [o], a segunda mais expressiva, e 27% para [ɔ], a terceira mais expressiva. Já na pesquisa atual, a variante [ɔ] é a mais expressiva, cujo índice percentual é 28%, saindo da terceira posição da pesquisa anterior para a primeira na atual. A segunda mais expressiva é a variante [u], cujo índice percentual é de 26%, e a terceira mais expressiva é a variante [o], cujo índice percentual é de 25%. Portanto, mudou a sequência tripartite de [u], [o] e [ɔ] para [ɔ], [u] e [o], invertendo totalmente a ordem.

## **b) Os objetivos da pesquisa**

Os objetivos propostos que nortearam a realização desta pesquisa foram:

Para o geral

Analisar, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala coariense.

Para os específicos

Elaborar cartas fonéticas para a visualização e análise das variantes pretônicas de /e, o/ no espaço cartográfico;

Estabelecer a norma de uso da localidade baseado na alta frequência e distribuição regular;

Fazer um estudo, levando em consideração a mudança em tempo real, ao se comparar os dados de Azevedo (2013), que realizou a coleta de dados da pesquisa dele em 2011, com os resultados desta pesquisa;

Verificar quais as dimensões ou os fatores extralinguísticos, tais como diazonal (Zona Urbanaversus Zona Rural), diageracional (população jovem versus população de idade intermediária versus população de idade mais avançada), diassexual (homem versus mulher) e diacrônica (ano de 2011 versus 2022 ou 2023), estão exercendo influência na ocorrência das variantes fonéticas de /e, o/.

Todos esses objetivos foram alcançados à medida que fomos concluindo a pesquisa, pois a análise levou em conta o eixo pluridimensional e suas dimensões, a elaboração das 16 cartas fonéticas, o estabelecimento da norma de uso e a comparação dos resultados desta pesquisa com as de Azevedo (2013).

### **c) A norma de uso**

A Norma de Uso baseada na Alta Frequência e Distribuição Regular são as 3 ocorrências tripartites de /e/ e de /o/, respectivamente [ɛ], [e] e [i] para as variantes da vogal anterior, e [ɔ], [u] e [o] para vogal posterior, que se destacam em cada uma das palavras com o respectivo contexto pretônico. Retomo aqui os dados já elencados anteriormente no que diz respeito à Norma de Uso das variantes de /e/:

1. O [e] é norma de uso em 18 palavras.
2. O [e] e o [i] em 1 palavra.
3. O [e] e o [ɛ] em 1 palavra.
4. O [e], [i] e o [ĩ] em 1 palavra

5. O [ẽ] e o [ĩ] e 1 palavra.
6. O [ẽ] em 4 palavras.
7. O [i] em 17 palavras.
8. O [ĩ] em 3 palavras.
9. O [ɛ] em 23 palavras.

Das 72 palavras nas quais foram observados os fenômenos, 3 não apresentaram norma de uso, ou seja, o falante pouco conhece ou desconhece a palavra por não fazer parte do ambiente sociocultural. São elas: *leiloeiro*, *medicina* e *regador*.

Vale lembrar ainda que 24 palavras possuem norma de uso plena, ou seja, apresentaram ocorrência percentual categórica, sendo, portanto, sua incidência de 100%, são elas:

1. *Depois* cuja variante é [e];
2. *Enchete* cuja variante é [ĩ];
3. *Esquecer* cuja variante é [i];
4. *Pescoço* cuja variante é [e];
5. *Melancia* cuja variante é [ɛ];
6. *Perfume* cuja variante é [ɛ];
7. *Queimar* cuja variante é [e];
8. *Real* cuja variante é [ɛ];
9. *Reais* cuja variante é [ɛ];
10. *Professora* cuja variante é [e];
11. *Conversando* cuja variante é [ɛ];
12. *Remédio* cuja variante é [ẽ];
13. *Cenoura* cuja variante é [ẽ];
14. *Cerveja* cuja variante é [e];
15. *Sereia* cuja variante é [e];
16. *Melão* cuja variante é [ɛ];
17. *Revólver* cuja variante é [ɛ];
18. *Petrobrás* cuja variante é [ɛ];
19. *Geladeira* cuja variante é [ɛ];
20. *Telefone* cuja variante é [ɛ];
21. *Telefone* cuja variante é [ɛ];

22. *Bebendo* cuja variante é [ε];

23. *Escrevendo* cuja variante é [ε];

24. *Pescando* cuja variante é [ε].

Dados relativos à Norma de Uso das variantes de /o/:

1. O [õ] em 4 palavras;
2. O [o] em 12 palavras;
3. O [u] em 18 palavras;
4. O [ɔ] em 17 palavras;
5. O [u] e [o] em uma palavra;
6. O [ũ] em 3 palavras;
7. O [õ] em 4 palavras.

Das 61 palavras, 12 possuem normas de uso plenas. São elas:

1. *Afogar* cuja variante é [ɔ];
2. *Morreu* cuja variante é [o];
3. *Goiaba* cuja variante é [ɔ];
4. *Oitenta* cuja variante é [o];
5. *Coração* cuja variante é [ɔ];
6. *Coroa* cuja variante é [o];
7. *Colar* cuja variante é [ɔ];
8. *Jornal* cuja variante é [ɔ];
9. *Sorvete* cuja variante é [o];
10. *Correndo* cuja variante é [ɔ];
11. *Jogando* cuja variante é [ɔ];
12. *tocando* cuja variante é [o].

#### **d) As limitações da pesquisa**

Houve dificuldade em encontrar informantes extratificados por escolaridade, o que ajudaria na análise dos resultados da pesquisa, pois é muito difícil encontrar informantes com baixa escolaridade na Faixa Etária de 18 a 35 anos e é também difícil encontrar informantes com alta escolaridade na Faixa Etária de 56 anos em diante. Por conta dessa dificuldade, foi excluído o parâmetro escolaridade, o que poderia explicar alguns desvios nos padrões



sociolinguísticos. Mas mesmo assim, as mulheres apresentam ainda o comportamento tradicional em optar pelo uso de variantes [e] e [o], enquanto os homens pelas variantes consideradas não padrão, em uma concepção normativa de língua.

Apesar de ter gravado em torno de 30 minutos a fala espontânea dos informantes, decidiu-se por não transcrever os dados para que fosse possível abrir mais uma dimensão investigativa. Certamente, a utilização de uma outra forma de coleta de dados poderia apresentar um comportamento pretônico diferente dos resultados aos quais se chegou nesta pesquisa na qual foi utilizado o Questionário Fonético-Fonológico.

Assim, a pesquisa chega ao final sem poder comprovar a hipótese de que o fenômeno pretônico da manutenção seria mais expressivo e predominante que os demais fenômenos. Talvez o prazo de uma década ainda seja insuficiente para se observar o aumento da incidência de vogais pretônicas [e] e [o]. Com isso, seria necessário novos estudos daqui a 10 anos para analisar o comportamento pretônico na região do Médio Solimões.

## **REFERÊNCIAS**

AZEVEDO. Orlando da Silva. Estudo do português falado por moradores de áreas periféricas da cidade de Manaus. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, CNPQ. Universidade Federal do Amazonas, 2001.

AZEVEDO, Orlando da Silva Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). Tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

AZEVEDO, Orlando da Silva, MARGOTTI, Felício Wessling. Estudo linguístico-etnográfico sobre a Mandioca no Baixo Amazonas. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/2, p. 13-43, dez. 2012.

BARBOSA, M. A. Da microestrutura dos vocabulários teóricos-científicos. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife: ANPOLL, 1989

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. 3ª. ed. Manaus: Valer editora, 2009.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 42ª. ed. –Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CORRÊA, Hydelvidia Cavalcante de Oliveira. *O Falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

COSERIU, E. Sistema, norma y habla. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias / Universidad de la República*, Montevideo, n.9, p. 113-181, 1952.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro. Lexikon, 2010.

CUNHA E SILVA, Rita de Cássia Botinelly. *Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas da fala de Manaus*. Rio de Janeiro : PUC, 1980.

GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. *Organon*, Porto Alegre, vol. 14, n. 28 e 29, p. 17-32, 2000.

J. K. Chambers; Peter Trudgill. *Dialectology* (Cambridge Textbooks in Linguistics) (Locais do Kindle 107-108). Edição do Kindle.

Del Gaudio, Salvatore (2018-11-30). *An Introduction to Ukrainian Dialectology* (Wiener Slawistischer Almanach - Sonderbände Book 94) (Locais do Kindle 301). Peter Lang. Edição do Kindle.

DUBOIS et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FILHO, João Meirelhes. *O livro de ouro da Amazônia*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FREIRE, José Ribamar Bessa. As relações históricas entre o português e o nheengatu nos universos urbano e rural da Amazônica *in*: NOLL, Wolker, DIETRICH, Wolf (orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

IBGE. População do Estado do Amazonas. Disponível em

[https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm\\_source=portal&utm\\_medium=popclock&utm\\_campaign=novo\\_popclock](https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock). Acessado em 01.07.2022.

LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

SILVA, Lúcia Helena Ferreira. Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves. Manaus-UFAM, 2009. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia).

MATTOS, Geraldo. **Fundamentos Históricos da Língua Portuguesa**. Curitiba:IESDE Brasil S.A., 2012.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo Contexto, 2006.

MARGOTTI, Felício Wessling. Difusão Sócio-Geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil. Tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

NASCENTES, Antenor. O idioma nacional. 2. ed. V.1. Rio de Janeiro: Machado, 1953.

PINKER, Steven. O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

QUARA, Hariele Regina Guimarães. As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, 2012.

NOLL, Volker. O português brasileiro: formação e contrastes. Traduzido por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

ROMANO, V. P.. Macaxeira e mandioca na Região Norte do Brasil em uma perspectiva diatópica nos dados do Projeto ALiB. PORTO DAS LETRAS, v. 6, p. 78-102, 2020.

SILVA, Thais Cristofaro. Fonética e Fonologia do Português. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

TAVARES, Bruna Kellen Almeida. O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ no falar manauara. Manaus-UFAM. Dissertação (Mestrado em Letras). 2019.

THUN, H. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). 606 CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21, 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org.). Atti...Tübingen: Niemeyer, 1998b. p. 5.

VIARO, Mário Eduardo. Etimologia. São Paulo: Contexto, 2011.

#### **ANEXO I – Ficha da localidade**

Nome do lugar: .....

Número no mapa: .....

Microrregião: .....

Coordenadas Geográficas: .....

Área (Km2): .....

Distância em relação a Manaus: .....

Cidades Próximas: .....

Vias de Comunicação: .....

Data de Fundação: .....

Nomes Anteriores: .....

Número de Habitantes: .....

Gentílico: .....

Padroeiro(a): .....

Dia do Padroeiro(a): .....

Atividades Econômicas: .....

Atividades Esportivas: .....

Observações: .....

## **ANEXO II – Ficha do informante**

Código: .....

Nome: .....

Sexo: ..... Faixa Etária: ..... Idade: .....

Local de Nascimento: .....

Estado Civil: .....

Escolaridade: .....

Morou sempre no local? ( ) Sim ( ) Não Onde? .....

Quanto tempo? .....

Outros domicílios: .....

Profissão: .....

Outras Atividades: .....

Aparelho Fonador: ( ) Bom ( ) Com problemas Qual? .....

Características Psicológicas: ( ) Nervoso ( ) Tranquilo ( ) Espontâneo

Naturalidade da Mãe: .....

Naturalidade do Pai: .....

Naturalidade do Cônjuge: .....

Dispensado do serviço militar? ( ) Sim ( ) Não Onde serviu? .....

Viagens: ( ) No Amazonas ( ) Outros estados

Quê municípios do Amazonas conhece? .....

Quê outros estados conhece? .....

### **ANEXO III – Questionário Fonético-Fonológico (QFF)**

#### **QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO - (QFF) DO ALAM**

---

#### **PRETÔNICA ANTERIOR /E/**

##### **1. BEBIDA**

Aquilo que se come é chamado de comida, o que se bebe é chamado de quê?

**2. DEPOIS**

Primeiro uma criança senta, não é? E quando é que ela anda?

**3. EDUCAÇÃO**

Quando uma pessoa recebe um presente e não agradece, dizemos que ela não tem \_\_\_\_\_.

**4. ENCHENTE**

A época da cheia, das inundações recebe o nome de \_\_\_\_\_.

**5. MENTIRA**

O contrário de verdade é \_\_\_\_\_.

**6. PENEIRA**

Para se fazer a tapioca, por onde é que a gente tem que passar a goma? Pela \_\_\_\_\_.  
(Gestos)

**7. PEIXINHO**

Se o peixe for pequeno, dizemos que é um \_\_\_\_\_.

**8. ESTRAGADA**

Uma comida que não está boa, que está ruim, que a pessoa comeu e fez mal, é porque estava \_\_\_\_\_.

**9. ESQUECER**

Qual o contrário de lembrar?

**10. ESGOTO**

Qual o nome que se dá ao canal onde se joga o lixo, a água suja?

**11. ESPINHA**

Como se chama aquela coisa fina que todo peixe tem dentro dele e que é perigoso se engolirmos? Aquilo que se deve escolher com muito cuidado antes de comer o peixe?

**12. PESCOÇO**

Como se chama isto aqui? (apontar)

**13. DESMAIO**

Se eu me sinto mal e perco os sentidos eu \_\_\_\_\_.

**14. TESOURA**

Corto minhas unhas com uma \_\_\_\_\_.

**15. ELEFANTE**

Como se chama aquele animal enorme, pesado, que tem uma grande tromba?

**16. PRESENTE**

O que costumamos dar para uma pessoa quando faz aniversário?

**17. MELANCIA**

Como se chama aquela fruta bem grande, verde por fora e bem vermelha por dentro, tem muitas sementes e muita água?

**18. MELHOR**

O contrário de pior é \_\_\_\_\_.

**19. PERFUME**

Como se chama aquele líquido que principalmente a mulher gosta de passar no corpo para ficar cheirosa?

**20. PERDIDO**

Um avião que cai no meio do mato e não se consegue achar, é um avião que está \_\_\_\_\_

**21. FEITIÇO**

As bruxas costumam fazer o que para ajudar àqueles que as procuram?  
O mesmo que bruxaria, mandinga, feitiçaria é \_\_\_\_\_

**22. QUEIMAR**

Se deixarmos a comida muito tempo no fogo, ela pode \_\_\_\_\_

**23. LEILÃO**

Como se chama quando a gente vende, por exemplo, numa praça pública um monte de coisas a quem der mais dinheiro?

**24. LEILOEIRO**

E qual o nome que se dá a quem faz isso? A pessoa que organiza?

**25. REAL**

Quanto eu tenho na minha mão? (mostrar uma nota de R\$ 1,00)

**26. REAIS**

E agora? Quanto eu tenho? (mostrar uma nota de R\$ 5,00)

**27. DESOVAR**

Quando os peixes sobem para os rios para pôr os ovos, a gente diz que eles vão fazer o quê?

**28. PROFESSORA**

Uma mulher que dá aula é chamada de \_\_\_\_\_.

**29. CONVERSANDO**

Quando duas pessoas ficam durante um bom tempo distraídas numa conversa, dizemos que elas estão \_\_\_\_\_.

**30. DIRETORA**

Quem dirige uma escola é a \_\_\_\_\_.

**31. RESULTADO**

Quando se faz um teste a gente fica aguardando o quê? O mesmo que resposta. O \_\_\_\_\_.

**32. DEVAGAR**

Quem não anda depressa, anda \_\_\_\_\_.

**33. REMÉDIO**

Quando ficamos doentes, vamos ao médico para que ele nos dê o quê? Um \_\_\_\_\_.

**34. MEDICINA**

Para uma pessoa ser advogada, ela deve ter feito o curso superior de Direito. Como se chama o curso superior que um médico deve fazer, para poder atender a gente, saber passar remédios, etc?

**PRETÔNICA POSTERIOR /O/**

**35. TOMATE**

Qual o nome daquele fruto que é todo vermelho, com muitas sementes, que é bom para se comer com salada?

**36. COLHEITA**

Como se chama quando a gente colhe ou se junta a mandioca? Quando a gente faz a safra?

**37. NOTÍCIA**

Quando recebemos uma carta, a gente espera que a carta traga uma boa \_\_\_\_\_.

**38. OBRIGADO**

Quando se quer agradecer a alguém, se diz : \_\_\_\_\_.

**39. AFOGAR**

Quem não sabe nadar, deve ter cuidado ao cair no rio, pois pode se \_\_\_\_\_.

**40. MOTOR**

Como se chama aquela embarcação que traz as pessoas do interior para a cidade? Tipo o recreio.

**41. CONVERSANDO**

Quando duas pessoas ficam durante um bom tempo distraídas numa conversa, dizemos que elas estão \_\_\_\_\_.

**42. CONHEÇO**

Se tu conheces Fulana, eu também \_\_\_\_\_.

**43. COMER**



Quando temos muita fome, temos vontade de \_\_\_\_\_.

**44. MOSQUITO**

Como é que a gente pode pegar malária?

**45. DESOVAR**

Quando os peixes sobem para os rios para pôr os ovos, a gente diz que eles vão fazer o quê?

**46. TROVÃO**

Como se chama aquele barulho forte que se ouve quando chove? Às vezes, vem acompanhado de relâmpago. (fazer o barulho)

**47. PROFESSORA**

Uma mulher que dá aula é chamada de \_\_\_\_\_.

**48. INOCENTE**

Quem não é culpado é \_\_\_\_\_.

**49. POLVILHO**

Qual o nome que se dá àquele pó fino, que fica depois que se lava a tapioca?

**50. CHORÃO**

Um menino que chora muito, é um menino \_\_\_\_\_.

**51. MORREU**

Quem não está mais vivo é porque já \_\_\_\_\_.

**52. 68. TEMPORAL**

Uma chuva muito forte é chamada de \_\_\_\_\_.

**53. SOALHO**

O piso de madeira é um \_\_\_\_\_.

**54. COADOR**

Como se chama ao saco para coar o café?

**55. POENTE**

O lado onde o sol se põe, se esconde, é chamado de \_\_\_\_\_.

**56. GOIABA**

Como se chama aquela fruta pequena, que é verde por fora e rosada por dentro, cheia de umas sementinhas brancas, com que a gente pode até fazer doce, tipo o doce de marmelada?

**57. PROIBIDO**

O que não é permitido é \_\_\_\_\_.

**58. OITENTA**

Depois de 79 vem o número \_\_\_\_\_.

**59. MAGOADA**

Se quero dizer que magoei alguém, posso dizer que: Fulana ficou \_\_\_\_\_ comigo.

**60. ORELHA**

O nome disto é \_\_\_\_\_. (Apontar)

**61. CORAÇÃO**

Quando é que uma pessoa morre de verdade? Que órgão tem que parar para que a pessoa morra?

**62. JOELHO**

O nome disto é \_\_\_\_\_? (Apontar)

**63. COMADRE**

A mulher que batiza um filho seu é sua \_\_\_\_\_?

**64. BONITO**

O contrário de feio é \_\_\_\_\_

**65. ASSOPIO**

Como se chama isto? (Assoviar)

**66. SOLDADO**

O indivíduo que vai para a guerra defender o seu país, é um \_\_\_\_\_.

**QUESTIONÁRIO FONÉTICO FONOLÓGICO DA TESE DE AZEVEDO (2013)**

Qual é o nome deste objeto, que tem vários degraus por onde se sobe ou desce?

67. Escada

Qual é o nome deste utensílio usado na limpeza dos dentes?

68. Escova

Qual é o nome desta arma branca, tipo um terçado, usada em batalhas antigas?

69. Espada

O que tem fios parecidos com cabelos e grãos de milho em várias carreiras pelo sabugo?

70. Espiga

A gente passa o sabão nela para esfregar as louças e ela tem uma parte verde e outra amarela. O que é isto?

71. **Esponja**

Qual é o nome desta parte do corpo humano, para onde os alimentos vão antes de serem absorvidos pelo organismo?

72. **Estômago**

Isto lembra o astro luminoso, que aparece a olho nu somente à noite. O que é?

73. **Estrela**

Este objeto armazena energia e é usado nos barcos, carros, etc. O que é?

74. **Bateria**

Isto é uma raiz tuberosa. Ela é de cor rocha e é muita usada em salada. O que é?

75. **Beterraba**

Qual é o nome deste aparelho, que fornece água para se matar a sede?

76. **Bebedouro**

Ela serve como tempero para a comida e quando cortada faz muitas vezes os olhos lacrimejarem. O que é?

77. **Cebola**

O que está dentro do mamão, além da popa?

78. **Semente**

As pessoas quando morrem geralmente são enterradas onde?

79. **Cemitério**

Ela é usada em salada e os coelhos a comem. O que é?

80. **Cenoura**

As latinhas de Skol e de Brahma lembram o quê?

81. **Cerveja**

O piso da casa é formado por estas peças chamadas de...

82. Cerâmicas

Qual é o ser que tem o corpo metade peixe e metade mulher?

83. Sereia

É usado em salada. Ele tem a cor verde e a forma cilíndrica. Geralmente é cortada em rodela. O que é?

84. Pepino

Qual é o fruto que contém bastante água, a polpa branca e que pode ser da casca amarela ou da verde?

85. Melão

Qual é o nome dado à criança do sexo masculino (o mesmo que curumim, garoto)?

86. Menino

É um recipiente com bico, onde se encaixa uma espécie de ralo, por isso serve para molhar as plantas. O que é?

87. Regador

É um tipo de couve com folhas juntas e possui a forma mais ou menos redonda. O que é?

88. Repolho

A arma de fogo portátil e com um cano só é chamada de...

89. Revólver

É uma logomarca de uma empresa que explora o gás do Urucu. Qual é a empresa?

90. Petrobrás

O eletrodoméstico usado para conservar alimentos é a...

91. Geladeira

O Aparelho móvel de comunicação à distância é o...

92. Celular

Qual é a árvore de porte grande que produz leite?

93. Seringueira

Qual é o aparelho residencial ou de rua, que é muito usado na comunicação a distância?

94. Telefone

A gente costuma assistir à novela na...

95. **Televisão**

Qual é o nome daquilo que se coloca na cabeça para proteger o rosto do sol?

96. **Boné**

O nome do animal orelhudo e dentuço é o...

97. **Coelho**

O utensílio, que serve para levar o alimento à boca é a...

98. **Colher**

O ornato circular, que o rei usa sobre a cabeça é a...

99. **Coroa**

O ornato usado no pescoço é o...

100. **Colar**

A ave de olhos grandes e de hábito noturno é a...

101. **Coruja**

A parte torácica do corpo humano é formada por 24 ossos, e cada osso recebe o nome de...

102. **Costela**

Qual é o combustível dos carros e dos rabetas?

103. **Gasolina**

O que as pessoas costumam ler pela manhã para saberem as notícias do dia?

104. **Jornal**

Qual é o tipo de panela, onde o milho espoca devido ao calor?

105. **Pipoqueira**

O animal, que mama e que voa durante à noite é o...

106. **Morcego**

Possui forma de cone com uma parte gelada em cima e é de vários sabores. O que é?

107. **Sorvete**

Qual é o instrumento usado para falar em público?

108. **Microfone**

Qual é o tipo de móvel aconchegante, onde podem se sentar várias pessoas?

109. **Sofá**

Contem várias bocas e funciona a gás, sendo usado para fazer comida. O que é?

110. **Fogão**

A máquina usada para fazer roupas é a de...

111. **Costura**

É um brinquedo barulhento destinado a fazer a criança se entreter. O que é?

112. **Chocalho**

O nome da queda d'água é...

113. **Cachoeira**

O bicho pequeno que tem quatro asas coloridas e bonitas é a...

114. **Borboleta**

Lugar onde se cuida dos doentes é no...

115. **Hospital**

Da semente do cacau se faz o...

116. **Chocolate**

O que a moça está fazendo com o copo d'água?

117. **Bebendo**

O que o homem está fazendo com a banana?

118. **Comendo**

O que os homens estão fazendo com shorts térmicos e com camisetas de atleta?

119. **Correndo**

O que o bebê está fazendo em cima da cama?

120. **Dormindo**

O que o aluno está fazendo no quadro ao lado da professora?

121. **Escrevendo**

O que os homens estão fazendo no campo de futebol?

122. Jogando

O que o homem está fazendo no rio?

123. Pescando

O que os cantores estão fazendo com o violão?

124. Tocando

O que as duas pessoas estão fazendo com as mãos na boca?

125. Tossindo

**TOTAL DE PERGUNTAS 125 QUESTÕES**

#### **ANEXO IV – Conversa semidirigida**

Você poderia me contar algum fato importante de sua vida? Alguma coisa que tenha sido muito marcante para você?

Qual a festa que você mais gosta de comemorar na sua cidade? Como ela é realizada?

Você saberia me contar alguma lenda, alguma história daqui? Por exemplo, você conhece a do guaraná, do boto, do saci pererê?

#### **ANEXO V – Termo de Consentimento Livre Esclarecido**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS - FLet

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL MESTRADO EM LETRAS  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa ***AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA COARIENSE: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO***, sob a



responsabilidade da pesquisadora ILNA KELLY FERREIRA DOS SANTOS, a qual pretende traçar o perfil fonético-fonológico do português falado em comunidades da Costa do Juçara (localidades pertencentes a parte rural da cidade de Coari) e em bairros da cidade de Coari (AM).

Sua participação é voluntária e se dará por meio de gravações em áudio que serão incorporados ao banco de dados, cuja responsável zelará pelo uso e aplicabilidade das amostras exclusivamente para fins científicos. Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa são possíveis preconceitos que serão evitados, já que estarei preservando sua identidade. Poderá ocorrer também um pequeno constrangimento, por eu ter que usar um gravador e um microfone, mas se você se sentir incomodado (a), me comunique que eu cancelarei imediatamente a entrevista. Caso ocorra algum problema ocasionado pela pesquisa, ele será resolvido e seus efeitos minimizados. No entanto, se você aceitar participar, estará contribuindo para o estudo Fonético-fonológico do Município de Coari do Estado do Amazonas.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (92) 98462-6003, pelo e-mail: [ilnaufam@gmail.com](mailto:ilnaufam@gmail.com) ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa– CEP/UFAM, na Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, Coroado I, Manaus-AM, 69067-005 telefone (92)3305-1480.

Consentimento-Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data:            /            /

Assinatura do Responsável

Assinatura do participante